

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA, CULTURA E IDENTIDADES

ANGÉLICA NOBRE DA LUZ

AS FESTAS DE SANTO E SEUS SUJEITOS HISTÓRICOS: memórias e experiências  
dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 – 2014)

PONTA GROSSA

2016

ANGÉLICA NOBRE DA LUZ

AS FESTAS DE SANTO E SEUS SUJEITOS HISTÓRICOS: memórias e experiências  
dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 – 2014)

Dissertação apresentada como requisito para  
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-  
Graduação em História da Universidade Estadual  
de Ponta Grossa, na linha de pesquisa Instituições e  
sujeitos: saberes e práticas.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Rosângela Wosiack Zulian

PONTA GROSSA

2016

**Ficha Catalográfica**  
**Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG**

L979           Luz, Angélica Nobre da

                  As festas de santo e seus sujeitos históricos: memórias e experiências dos itaiacocanos da Roça Velha (1960 - 2014)/ Angélica Nobre da Luz. Ponta Grossa, 2016.

                  126f.

                  Dissertação (Mestrado em História, cultura e identidades - Área de Concentração: História, cultura e identidades), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

                  Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosângela Wosiack Zulian.

                  1.Roça Velha. 2.Festas de santo. 3 .Memórias. 4.Identidades. I.Zulian, Rosângela Wosiack. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestrado em História, cultura e identidades. III. T.

CDD: 981.62



## TERMO DE APROVAÇÃO

**ANGÉLICA NOBRE DA LUZ**

**AS FESTAS DE SANTO E SEUS SUJEITOS HISTÓRICOS: MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DOS ITAIACOCANOS DA ROÇA VELHA (1960-2014)**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História – Mestrado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 21 de julho de 2016, pela seguinte banca examinadora:

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. ROSANGELA WOSIACK ZULIAN (UEPG)  
(Orientadora)

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. VANDA FORTUNA SERAFIM (UEM)

Prof. Dr. EDSON ARMANDO SILVA (UEPG)

Ponta Grossa, 21 de julho de 2016.

*A todos os itaiacocanos, de morada e de coração, em especial a minha família, e todos aqueles dividiram suas histórias e possibilitaram a realização dessa pesquisa.*

## **AGRADECIMENTOS**

À minha mãe, Loita Nobre da Fonseca, pelo amor incondicional e o suporte em todos os momentos da minha vida. Por acreditar em mim e nunca me deixar desistir. Por secar minhas lágrimas, acalmar minhas angústias e cuidar de mim. Por todos os mimos que me preparou, as guloseimas que prepara todos os dias para me animar, e por todas as vezes que cumpriu minhas obrigações enquanto eu estava ocupada com essa pesquisa.

À meu pai, José Maria da Luz, pelo amor, cuidado e suporte financeiro, sem o qual eu não teria conseguido nem ao menos começar a graduação. Por sempre acreditar no meu potencial e sempre me incentivar a ir além. Pelas caronas, pelas idas até Itaiacoca, por emprestar o carro para as viagens, e também por abrir as portas da Roça Velha, sem essa abertura essa pesquisa não poderia ter sido realizada. E ainda por me ensinar o real valor das coisas e das pessoas e plantar em mim a semente de amor à terra, aos itaiacocanos e a Itaiacoca.

À Matheus, melhor amigo, companheiro de pesquisa e parceiro na vida. Por todo amor, dedicação e carinho que me foram oferecidos desde quando nos conhecemos na graduação. Pelo auxílio nas entrevistas e nas fotografias, nas discussões teóricas e metodológicas e também pelas revisões e correções no meu texto. E pelas horas de desespero que partilhamos e também por todos os bons momentos que vivenciamos.

À professora Rosângela Wosiack Zulian pelo apoio durante essa caminhada, pelas orientações e conselhos durante as diferentes etapas dessa pesquisa. Pela confiança que depositou em mim e em meu trabalho, e por todas as vezes que me acalmou e com palavras sábias me mostrou o caminho.

Aos meus irmãos e amigos, pelas horas de sossego e diversão que me faziam voltar revigorada a pesquisa. Também as minhas afilhadas, que em cada visita, traziam ventos de felicidade e alegria nos momentos de angústia.

À minha família, os “Arlindos” da Boa Vista, cuja história fui descobrindo e conhecendo ao longo dessa jornada, em especial ao meu avô Arlindo da Luz e Souza, cuja história eu gostaria muito ter incluído nessa pesquisa.

A meus entrevistados, por abrirem suas casas e suas vidas e por partilharem comigo suas histórias e experiências. Pelos cafés, almoços, bolinhos e chimarrões regados de histórias alegres e tristes.

Aos freis Luizinho Marafron e Valdir Possami, pela disponibilidade de tempo e pelo empréstimo dos Livros Tombos de suas respectivas paróquias.

Aos professores Edson Armando da Silva e Niltonci Batista Chaves pelas contribuições e reflexões durante o processo de qualificação.

Aos professores Alessandra Isabel Carvalho, José Augusto Leandro e em especial a professora Silvana Maura Batista de Carvalho, pelo incentivo e interesse na pesquisa, e mais ainda por acreditarem no meu potencial e me darem forças para continuar.

A John Goés, pelo trabalho na confecção dos mapas.

A Henry Mazer do IBGE de Ponta Grossa, pela paciência e disponibilidade de passar uma tarde toda me ensinando a usar o banco de dados do IBGE.

À CAPES pela bolsa de mestrado.

A Deus, a Santa Mãezinha Aparecida e a São Judas Tadeu.

*Esta história, é a história de um gaitero,  
que ficou muito afamado  
Tocando baile, com uma gaita emprestado  
Depois que comprei a gaita, fiquei famoso  
por toda a região  
Tocava em baile de casamento, aniversário  
e também de puxirão  
Onde eu fui tocar o baile era um bairro,  
perto da Conceição*

*Chegando lá, fui muito bem recebido  
Perguntei pro dono do puxirão: -Como foi?  
E ele me respondeu: -Fui muito bem, fiquei  
com tudo a roça carpida.*

*Eu fui entrando no empalizado e aquele  
povo foi me cumprimentando  
Todo muito falava: -Agora vai começar o  
baile, que o gaitreiro está chegando*

*Eu peguei a gaita e em um canto fui  
sentando  
Não sabia que em cima de mim, tinha uma  
galinha chocando  
Comecei a tocar e logo me começou a  
coçar  
Toquei cinco modas, não pude mais  
aguentar  
Eu saí para fora, já percebi o que eu tinha  
A coceira era piolho de galinha*

*Eu fui no mato, fiz um fogo e a roupa fui  
tirando  
E logo fui sapecando  
Só vejam o perigo que eu estava  
enfrentando  
Deu tudo certo, vesti a roupa e pro baile fui  
voltando*

*O dono do puxirão me encontrou e  
perguntou por quê que estava demorando  
Eu falei para ele: -E estava descansando  
E ele me respondeu: -E já percebi o que é  
que tinha  
Me desculpe, eu não sabia que em cima de  
você tinha piolho de galinha  
Mas pode continuar tocando. Eu vou  
buscar uma pinga para você tomar*

*Logo foi chegando com um copo de pinga  
adoçado com mel  
E falou pra mim: -Toque uma valsa pra  
mim dançar com a minha mulher  
Eu respondi: -Toco já  
-Pode a sua mulher, convidar  
Toquei uma valsa muito bem compassado,  
que lotou tudo o salão  
Todo mundo gritava: -Viva o gaitreiro e o  
dono do puxirão!*

*E continuei tocando, já estava quase  
cansando  
Mas logo, escutei, os galo estavam  
cantando  
O dono do puxirão veio e me falou:*

*-Esta é a última moda que você vai tocar,  
porque já é dia a o baile vai terminar  
- E quanto que é?  
Eu respondi: -Pode dar o que quiser*

*Continuei tocando, amanheceu o dia e pra  
casa fui voltando  
Andando, um pouco, a pé  
Onde tinha deixado a minha mula, na casa  
do compadre José  
Aí, chegando lá na casa dele, fomos tomar  
um chimarrão  
Ele me falou pra mim: -Neno, largue esta  
profissão  
Graças a Deus, não tem precisão*

*Eu vim pra casa e aquela palavra não me  
saiu da lembrança  
Cheguei na minha casa e falei pra minha  
mulher:  
-Não vou tocar baile mais longe, só vou  
tocar pra vizinhança*

*E esta foi a história de um grande amigo  
meu, que era o dono do puxirão  
Que era o Guinélio Batista, que morava no  
bairro da Conceição*

*(Afonso “Neno” da Luz)*



## **RESUMO:**

Esta dissertação propõe discutir as formas pelas quais os trabalhadores rurais da comunidade da Roça Velha, no distrito de Itaiacoca (Ponta Grossa – PR) experimentaram as Festa de Santos, práticas comuns no distrito até meados de 1990. A pesquisa também procura destacar as formas pelas quais esses indivíduos rememoram e experimentam as festas hoje, a partir de suas condições atuais, inclusive de migrantes da zona rural. Para isso a pesquisa contextualiza o distrito e a comunidade rural, em suas transformações e permanências, durante as décadas de 1960 e 2014. Também apresenta as festas, em sua dinâmica e rituais, bem como a relação da Igreja Católica com essas práticas. Para, por fim, discutir como em meio a tantos processos esses indivíduos experimentaram as festas e que papéis essas tiveram na construção de suas identidades.

**Palavras-chave:** Roça Velha, Festas de Santo, memórias, identidades.

## **ABSTRACT:**

This dissertation aims to discuss the ways in which rural workers from Roça Velha's community, in Itaiacoca's district (Ponta Grossa – PR) experienced the Feast of the Saints, common practices in the district until mid-1990's. This issue attempt to highlight the ways in which these individual recall and experience the festivities today, from his current conditions, including of migrants from countryside. In order to this, the research contextualizes the district and rural community, in its transformations and permanencies, during the 1960s and 2014. It also present the festivities, in its dynamics and rituals, as well as the relation of the Catholic Church with these practices. To finally discuss how among many processes this individuals experienced the feasts and what roles have in the building of their identities.

**Key-words:** Roça Velha, Feast of the Saints, memories, identities.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

MAPA 01 – Distritos Administrativos de Ponta Grossa.....	21
MAPA 02 – Localidades de Itaiacoca.....	23
MAPA 03 – Território da Freguesia de Ponta Grossa – 1823 – 1879.....	25
MAPA 04 – Comunidade da Roça Velha e seus arredores.....	40
FIGURA 01 – Matéria Jornal Diário Paraná – 1974.....	35
TABELA 01 – Taxa de crescimento e decréscimo da população de Itaiacoca, de 1950 à 2010.....	38
TABELA 02 – Média de pessoas das unidades familiares agrícolas ocupadas com atividades externas e aposentadoria.....	48
TABELA 03 – Principal ocupação da população economicamente ativa da Roça Velha – julho de 1998.....	49

## LISTA DE FOTOS

FOTO 01 – Agricultor e seus animais.....	29
FOTO 02 – Crianças e os animais.....	29
FOTO 03 – Times de futebol de Itaiacoca.....	31
FOTO 04 – Times de futebol de Itaiacoca.....	31
FOTO 05 – Criação de Suínos.....	42
FOTO 06 – Participantes do puxirão.....	44
FOTO 07 – Puxirão de aradores.....	45
FOTO 08 – Membro do ajudório da festa.....	60
FOTO 09 – Mesada de anjos.....	61
FOTO 10 – Andores da festa.....	62
FOTO 11 – Altar, andores e anjinho.....	62
FOTO 12 – Procissão do Divino Espírito Santo – 1990.....	63
FOTO 13 – Procissão do Divino Espírito Santo – 2015.....	64
FOTO 14 – As prendas da festa – os pães doces.....	65
FOTO 15 – Casa e capela de seu Neno.....	76
FOTO 16 – Capela do Divino Espírito Santo.....	77
FOTO 17 – Altar do Divino Espírito Santo.....	78

## SUMÁRIO

	<b>Introdução.....</b>	13
1	<b>Capítulo I - Descobrindo Itaiacoca e a Roça Velha.....</b>	21
1.1	Itaiacoca – de produtor agrícola a exploração mineralógica.....	21
1.2	A produção agrícola e os lavradores.....	26
1.3	Modernização: o talco e o reflorestamento.....	33
1.4	Roça Velha: o viver e o plantar.....	39
1.4.1	Nos rastros da urbanização: as décadas de 1970 e 1980.....	46
2	<b>Capítulo II – As Festas de Santo: religião e religiosidade.....</b>	53
2.1	O catolicismo se organiza no Brasil.....	56
2.2	As festa religiosas: “Dia Santo: Hora das Rezas” .....	57
2.3	A Igreja e seus desdobramentos.....	66
2.4	A inserção da Igreja Católica em Itaiacoca.....	68
2.4.1	Enfim chegou o padre! A Igreja na Roça Velha.....	72
2.5	As festas da Roça Velha hoje: Divino Espírito Santo, São Miguel e os padroeiros	75
3	<b>Capítulo III - Experimentando a Roça Velha e as festas religiosas.....</b>	83
3.1	A experiência do migrante.....	84
3.2	Os moradores.....	99
3.3	Os festeiros.....	107
4	<b>Considerações finais.....</b>	116
5	<b>Fontes Orais.....</b>	120
6	<b>Fontes auxiliares.....</b>	121
7	<b>Referências Bibliográficas.....</b>	123

**Introdução:**

Posso dizer que a temática dessa pesquisa nasceu junto comigo, em 1991, quando na comunidade da Boa Vista, localidade vizinha da Roça Velha, no distrito de Itaiacoca –PR, minha mãe e meu pai começavam sua família. Vivi na comunidade até os 5 anos de idade, quando migramos para a cidade de Ponta Grossa, para um novo começo.

O distrito de Itaiacoca sempre foi para mim lugar de família e de memórias, todas as vezes que voltava, sentia saudades dos avós e parentes, dos bichinhos e do cachorro que não pode vir conosco na mudança. E foram muitas as vezes que visitei, a cada folga disponível da escola, nas férias escolares, nos feriados, o lazer em família era sempre direcionado a Itaiacoca. Nesses retornos, enquanto eu brincava pelos arredores, meus pais se integravam àqueles costumes que na cidade já não podíamos mais ter, matavam porcos e galinhas, preparam alimentos típicos, como o chouriço e torresmos. Estávamos em casa, mesmo que aquela não fosse mais a nossa casa.

Com o passar do tempo, minhas visitas diminuíram, a família foi migrando e os lugares foram ficando vazios, o que sobrava era a terra, a natureza incrível e a tradição de pelo menos três gerações. Para mim, a terra não significava nada por si só, eu não havia crescido especificamente naquele espaço, e para mim era apenas um lugar muito bonito. Mas eu percebia que cada vez que visitamos os lugares vazios, meus pais e meus tios ficavam muito tristes, ao ver os campos abandonados, a mata tomando conta da casa e de certa forma todas as memórias deles sendo perdidas. Eu percebi naquele momento, que aquele espaço significava muito mais para eles do que eu podia experimentar.

Quando ouvia histórias do passado, da família, das festas e de tudo que minha família viveu em Itaiacoca sempre ficava extasiada, por imaginar como era viver sob aquele sistema, todos os sofrimentos e também todas as pequenas e singelas alegrias. Nas alegrias estavam sempre as histórias das festas religiosas, que me pareciam, ao ouvir, serem festivais maravilhosos de música e divertimento.

Quando fui a uma delas aos 6 anos, fiquei decepcionada, ouvia pessoas cantando, em línguas que não conhecia, pessoas que não conhecia, e não parecia nenhum pouco divertido. Anos mais tarde quando participei novamente, pareciam espaços de fé e tradição, e com uma comida muito boa e uma hospitalidade melhor ainda. Mas as memórias de meus pais eram muito diferentes ao falarem dessas práticas, o espaço que viviam não era o mesmo que eu vivia, portanto não podia ver as festas como eles enxergavam. Sempre fui curiosa a esse respeito, e me deleitava com as histórias e memórias, e guardando-as na minha mente, pude usá-las quando a oportunidade surgiu.

E a oportunidade veio com o mestrado, ao pensar na possibilidade de um projeto, a minha primeira decisão foi que teria que ser sobre Itaiacoca, como uma maneira de autorreflexão e também de homenagem as minhas raízes, além é claro de dar voz a um distrito tão próximo de Ponta Grossa, tão importante para o desenvolvimento da cidade, que nunca teve sua história contada pela perspectiva daqueles que a construíram.

Embora tivesse em mente que Itaiacoca seria meu *locus* de estudo, não tinha certeza quanto a questão de partida, e o problema que me moveria. Ao refletir, a primeira questão foi o aspecto religioso, pois as festas pareciam ser muito relevantes para seus participantes, mas ao decorrer da pesquisa, percebi que as festas eram mais do que apenas o aspecto religioso e minha perspectiva estava limitando minhas possibilidades, então decidi ampliar minha visão e tomar outra perspectiva, e o principal foi repensar as festas.

Quando pensava nas festas, eu me recordava de muitas pessoas, muita comida, de canções estranhas e rezas esquisitas, a maioria numa língua incompreensível, e questionava meus pais e avós do porquê dessa participação, não parecia haver nada especial que fizesse com que viajássemos mais 40 km para participar, pois como me recordava não bastava ir até lá, era obrigatória a participação, em todos os aspectos, desde a ajuda na preparação aos rituais religiosos.

No entanto, se para mim não havia motivo aparente para estar ali, para meus pais, avós, tios e muitos conhecidos, havia muitos motivos para participar, dos quais eu não compreendia nenhum.

Quando refleti sobre esses aspectos, pensei primeiro no aspecto religioso, mas como frequentávamos a igreja perto de casa e íamos com frequência as novenas e terços, esse não parecia ser o fator. Depois associei a comida e as pessoas, que com toda certeza eram uma parte da razão de estarmos ali, rever os amigos, os compadres e a família. Mas parecia que havia algo mais complexo e profundo do que isso.

A medida que fui crescendo e participando de outros espaços, fazer parte daquelas práticas parecia tortura, e no auge da rebeldia adolescente eu questionava porque deveria participar se elas não faziam nenhum sentido e não significavam nada para mim. Significado e sentido, foram nessas palavras que percebi que era exatamente isso que me faltava.

Embora eu partilhasse de várias identificações, como a linguagem, memórias, histórias, e reconhecesse os símbolos e rituais, para mim eles não faziam sentido, e juntos não tinham significado algum. Mas por que isso? Eu fui educada nesse lugar, minha relação com a terra e com as pessoas era grande, por que não conseguia me relacionar com as festas?

Essa discussão só tomou forma quando durante as disciplinas do mestrado chegamos às discussões de memória, experiências e identidades. Percebi que o que faltava eram as experiências. Entendi que as experiências compartilhadas é que fazem a comunidade se unir em torno da festa, é a experiência na lida com a terra, da participação em carpidas e mutirões, nas festas religiosas anteriores e nos bailes, todas elas serviam como ferramentas para que significassem aquelas festas daquela maneira. E de fato para mim elas nunca vão significar algo semelhante aos indivíduos que há 30 anos delas participam, e que têm uma carga de experiências muito diferentes da que eu tenho.

Foi então que direcionei o trabalho para outra perspectiva, não apenas a religiosa, que era a ideia inicial, mas focando nas experiências desses indivíduos nas festas religiosas, e na forma como as experiências foram usadas na construção e reconstrução das identidades desse grupo. Assim consegui unir as festas, as experiências, memórias e identidades e percebi que meu objetivo devia relacionar esses fatores aos processos pelos quais a comunidade viveu e as formas pelas quais eles foram se modificando.

O objetivo principal dessa pesquisa é compreender de que forma os itaiacocanos da Roça Velha, moradores e ex-moradores, experimentaram as festas religiosas e que papéis essas tinham e têm no processo de constituição das identidades, frente a todos os processos e tensões enfrentados pelos itaiacocanos da Roça Velha nesse período.

Embutidos nesse objetivo estão a caracterização das festas religiosas, seus aspectos religiosos e rituais, a caracterização do contexto socioeconômico e cultural vivido pela comunidade ao longo do período, a relação com os processos de modernização e urbanização, a relação da Igreja Católica com a comunidade e as decorrências dessa relação.

Para atingir todos esses objetivos precisei recorrer a diversos relatórios, matérias de jornais e uma série de documentos que permitissem compreender como se deu a formação de Itaiacoca e por que processos o distrito rural passou ao longo dos anos para se tornar no que é hoje. Eu precisava entender a trama, o contexto que levava os itaiacocanos a experimentar a festa das maneiras que foram experimentadas. Nesse momento também precisei fazer um recorte geográfico, pois devido ao tamanho do distrito procurei me concentrar na comunidade mais central, aquela que teria o acesso facilitado, decidi então focar na região da Roça Velha. Com ajuda de dados do IBGE, de relatórios de projetos de outras áreas e também com matérias de jornais da época, entre eles A República, Diário do Paraná, Gazeta Paranaense e Última Hora procurei entender o contexto de meus entrevistados.

Também era necessário contextualizar o processo de formação religiosa, e para isso contei com a ajuda dos Livros Tombos das Paróquias Bom Jesus e Nossa Senhora Imaculada



Conceição, além de outros documentos da Diocese de Ponta Grossa que esclarecessem a participação da Igreja na formação do distrito e na religiosidade dos Itaiacocanos.

Observações *in loco* também foram realizadas na comunidade, na festa do Divino Espírito Santo e em algumas festas de padroeiro da capela da comunidade, a fim de se compreender a dinâmicas desses espaços hoje e também da dinâmica da comunidade. As visitas a comunidade e a esses espaços foram feitas entre os anos de 2014 e 2016, e foram essenciais para se integrar na comunidade, conhecer os moradores e ex-moradores, e também perceber como as festas eram realizadas, quem eram seus atores sociais e como a comunidade se comporta em relação a elas.

Com relação as festas de santo, esta observação foi participativa. Participei das diferentes etapas de organização e do próprio festejo, frequentando os diferentes espaços e momentos. Durante as participações me foi possível conhecer os atores sociais das festas e a forma como se relacionam com elas. As conversas que tive nesses espaços, se mostraram muito significativas, através dela pude perceber que relações os indivíduos participantes tem com as festas e como as experimentam.

Ao tratar dessas experiências e memórias, percebi que essas só seriam conseguidas através dos sujeitos históricos e suas narrativas, e assim essa pesquisa entrou no caminho da História Oral. As entrevistas se tornaram as fontes principais dessa pesquisa, e para isso foram realizadas sete entrevistas, com moradores e ex-moradores da comunidade da Roça Velha e das proximidades. Os entrevistados foram sendo escolhidos ao longo da pesquisa, e de acordo com que os próprios depoentes indicavam, pois há uma certa dificuldade de se chegar até as propriedades sem um aviso prévio.

Ao tratarmos da História Oral e de seus desdobramentos, tenho em mente que, embora as narrativas sejam fontes históricas como quaisquer outras, os entrevistados são pessoas, sujeitos ativos em suas histórias e estão constantemente rememorando e ressignificando suas vivências.

Para que a análise dessas narrativas pudessem ser concretizadas buscou-se auxílio em algumas ferramentas teóricas, entre as quais estão principalmente, concepções teóricas ligadas aos conceitos de, memória, identidades, experiência e de topofilia.

A memória, é vista aqui como um fenômeno construído individual e socialmente, em conjunto com as nossas experiências e vivências. A memória também é seletiva, sendo organizada de acordo com nosso momento presente, nossos anseios, desejos e preocupações.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 05, ano 10, p. 200 – 212. p. 204.

Assim, mais do que ligadas ao passado, as memórias encontram referência no presente e nas projeções futuras, e são estes que ditam as regras sobre o que lembrar e de que maneira fazê-lo. Estamos em constante re-presentificação, trazendo para o nosso hoje memórias do nosso passado, de acordo com as interrogações e necessidades do nosso presente.

A memória é, dessa forma, um processo contínuo de construção e reconstrução do passado, que é feito a partir das ressignificações do presente, que está sempre em construção. Sendo assim, ela não é só um amontoado de recordações, é “uma retenção afetiva e “quente” do passado feita em relação a outros tempos”<sup>2</sup>, ou seja, a memória é um processo que está ligado ao contexto sociocultural em que o indivíduo está no presente, bem como suas expectativas de futuro. Sobre isso Samuel fala:

Memória é historicamente condicionada, mudando de cor e forma de acordo com o que emerge no momento; de modo que, longe de ser transmitida pelo modo intemporal da “tradição”, ela é progressivamente alterada de geração em geração. Ela porta a marca da experiência, por maiores mediações que esta tenha sofrido. Tem estampas, as paixões dominantes de seu tempo. Como a história, a memória é inerentemente revisionista, e nunca é tão camaleônica como quando parece permanecer igual.<sup>3</sup>

A memória é também constituída a partir do contato com o outro, através das relações que os indivíduos formam com o meio social em que vivem e com os grupos a que pertencem é que reformulam suas memórias. A formação da memória é, desta forma, inseparável da maneira como os indivíduos se relacionam com os grupos a sua volta, as maneiras como partilham memórias com alguns grupos e se distanciam de outros. Esse processo, porém, é feito de tensões, sejam internas ou externas aos grupos, onde as memórias de um grupo conflitam entre si e entram em confronto com outros grupos, buscando legitimação.

Outra base desta pesquisa está no conceito de identidade, que está intimamente ligado a noção de memória. Memória e identidade, mesmo sendo diferentes, estão relacionadas estreitamente. Segundo Candau, a linha que separa a memória e a identidade é tênue, pois, não pode haver memória sem identidade como também não haveria identidade sem a memória. Este autor afirma que a memória constitui nosso sentimento de continuidade, pois ela fornece quadros de orientação e classificação que nos conduzem, mas sem a identidade, que dá significado a esses enquadramentos e sequências temporais, esses fatos seriam apenas meras lembranças sem significados e sentimentos.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001. p. 20.

<sup>3</sup> SAMUEL, Raphael. Teatros da memória. Projeto História, São Paulo, v. 14, 1997. p.44.

<sup>4</sup> CANDAU, Joël. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Revista Memória em Rede**. Pelotas, vol.1, n.1, p. 43-58, dez/2009-mar/2010. p. 46 – 47.

E as memórias são, segundo Pollak, “elementos constituintes do sentimento de identidade”, que emergem dos contextos e dos grupos nos quais os indivíduos estão inseridos e das tensões no seio do grupo e fora dele.<sup>5</sup>

O processo de construção das identidades é feito através da forma como cada indivíduo interage com o outro, com grupos aos quais pertence e com as relações que estabelece entre aquilo que o faz pertencer a determinado grupo e o distingue dos outros. As identidades também são múltiplas, levando um mesmo indivíduo a pertencer a vários grupos distintos, sem necessariamente haver conflito por isso ou seja, na lógica dos indivíduos eles são partes constituintes de um todo.

As identidades também estão alocadas no contexto social e nos diferentes grupos que o indivíduo está inserido, pois “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros”.<sup>6</sup>

Nota-se que tanto o processo de formação das identidades e das memórias é contínuo, já que o indivíduo está sempre modificando a maneira como re-presentifica o seu passado e como representa a si mesmo, a partir do seu presente e do seu meio social.

Porém, mesmo que os moradores tenham sido postos em diferentes situações, que transformaram diversos aspectos de suas vidas, o que os ainda une as suas terras e a cultura do campo, mesmo que ali não mais residam, são as memórias e experiências compartilhadas. São elas que fazem com que se sintam itaiacocanos e compartilhem dos mesmos códigos e significados.

Nota-se que os narradores convivem com situações e objetos que tendem a desenraizá-los. Porém, porque estão assentados em memórias do fazer e do saber e, principalmente, porque permanecem ligados à terra como pequenos sítiantes, agregados ou meeiros se reforçam na sua expressão popular de cultura. Há, ainda, aqueles que perderam a condição de pequenos proprietários ou nunca tiveram terra: estes têm a memória da lida com a terra, mas não a da sua posse. Este fato, porém, não impede que todos se situem como partícipes de uma cultura marcadamente rural, porque não é a posse da terra que os torna roceiros, mas a vivência nela e a sobrevivência graças ao saber sobre ela.<sup>7</sup>

A experiência, então, tornou-se um dos conceitos- chave para essa pesquisa, e aqui é vista com um processo no qual os indivíduos, em meio a determinados fenômenos, constroem a si mesmos, a partir de suas vivências e memórias. Para Nicolazzi a experiência

diz respeito a um processo no qual, segundo condições tais, dá-se um fenômeno cuja construção é simultânea à constituição daquele que age enquanto sujeito. No que é

<sup>5</sup> POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Op. cit. p. 204.

<sup>6</sup> Ibidem.

<sup>7</sup> PAULA, Maria Helena de. Considerações breves sobre cultura rural. **Revista OPSIS**, v. 08, n.11, p. 257 – 274. outubro de 2008. p. 272.

tido como óbvio, esse é o dado prévio fundamental: a experiência histórica refere-se à experiência de um sujeito da história. Alterando-se o foco, é possível inserirem-se alguns outros dados nesse problema, abstraindo-se sua evidente obviedade: experiência e subjetividade tornam-se mais compreensíveis quando relacionadas com duas outras categorias, quais sejam, ação e tempo. O resultado é o enlace entre um sujeito da ação e sua experiência de tempo.<sup>8</sup>

Nessa perspectiva, entendo que a experiência está relacionada ao “fazer-se”<sup>9</sup> desses indivíduos, que sendo atores sociais, em meio a grandes processos, foram construindo a si mesmos, a partir de suas interpretações desses processos e das formas pelas quais os significaram.

No contexto dessa pesquisa, a experiência possibilita o entendimento das maneiras pelas quais os itaiacocanos interagiram com o distrito, as festas religiosas, e suas transformações ao longo das décadas, bem como compreender as formas pelas quais esses sujeitos rememoram e ressignificam essas ações e suas memórias.

Com relação a Itaiacoca, e em especial a comunidade da Roça Velha, percebo que esses indivíduos enfrentaram diversos processos e transformações ao longo das décadas, e foram construindo e reconstruindo suas identidades a partir dos novos contextos socioculturais que foram inseridos. A migração, os novos espaços e novas relações sociais e de trabalho, afetaram a forma como esses agricultores se veem e como se relacionam com o mundo e com a Roça Velha.

O conceito de topofilia também se mostrou muito importante para essa pesquisa, utilizado aqui, a partir da perspectiva do geógrafo Yi-u Tuan, este conceito discute a relação entre o lugar e seus sujeitos, especificamente o elo afetivo que existe entre o indivíduo e seu lugar. Por tratar de sujeitos ligados ao campo e a natureza, esse conceito permitiu discutir as formas pelas quais esses indivíduos se sentem ligados a Itaiacoca, principalmente aqueles que se encontram em situação de migração.

Dito isso, esse trabalho está organizado em três capítulos, no Capítulo I apresento ao leitor o Itaiacoca e a Roça Velha, os aspectos da formação política do distrito, da organização, bem como questões econômicas ligadas ao trabalho na lavoura e na pecuária. O viver na Roça Velha, na perspectiva dos moradores, suas formas de trabalhar, de lazer e sociabilidade, são trazidos nesse capítulo. Também abordo as tensões e transformações do distrito ao longo das décadas, como a implantação das indústrias mineradoras e de reflorestamento e suas

---

<sup>8</sup> NICOLAZZI, Fernando. A narrativa da experiência em Foucault e Thompson. **Anos 90**. Porto Alegre, v.11, n. 19/20, p.101 – 138, 2004. p.122.

<sup>9</sup> THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária**. Rio de Janeiro: Paz e terra. 1987.

transformações na comunidade. Neste capítulo a migração e a transformação do espaço rural e as estratégias dos moradores para se manterem no distrito também são apresentadas aos leitores.

O Capítulo II aborda a formação religiosa das comunidades e do distrito. A caracterização das festas, seus rituais, organização, preparação, e também como são narradas e lembradas pelos entrevistados. O processo de inserção da Igreja nas comunidades, a relação desta com as festas e com os moradores também são abordados nesse capítulo.

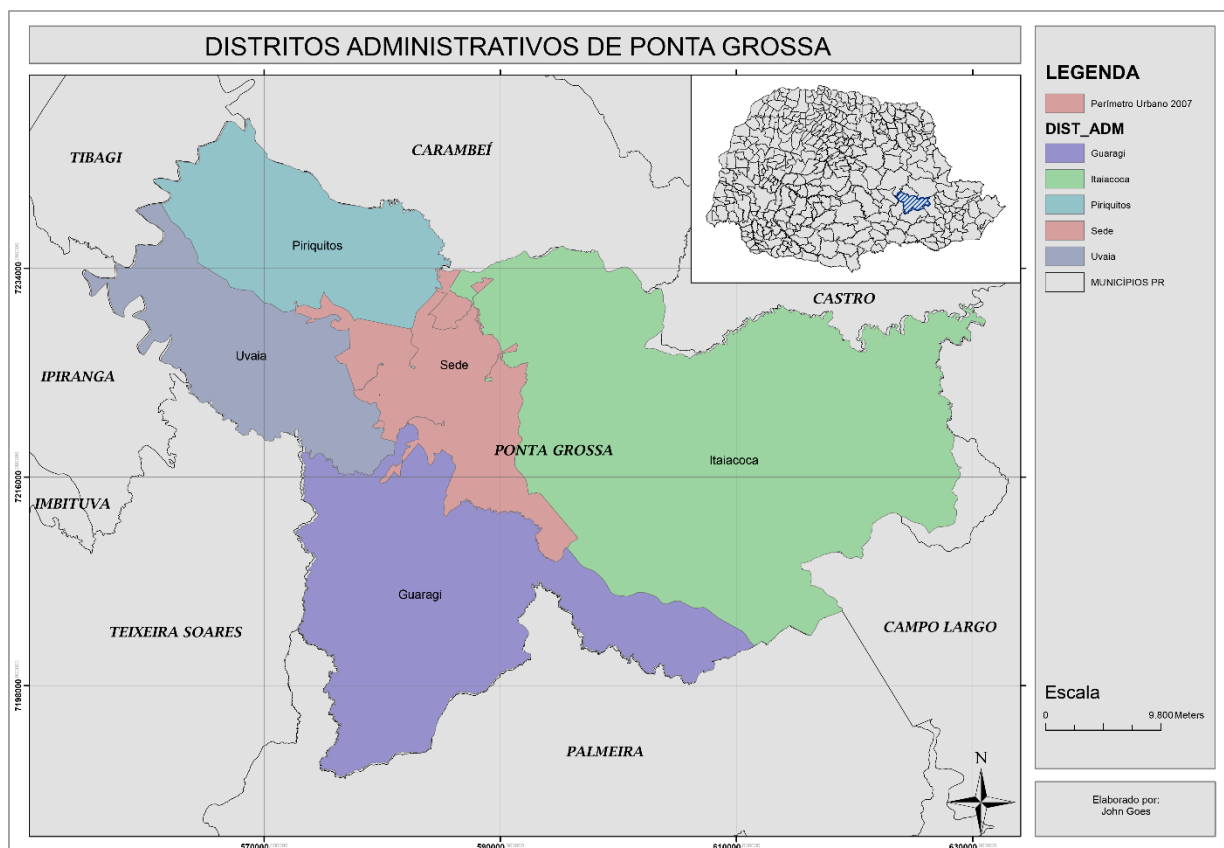
O terceiro capítulo é dedicado às entrevistas, onde discuto como as festas foram experimentadas por esses indivíduos e que processos os levaram a percebê-las dessa forma. Também discuto a relação das festas com a formação da identidade dessa comunidade e sua relação de pertencimento com Itaiacoca. Este capítulo é dividido em três seções, nas quais as entrevistas foram organizadas a formar três eixos de análise: os migrantes, os moradores e os festeiros, a partir dos quais discuto as experiências dos entrevistados.

## 1. CAPÍTULO I – DESCOBRINDO ITAIACOCA E A ROÇA VELHA

### 1.1. Itaiacoca: de produtor agrícola à exploração mineralógica

Itaiacoca é um dos três distritos pertencentes ao município de Ponta Grossa – PR. A região conta com uma área de 663 km<sup>2</sup>, por onde estão espalhadas mais de trinta comunidades, estando as primeiras a aproximadamente 20 km do centro da cidade de Ponta Grossa.

MAPA 01 – Distritos Administrativos de Ponta Grossa



Distritos Administrativos de Ponta Grossa. Elaborado por John Goes. 2015. Documento digital.<sup>10</sup>

A maior parte da área do distrito encontra-se no Primeiro Planalto Paranaense, o que lhe dá características de relevo e vegetação diferentes de Ponta Grossa, que está no Segundo Planalto. O relevo é ondulado e acidentado, resultado da formação geológica da região, sendo a paisagem formada por elevações, vales e picos, fatores esses que sempre dificultaram o trabalho na agricultura.

<sup>10</sup> Como não foram encontrados mapas de Itaiacoca e das suas localidades, buscou-se auxílio nos dados do Plano Diretor Participativo da cidade de Ponta Grossa para elaboração dos mapas, feitos por John Lenon de Goes, acadêmico do curso de Licenciatura em Geografia da UEPG.

A formação geológica também proporcionou ao distrito um solo riquíssimo em minerais, principalmente talco, cal e calcário. As jazidas da região foram descobertas em 1917 e desde então se tornaram uma das principais fontes de renda do distrito, tendo seu auge na década de 1960, quando descobriu-se que estas eram uma das melhores jazidas de talco do mundo.

Na vegetação podemos encontrar capões de mata, capoeiras e pequenas áreas de matas de Araucárias, embora hoje o verde que mais se destaque seja na verdade das plantações de pinus e eucaliptos para reflorestamento.

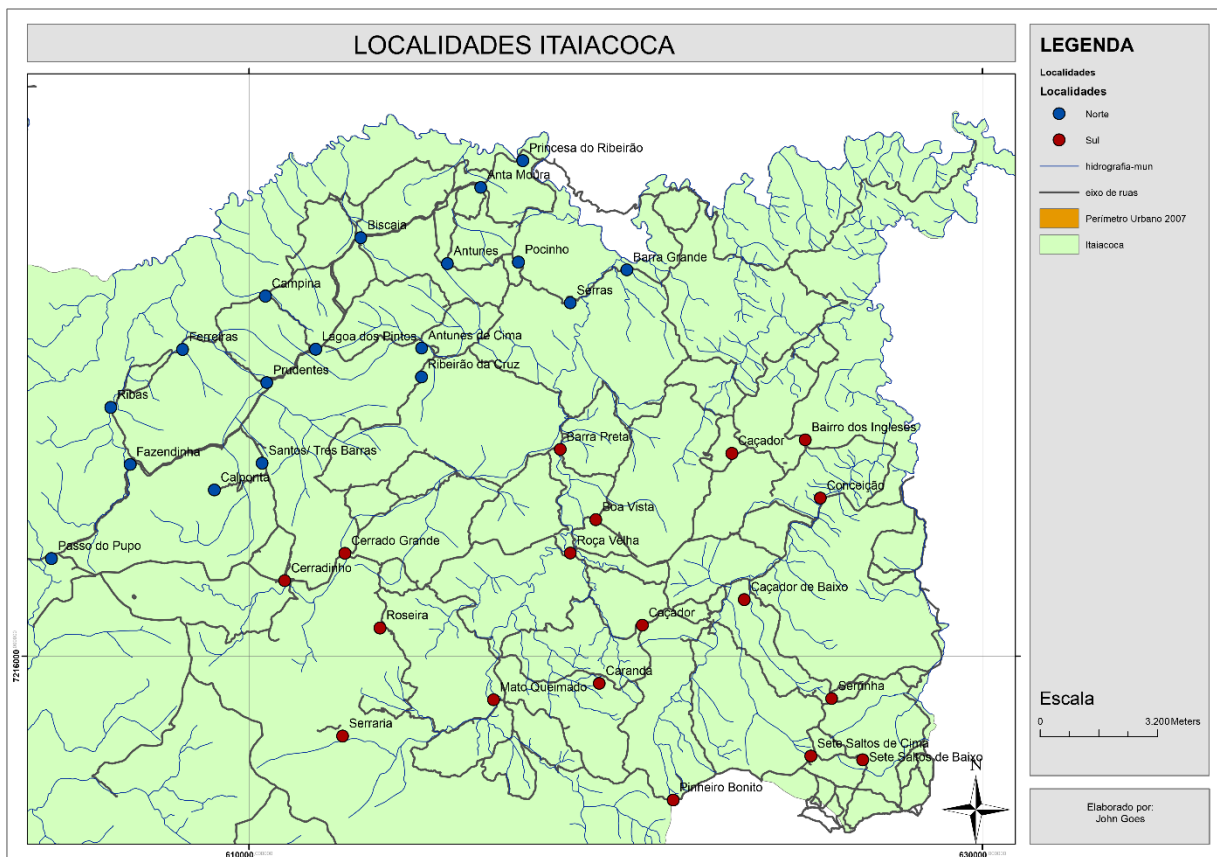
Em 2010, o censo apontava que 3.102 habitantes vivam em Itaiacoca, nas comunidades do Anta Moura, Antunes, Antunes de Cima, Barra Grande, Barra Preta, Biscaia, Boa Vista, Caetê, Caçador, Caçador de Cima, Caçador de Baixo, Carandás, Carazinho, Cerrado, Cerradinho, Cerrinho, Conceição de Cima, Conceição de Baixo, Ferreiras, Lagoa dos Pintos, Lavrinha, Mato Queimado, Menezes, Mina São José, Passo do Pupo, Princesa do Ribeirão, Pinheiro Bonito, Pocinho, Roseira, Ribas, Ribeirão da Cruz, Roça Velha, Santos, Serraria, Serrinha, Sete Saltos de Cima, Sete Saltos de Baixo, Três Barras, entre outras que são desconhecidas pelo registro da Prefeitura de Ponta Grossa<sup>11</sup>. Algumas dessas comunidades encontram-se isoladas e bem distantes uma das outras, e de acordo com sua formação possuem especificidades econômicas e sociais.

Para uma melhor compreensão das especificidades de Itaiacoca e das comunidades, dividiu-se, nesta pesquisa, o distrito em duas grandes regiões: Norte e Sul.

---

<sup>11</sup> Ponta Grossa – PR. Prefeitura Municipal de Ponta Grossa. Disponível em: <[www.pontagrossa.pr.gov.br](http://www.pontagrossa.pr.gov.br)>. Acesso em: julho de 2015

MAPA 02 – Localidades De Itaiacoca



Distritos Administrativos de Ponta Grossa. Elaborado por John Goes. 2015. Documento digital.

As comunidades da região Norte, destacadas em azul no mapa acima (Mapa 02), possuem a maior parte do trajeto de acesso pavimentada. Rede de energia elétrica, escolas do nível básico ao médio e uma unidade de saúde. É nessa região aonde se encontra a maior parte das jazidas de minerais do distrito, e foi a partir dessas minas que muitas dessas comunidades se desenvolveram.

As comunidades da região Sul, destacadas em vermelho, por sua vez, são formadas por pequenas propriedades familiares, intercaladas por grandes áreas de reflorestamento. Esta região conta com rede de energia elétrica, unidades de saúde, e uma escola do nível básico ao fundamental. A estrada de acesso a essas comunidades não é pavimentada, e em algumas épocas do ano se encontra em péssimas condições, devido ao fluxo contínuo de caminhões do reflorestamento e das chuvas.

Itaiacoca não possui linhas de transporte entre as comunidades, tendo apenas uma linha diária que dá acesso a Ponta Grossa, oferecida por empresas particulares, através de licitações perante a Prefeitura de Ponta Grossa. A linha circula apenas uma vez ao dia, partindo pela manhã, a partir 06:00 horas das comunidades mais afastadas, com retorno as



14:30 horas (partindo do Terminal de Ônibus Central de Ponta Grossa). As tarifas variam dos sete aos quinze reais de acordo com a distância da comunidade (salário mínimo de R\$ 788,00 - 2015).

Os adolescentes das comunidades do Sul não têm acesso ao Ensino Médio no distrito, e precisam se locomover até as escolas da cidade de Ponta Grossa. O transporte escolar é oferecido gratuitamente aos alunos pela Prefeitura Municipal, porém é ofertado apenas no período noturno, dificultando a continuidade dos estudos para alguns jovens.

Itaiacoca é oficialmente distrito de Ponta Grossa desde 1909, quando foi elevado pela lei nº 203 de 03 de janeiro desse ano, porém a formação dessa região remonta ao período das sesmarias e da expansão do tropeirismo.

A ocupação da região de Itaiacoca e de Ponta Grossa se deu durante o século XVIII com as doações de terras chamadas sesmarias, feitas pela Coroa Portuguesa a famílias ricas e influentes, principalmente de São Paulo, para a produção de alimentos.

A sesmaria que compreendia a região de Itaiacoca e de Ponta Grossa foi entregue ao capitão-mor Pedro Taques de Almeida, que mais tarde dividiu suas terras entre familiares e conhecidos. Com essas divisões fazendas, sítios e povoados foram se formando, dedicando-se a agricultura de subsistência e principalmente a criação de gado, uma das principais fontes de renda desse período<sup>12</sup>.

A sesmaria reunia para o trabalho posseiros oriundos das mais diversas regiões do Brasil, atraídos pela oferta de emprego. Também se encontram relatos da presença de povos africanos<sup>13</sup> e indígenas usados como mão de obra escrava para o trabalho. Algumas décadas mais tarde é registrada também a presença de povos europeus, entre eles russos, ingleses e italianos, intensificando ainda mais essa pluralidade étnica da região, e dando características singulares às comunidades que foram se formando ao longo dos anos<sup>14</sup>.

Com o advento do tropeirismo, várias tropas passaram pela região a caminho de São Paulo e Minas Gerais, e logo a região se tornou um local de paragem para as que buscavam descanso entre seus longos trajetos. Estas paragens deram origem a diversos povoados e vilas ao longo dos caminhos. Ponta Grossa foi um desses povoados, e surgiu primeiramente como um bairro pertencente a cidade de Castro.

---

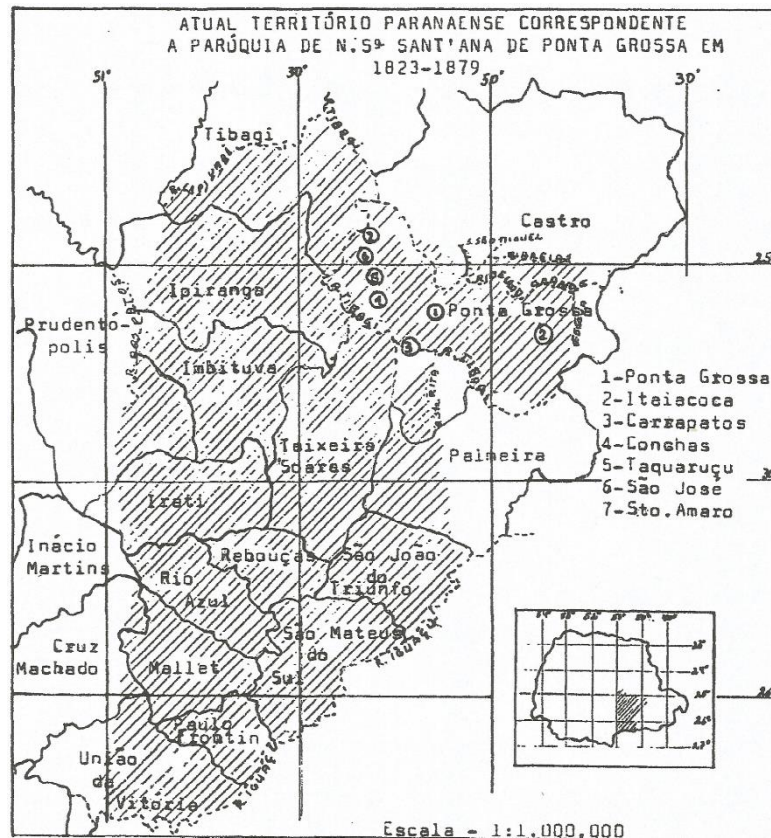
<sup>12</sup>DITZEL. Carmencita de Holleben Mello. **Manifestações autoritárias - O integralismo nos Campos Gerais (1932 – 1955)**. Tese (Doutorado em História). 2004. 297 p. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. p.27.

<sup>13</sup> A presença de povos africanos na região foi considerável, chegando a formar uma comunidade em Itaiacoca, conhecida como Palmital dos Pretos, que segundo moradores era refúgio para muitos fugitivos do regime escravocrata. A comunidade é hoje atendida pelo município de Campo Largo e em 2006 foi reconhecida como Comunidade Remanescente Quilombola Palmital dos Pretos.

<sup>14</sup> DITZEL. Carmencita de Holleben Mello. Op. cit. p.28-30

Devido ao amplo desenvolvimento econômico, baseado principalmente na criação de gado, em 1823, o bairro de Ponta Grossa foi elevado a Freguesia. No mapa abaixo vemos o que compreendia o território de Ponta Grossa nesse período.

MAPA 03 - Território da Freguesia de Ponta Grossa – 1823 - 1879



FONTE: Ata da instalação da Câmara Municipal de Ponta Grossa 1º Livro de Atas 1855 – 1862. *Apud.* GONÇALVES, 1979, p. 34.<sup>15</sup>

Neste mapa nota-se que Itaiacoca já aparece como um dos bairros que formavam a Freguesia de Ponta Grossa. Segundo Gonçalves, a origem desses povoados, incluindo Itaiacoca, é impossível de ser datada, mas em sua pesquisa sobre a Freguesia de Ponta Grossa, encontrou registros sobre esses bairros com as mesmas denominações já em 1820, quando estes integravam as Companhias de Ordenança da Vila de Castro.<sup>16</sup>

A Freguesia de Ponta Grossa entrava no século XIX em um processo de expansão econômica, derivado principalmente da criação e do comércio do gado. Ponta Grossa possuía

<sup>15</sup>GONÇALVES, Maria Aparecida Cezar. **Estudo demográfico da Paróquia de Nossa Senhora Sant'Ana de Ponta Grossa. 1823 -1879.** Dissertação (Mestrado em História). 1979. 238 p. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1979. p. 34.

<sup>16</sup> GONÇALVES, Maria Aparecida Cezar. *Op. cit.* p. 34 – 35.

condições propícias para o desenvolvimento da criação e invernagem do gado, e sua posição geográfica privilegiada favorecia o comércio.<sup>17</sup>

Graças a esse amplo desenvolvimento econômico Ponta Grossa foi elevada a Vila em 1855, mais tarde com o desenvolvimento de novas atividades econômicas como as ligadas ao processamento da erva-mate e de madeira, foi elevada a cidade, em 1862.

Segundo Gonçalves, nesse período as atividades agrícolas da cidade se concentravam em Itaiacoca, que era responsável pela produção agrícola, principalmente das culturas do milho e do feijão, que não apenas supriam as necessidades locais, como também tinha seus produtos vendidos para as regiões vizinhas.<sup>18</sup>

Em 1885 tornou-se um distrito policial da cidade de Ponta Grossa. Em um Relatório Provincial, deste mesmo ano, publicado no Jornal Gazeta Paranaense encontra-se o registro da criação.

Actos: O presidente da provincia, attendendo ao que lhe propoz o Dr. Chefe de policia em officio datado de hontem e tendo em vista o art. 107 do regulamento n. 120 de 31 de Janeiro de 1842 resolve crear um districto policial com a denominação de Itayacoca, no municipio de Ponta Grossa, comprehendendo os quarteirões: Cerradinho, Palhano, Guarituba, Matto Queimado, Fabrica, Caçador, Conceição á cima e Conceição á baixo.  
Outrosim, nomeia os cidadãos José Antonio Gonsalves, Tiburcio Pupo Ferreira, Anacleto Pereira Bueno e Ricardo Dias Baptista, para os cargos de subdelegado e respectivos supplentes, na ordem em que vão seus nomes collocados. – Communicou-se.<sup>19</sup>

Na citação pode-se notar que aparecem como quarteirões do distrito, nomes de bairros e comunidades que existem no distrito até os dias de hoje. Com o crescimento da região e a formação de pequenos bairros e vilarejos, em 1909, Itaiacoca tornou-se distrito da cidade, e manteve até meados da década de 1970, o posto de principal polo agrícola de Ponta Grossa.

## 1.2. A produção agrícola e os lavradores

Agricultura e a pecuária foram por muitas décadas mais do que o sustento das famílias de Itaiacoca, essas atividades regiam todo o sistema comunitário e a vida desses indivíduos, suas relações com tempo, com o lazer, os laços sociais e sua identidade.

A produção familiar das propriedades dos itaiacocanos estava ligada à sua subsistência, a maioria dos mantimentos da casa era produzida na propriedade, desde a base da alimentação, com o arroz e feijão, as verduras e legumes, como também a carne,

<sup>17</sup> DITZEL. Carmencita de Holleben Mello. Op. cit. p.62.

<sup>18</sup> GONÇALVES. Maria Aparecida Cezar. Op. cit. p. 48 – 49.

<sup>19</sup> Governo Provincial – Expediente da presidência do mês de Novembro. **Gazeta Paranaense**. Curitiba, 29 de novembro de 1885. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/cache/2285401627095/10000920-2Alt=002242Lar=001356LargOri=004216AltOri=006971.JPG>>. Acesso em: agosto de 2015.

principalmente porcos e galinhas, além da produção de banha para a preparação dos alimentos. O milho também era parte importante da subsistência da propriedade pois, além da produção de farinha, servia como alimento de engorda para os animais.

O excedente da produção era muitas vezes trocado ou vendido nos armazéns por mantimentos que não eram produzidos como sal, café, açúcar e também roupas.

o armazém comprava o feijão, ele comprava, milho quando sobrava, pipoca, meu esposo gostava muito de plantar pipoca, vendia bastante pipoca[...]não pra vender era aqui, daí as pipoca era o dono daquele armazém que agora ali, Arco Iris, o Felix Nabosny, o Felix que comprava as pipoca, ele era o freguês de pipoca nosso[...]a gente negociou bastante com ele também, sobre a pipoca, feijão essas coisas, daí ele comprava para vender no mercado dele ali, e o armazém lá do Domingo DelGobbo, que era primo do meu esposo, que era dono do armazém, daí ele comprava, lá no Cerrado, daí a gente fazia aquelas lavoura grande e quando não tinha dinheiro para comprar a comida para dar de comer aquela gentaiada que estava trabalhando, ele vendia, ia vendendo e anotando, vendendo e anotando, quando a gente colhia o feijão trazia para ele para pagar ele que tinha fornecido para gente fazer a roça, e para todo mundo ele fazia isso [...]tudo que precisava de casa era lá no armazém dele, era o único que tinha...ali a gente comprava o açúcar, o sal, macarrão, café, tudo que a gente precisava de casa assim daí comprava dele lá, que a gente tinha crioulo era só o arroz e o feijão, batatinha e essas coisas a gente tinha tudo crioulo, carne tinha também, só quando queria uma carne de gado ele levava daqui para vender lá daí, daí a gente comprava.<sup>20</sup>

No depoimento de Dona Domingas<sup>21</sup>, que viveu em Itaiacoca até meados de 1980, pode-se ver como era feito esse comércio com os armazéns, e principalmente com os localizados nas comunidades. Esses comerciantes ficavam com a maioria dos produtos excedentes das famílias, muitas vezes ficando com os melhores produtos das safras.

Havia também famílias que produziam em maior escala e vendiam não apenas para os armazéns do distrito, mas também para os da cidade de Ponta Grossa. O milho e o feijão eram as principais culturas usadas para o comércio. Estas eram difundidas entre quase todas as comunidades, embora algumas se destacassem pela venda de legumes e verduras como batatas, pepinos e pimentões.

Vendia, nós sempre vendia, a maioria das vezes, em Ponta Grossa [...]tinha comprador naquela época, tinha, quando chegava época de colheita de feijão, de milho...então sempre tinha os comprador. A gente tinha já os comprador certo, que eles vinham...mas aquele tempo vinham. Nossa! Era época de fartura de mantimentos, vendia lá duas, uma, duas, três “caminhãozada” de milho, feijão, hoje, hoje se compra a quilo.<sup>22</sup>

<sup>20</sup> CONSTANTE, Domingas Maciel. **Entrevista**. [jan. 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo mp3.

<sup>21</sup> Dona Domingas Maciel Constante, de 89 anos, aposentada, nasceu no distrito de Itaiacoca, na comunidade da Barra Preta, migrou para Ponta Grossa há pelo menos trinta anos, junto com a família.

<sup>22</sup>SANTOS, Laura Maciel; SANTOS, Pedro Ribeiro. **Entrevista**. [set.2014] Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo mp3.

Na fala de seu Pedro<sup>23</sup>, ex-lavrador, hoje aposentado e morador da Roça Velha, vemos que centenas de sacas de milho e feijão eram trazidas para Ponta Grossa em épocas de safra e negociadas com os armazéns da cidade. Estas serviam tanto para abastecer Ponta Grossa, como regiões vizinhas. Também se nota na narrativa de seu Pedro, a lembrança de uma época de fartura onde a produção era grande e havia muitos compradores para os produtos, muito diferente da realidade que ele vê hoje.

Com relação a pecuária, salvo algumas famílias de maior poder aquisitivo que possuíam pequenas criações de gado, a maioria dos itaiacocanos se dedicava a criação de suínos, para o custeio da casa e para a venda para o açougues da cidade de Ponta Grossa.

Esse comércio era feito com os açougues que na maioria das vezes se localizavam na região de Uvaranas, bairro mais próximo do distrito. O transporte dos animais era feito em sua maioria pelos próprios moradores que traziam os animais de Itaiacoca até Ponta Grossa, das mais variadas formas: com ajuda de caminhões, carros e mesmo a pé, com ajuda de varas. Eram os chamados “porcadeiros” que traziam os animais “na peia”.

No depoimento abaixo, de Dona Domingas, 82 anos, ex-moradora de Itaiacoca, vemos como era feito essa venda de porcos, e a quantidade grande de animais que era vendida para os açougues.

O milho a gente engordava os porcos daí, eu tenho fotografia de porco de duzentos quilos, enormes daquele porcão, a gente engordava os porcos e daí quem comprava era aquele, agora não tem mais, era aquele açougue do Hotelinha que diziam, ali perto da Havan agora....Aquele homem que ia buscar os porcos gordo lá, o único caminhão que descia pro Itaiacoca era dele, buscar os porcos lá que a gente engordava, daí o meu esposo vinha, vendia para ele e ele ia buscar...[...]Vendia quarenta, cinquenta porco, daí a gente fazia roça grande e soltava tudo na roça para engordar a vontade, daí quando estava gordo ele vinha avisava ele, ele vinha buscar...[...]Comprava os porcos lá mesmo, tinha os criador daí a gente comprava os leitão, comprava os leitão, levava e soltava na roça e lá ficava até quatro, cinco mês daí eles ficavam bem gordo aí ele ia buscar.<sup>24</sup>

A criação dos porcos era o cotidiano das famílias, que produziam também para o custeio da casa. Nas fotos 01 e 02 podemos ver a família de Dona Domingas, nossa interlocutora, o marido e os filhos ao lado dos animais. Dona Domingas mostra suas fotos orgulhosa de seu passado na pecuária e enquanto fala da saudade de que tem de lidar com suas “criações”.

<sup>23</sup> Pedro Ribeiro dos Santos, 72 anos, aposentado, morador da comunidade da Roça Velha, viveu na comunidade até meados da década de 1980 quando migrou para Ponta Grossa e se tornou bem sucedido comerciante na cidade. Nos anos 2000, após décadas vivendo no meio urbano, seu Pedro e a família retornaram a sua antiga casa no distrito onde residem nos dias de hoje.

<sup>24</sup> CONSTANTE, Domingas Maciel. **Entrevista**. [jan. 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo mp3.

Foto 01 – Agricultor e seus animais



Acervo: Domingas Maciel Constante

Foto 02 – Crianças e os animais



Acervo: Domingas Maciel Constante

A produção nas propriedades, em sua maioria pequenas e médias, eram mantidas pela família, com a ajuda dos vizinhos e da comunidade em épocas de plantio e colheita. Essa ajuda era feita pelo sistema de puxirões e mutirões<sup>25</sup>, onde os vizinhos se ajudavam em troca de trabalho ou mesmo em troca de um baile.

Então eles trabalham em conjunto[...]A moeda é o trabalho do outro. Um vai no trabalho do... digamos, uma marca um dia pra fazer a sua roçada... vai todo mundo lá e roça, depois vai pra outra roça... outra propriedade. Então é um trabalho de troca de dia. O pagamento é o próprio serviço. E aí, então depois de sessenta dias, aproximadamente, queimam a roça e planta-se. Também, normalmente se reúnem os vizinhos, ali... planta a roça de um e vai pra roça de outro. Trinta dias depois vem... mais ou menos, aproximado trinta dias... Então, um homem... ele faz por exemplo... oitenta litros. É uma medida. Oitenta litros de roça. Pra ele carpir estes oitenta litros ele demoraria quarenta dias. Isso quer dizer que... e tem que carpir... quando a planta tem trinta dias, aproximado. Quando você for carpir esta tua planta, começando nos trinta dia, seria pra setenta dias. Então já tinha morrido a planta no meio do mato. Então é onde surgiu as reuniões. Então vai tudo mundo, digamos... vai quarenta pessoas na propriedade de um, limpa em um dia aquela roça que ele levaria quarenta dias. Aí no outro dia ele vai pra outra, e vai pra outra, e assim por diante.<sup>26</sup>

<sup>25</sup> Reuniões eram formas de trabalho associado, em que os moradores das comunidades se reuniam para trabalhar na propriedade de um agricultor. Nessas reuniões se trabalha em regime de troca de dia, onde cada tarefa cumprida durante o trabalho equivalia a uma tarefa que o agricultor que estava sendo auxiliado deveria retribuir quando outra reunião se organizasse nas terras de seus participantes. Os puxirões ou pixirões também reuniam toda a comunidade para o trabalho em uma propriedade, mas este era recompensado com uma “baile”, organizado pelo dono da propriedade, que oferecia músicas e danças para os participantes. Eram práticas muito comuns em toda a região de Itaiacoca, reunindo diversas pessoas, embora tenha desaparecido ao longo da década de 1980.

<sup>26</sup> MACIEL, José Silvestre. **Entrevista**. [mai.2015]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2015. 1 arquivo mp3.

Como explicado por seu José Maciel<sup>27</sup>, ex-morador da região, esse sistema contribuía para que todas as famílias conseguissem vencer a época certa para plantar e colher seus produtos, e para que nenhuma família tivesse prejuízo em sua produção. Esses mutirões e puxirões eram práticas comuns no cotidiano da maioria dos moradores de Itaiacoca até meados da década de 1980, quando começaram a diminuir e desaparecer.

Esse sistema de trabalho também gerava sociabilidade e lazer para os moradores. Além de serem espaços de reencontro e interação social, os bailes oferecidos nos puxirões eram espaços de lazer para as comunidades, com danças e músicas. Seu José Maciel explica como funcionavam esses bailes:

Os bailes... porque ali também, na carpida, inclusive, de segunda-feira a sexta-feira se troca o dia. Eu vou na sua roça, carpo pra você[...]Então eu ia carpir pra você, e você... na segunda-feira, as vezes na terça já vinha me pagar. No sábado, não era... não se pagava. O pagamento... Se pagava, mas de uma maneira diferente. No sábado, o pessoal iria na roça de alguém que marcou pro sábado a “runião”, e chamava-se puxirão, daí. Já não era reunião daí, era puxirão [...] puxirão não se pagava, não se trocava o dia. O dia se pagava com um baile. Aí os moços, os rapazes ia... trabalhavam pro dono da propriedade, pro dono da roça, a troco do baile. Então aí acontecia de o pessoal ir lá... é... quando morava longe... vir, já trazer a roupa... n/é?... carpia, daí depois do almoço jogava bola, daí de tarde tomava um banho no rio de água fria pra dançar o baile. Daí jantava na casa do... da pessoas que era o dono do baile, e assim por diante. E ali surgiam os namoro, n/é?... Surgia os casamento... Então coisa que envolvia... uma coisa envolvia a outra. A carpida... lá na roçada... começava todo um ciclo de uma vida comunitária, que o pessoal se conhecia mais.<sup>28</sup>

Esse sistema, como narrado por seu José não era apenas um sistema de trabalho, mas também era o que selava a vida comunitária e que fazia com que as pessoas se tornassem mais próximas e pudessem se encontrar.

Outro espaço de lazer dos itaiacocanos, principalmente dos homens das comunidades, eram os torneios de futebol organizados entre as comunidades ou mesmo pequenos jogos organizados entre as festas e bailes da região. Esses torneios movimentavam as comunidades e reuniam as famílias, e estão na memória de diversos moradores.

---

<sup>27</sup> Seu José Silvestre Maciel, 62 anos, é assessor parlamentar na Câmara Municipal de Ponta Grossa, viveu em Itaiacoca até os 17 anos, quando migrou definitivamente para Ponta Grossa.

<sup>28</sup> *Ibidem*.

## Fotos 03 e 04 - Times de futebol de Itaiacoca



Acervo: Domingas Maciel Constante

Nas fotos acima (Fotos 03 e 04), do acervo pessoal de uma ex-moradora pode-se notar como esses torneios eram organizados, incluindo uniformes e até um juiz, os moradores de diferentes idades se reuniam para os jogos e com isso suas famílias e amigos também. Desprovidos de outros espaços de encontro e lazer, o futebol se tornava central nas relações da comunidade, reunindo não apenas os homens, mas suas respectivas famílias.

As relações sociais na comunidade também estavam ligadas a essa cultura do campo e do trabalho. As relações de compadrio interligavam a maioria das famílias, fortaleciam os vínculos sociais e estendiam a rede de solidariedade nas comunidades. Esse vínculo ganhava lugar de destaque entre as famílias, simbolizando o respeito e a amizade.

A importância de Itaiacoca não se dava apenas pela agricultura e a pecuária, pois a região concentrava grande número de eleitores. Na década de 1970, Itaiacoca concentrava 34% da população rural de Ponta Grossa<sup>29</sup>, o que a inseria na corrida eleitoral da cidade, já que os votos da região tinham possibilidade de decidir uma eleição. Nas duas matérias abaixo, dos jornais *Correio do Paraná*, de 1961, e *Ultima Hora*, de 1963, podemos ver como esse grande número de eleitores mexia com a cena política de Ponta Grossa.

*A situação política do senhor José Luiz de Souza Netto foi molde a surpreender os meios políticos da cidade de Ponta Grossa nas últimas eleições quando obteve, sozinho, quase toda a votação do Distrito de Itaiacoca. Teve mais votos do que o próprio candidato a Prefeitura. Não se tem conhecimento de fato semelhante em toda a história do município de Ponta Grossa. Não se elegeu, entretanto, em virtude*

---

<sup>29</sup> Dados do IBGE – Censo 1970.



do sistema de contagem de votos do nosso país e que é proporcional às legendas partidárias (meu grifo).<sup>30</sup>

Chico Ferreira reeleito – Ponta Grossa, 10 – Embora desprovido de recursos materiais, o vereador Francisco (Chico) Ferreira, contrariando as mais diversas correntes que o desaprovavam, alcançou expressiva votação, situando-se como um dos mais votados no pleito do último domingo, em Ponta Grossa. Com 817 votos, o edil Francisco Ferreira, foi o segundo colocado, tendo sido reeleito. É atualmente o representante oficial do Distrito de Itaiacoca, onde foi o mais votado. A plataforma de trabalhos apresentada em sua campanha eleitoral foi responsável por sua vitória.<sup>31</sup>

Nessas duas matérias pode-se notar que Itaiacoca possuía grande força política e contava com um expressivo número de eleitores, fazendo que um candidato a vereador tivesse mais votos do que o próprio candidato a prefeito da cidade. Por outro lado, no entanto, pode-se perceber que os candidatos dos itaiacocanos não eram os das correntes políticas mais populares em Ponta Grossa e o número de votos recebidos ou sua eleição eram motivo de surpresa no cenário eleitoral da cidade.

As visitas de alguns políticos como o senhor Francisco Ferreira, citado na matéria acima, e do senhor João Vargas de Oliveira, prefeito de Ponta Grossa entre 1947 e 1951 e várias vezes deputado estadual e federal, aparecem nas narrativas de pessoas das famílias tradicionais, como a de seu José Maciel e Dona Domingas Constante, cujo pai seu Eufrásio Fernandes Maciel, candidato a vereador, chegou a ser eleito suplente, era cabo eleitoral de João Vargas, o que fazia com este participasse de mutirões e bailes e assim fosse muito benquisto pela população de Itaiacoca.<sup>32</sup>

Seja pela questão agropecuária, seja pela importância no cenário político, desde sua origem Itaiacoca está relacionada ao desenvolvimento da cidade de Ponta Grossa, e por muito tempo ocupou papel de destaque na economia e na política da cidade.

O ser e o viver em Itaiacoca até meados da década de 1980 estava ligado exclusivamente ao trabalho na lavoura e na agropecuária e das diversas relações que partiam desses espaços. O modo de vida e a cultura estavam ligados à relação com a terra, e essa relação ditava as regras de convívio das comunidades, da organização das famílias e do modo de se relacionar com a comunidade e com o trabalho.

---

<sup>30</sup>Motivos de ordem jurídica. **Correio do Paraná**. Curitiba, 05 de março de 1961. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/cache/575101857095/I0023121-2Alt=002016Lar=001356LargOri=004159AltOri=006181.JPG>>. Acesso em: agosto de 2015.

<sup>31</sup>Chico Ferreira Reeleito. **Última Hora**. Curitiba, 10 de outubro de 1963. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/cache/20507006235516/I0018139-2Alt=001960Lar=001356LargOri=004312AltOri=006233.JPG>>. Acesso em: agosto de 2015.

<sup>32</sup> MACIEL, José Silvestre. **Entrevista**. [mai.2015]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2015. 1 arquivo mp3.

O contato com a cidade de Ponta Grossa se dava apenas esporadicamente, para a venda de produtos e eventuais auxílios médicos. O trânsito de pessoas da cidade na região também era raro, em razão da distância e da falta de estradas. Esse fato fazia com que o distrito se encontrasse de certa forma isolado e autônomo em relação a convivência.

Essa relação com cidade e com o trabalho agrícola começou a se modificar em meados da década de 1980 quando a industrialização e a modernização alcançaram até mesmos as comunidades mais afastadas.

### 1.3. Modernização: o talco e o reflorestamento

A partir das primeiras décadas do século XX a cidade de Ponta Grossa dava início ao processo de urbanização e modernização, que teve relação direta com a instalação e desenvolvimento da rede ferroviária entre anos 1893 e 1920. A construção da ferrovia facilitou o desenvolvimento do comércio e da indústria, já que devido à posição geográfica privilegiada a cidade se tornou um importante entroncamento ferroviário.

Com o desenvolvimento da ferrovia várias indústrias de pequeno e médio porte começaram a se instalar, principalmente as que processavam e comercializavam erva-mate e madeira<sup>33</sup>. Nesse período Ponta Grossa começava um lento processo de urbanização, perdia as características rurais e começava a apresentar “ares” de cidade.

Itaiacoca nesse período continuava sendo responsável por grande parte da produção agrícola da cidade, principalmente das culturas do milho e do feijão. Também a exploração de madeira e de minerais começa a se desenvolver, sendo este último uma das principais fontes de arrecadações do distrito.<sup>34</sup>

As minas de talco da região norte, que começaram a ser exploradas em 1917, passaram a ser a maior fonte de arrecadação e, ao longo da década de 1960, foram consideradas as segundas melhores do mundo. Assim essas minas, que já produziam um terço da produção brasileira, depois dessa descoberta passaram a ter produção equivalente à de todo o Brasil. No jornal Última Hora de 1962 pode se ver como essa descoberta foi anunciada.

Talco do Distrito de Itaiacoca Considerado o Melhor da América – Embora pouco conhecida, localizam-se no Paraná as mais acreditadas minas de talco do País, apenas superadas em qualidade pelas minas da Índia, pertencente a Haymann Corporation “MK”. As minas brasileiras estão no distrito de Itaiacoca, a 29 quilômetros de Ponta Grossa, quase na divisa de Castro. Exploram-nas a Sociedade

<sup>33</sup>MONASTIRSKY, Leonel Brizolla. **Cidade e ferrovia: a mitificação do pátio central da RFFSA em Ponta Grossa**. 1997. Dissertação (Mestrado em Geografia). 190 p. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997. p. 47 – 52.

<sup>34</sup>LAVORATTI, Cleide. **Agricultura familiar: estratégias de reprodução social numa comunidade rural - estudo de caso em Itaiacoca-PR**. 1998. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1998. p. 72.

Paranaense de Mineração, empresa constituída por capitais nacionais e que exporta quase a totalidade de sua produção para a Argentina e outros países da América. As principais jazidas são as de São José, São Benedito, Santo Antonio e São Pedro, que produzem cerca de 1.500 toneladas mensais. Estimativa oficial diz que essa minas comportam insignificante parcela da matéria prima da região, sendo lícito afirmar que a capacidade do solo de Itaiacoca é inesgotável. Pesquisas recentemente feitas dão conta de que, além do talco, a região é rica em caulim, quartzo, calcita, mica, amianto, feldspato, óxido de ferro e manganês (este último em menor quantidade) [...] Ainda no ano passado a produção de Itaiacoca representava um terço da produção brasileira. No atual exercício, no entanto, sua produção será igual à do País. E encontrando-se em fase final de construção de uma usina de moagem que deverá beneficiar mais de 25 toneladas diárias, o município pontagrossense comparecerá nas estatísticas como uma produção 50% maior do que a própria produção nacional, isso em 1963[...].<sup>35</sup>

Isso modificou completamente a dinâmica do distrito de Itaiacoca. Várias indústrias especializadas na extração e industrialização destes minérios se instalaram na região norte do distrito. Esta grande produção tornou Ponta Grossa referência ao tratar deste tipo de material, exportando inclusive para outros países da América do Sul. Muito dinheiro também passou a ser arrecadado pela Prefeitura de Ponta Grossa através dos impostos sobre a extração dos minerais.

CÁLCULO – No município de Ponta Grossa está sediada uma das grandes exportadoras de talco bruto do Brasil – a Sociedade Paranaense de Mineração – e os primeiros cálculos adiantam que o novo imposto renderá mais de 400 mil cruzeiros já no próximo exercício. O Distrito de Itaiacoca será o grande beneficiado, pois a arrecadação diz respeito quase que totalmente àquele local, devendo a Prefeitura lá empregar essa importância, caso seja aprovado um projeto nesse sentido, de autoria do vereador João Gonçalves Rodrigues.<sup>36</sup>

Nessa reportagem de 1963 nota-se que Ponta Grossa esperava arrecadar 400 mil cruzeiros já no ano seguinte ao descobrimento das jazidas e destaca-se a existência de um projeto que visava empregar toda essa quantia no distrito de Itaiacoca. Não se tem conhecimento, no entanto, se este projeto foi de fato aprovado, e se esse dinheiro chegou ao distrito de algum modo, mas pode-se constatar que a partir desse período várias modificações e investimentos chegaram principalmente à região norte do distrito. Em várias reportagens do jornal Diário do Paraná ao longo das décadas de 1960 e 1970, encontram-se notícias a respeito de planos e obras de investimentos, visando melhorar a extração e o beneficiamento desses minerais.

<sup>35</sup> Talco no Distrito de Itaiacoca considerado o melhor da América. **Última Hora**. Curitiba, 15 de setembro de 1962. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/cache/20507006235516/I0014967-2Alt=001950Lar=001356LargOri=004281AltOri=006157.JPG>>. Acesso em: agosto de 2015.

<sup>36</sup> Ponta Grossa: Imposto para mineradores. **Última Hora**. Curitiba, 17 de dezembro de 1963. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/cache/20507006235516/I0018665-2Alt=001289Lar=001356LargOri=007432AltOri=007064.JPG>>. Acesso em: agosto de 2015.

FIGURA 01 – Matéria Jornal Diário do Paraná – 1974

## Rodovia dos Minérios e aeroporto: Obras de PG

**PONTA GROSSA (Sucursal — DP)**  
— Porta-voz da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, anunciou no final da semana, a construção da Rodovia dos Minérios, do aeroporto do Botuquara, a extensão da rede de energia elétrica para Itaiacoca e a implantação de uma indústria de grande porte, como obras prioritárias e que vão transformar por completo o panorama físico, econômico e social do distrito de Itaiacoca. Duas das obras do setor de transportes foram conseguidas pelo prefeito Luiz Gonzaga Pinto em recente contato mantido com o secretário dos Transportes, do governo do Estado, Euro Brandão, em Curitiba, oportunidade em que prometeu com urgência estas obras de grande importância.

Na entrevista mantida com o secretário dos Transportes do Estado, estiveram presentes além do prefeito Luiz Gonzaga Pinto, os diretores da «Adubos Trevo», empresa que vai se instalar em Itaiacoca, e que apontaram ao secretário as possibilidades econômicas decorrentes do desenvolvimento das riquezas minerais daquela região e que são: talco e calcário para corretivos de solo e produção de cimento.

**NOVA ESTRADA**  
A infra-estrutura necessária para o aproveitamento dessas riquezas está na existência de estrada, totalmente asfaltada que permita o acesso às jazidas e dê apoio às unidades industriais ali instaladas e às que vão se instalar e na rede de energia elétrica. Num balanço das necessidades de energia para Itaiacoca, segundo levantamentos técnicos efetuados pela Prefeitura, aponta uma potência da ordem de 10 mil KW.

Pela Rodovia dos Minérios, agora prometida pelo governo do Estado, deverão ser transportadas de 8 a 10 mil toneladas por dia de produtos industrializados em Itaiacoca, devendo ela fazer parte da importante BR-373. Em decorrência desse esforço da administração do engenheiro Luiz Gonzaga Pinto que conseguiu para Itaiacoca a Rodovia dos Minérios e a extensão de rede energética, prevê-se um desenvolvimento social rápido da população o que coincide com a principal meta do Governo do Município de Ponta Grossa.

O secretário Euro Brandão, dos Transportes, decidiu iniciar imediatamente os estudos da rodovia a ser implantada em caráter de urgência e a contratação dos estudos preliminares, do projeto de engenharia e posterior execução das obras. Brandão, por outro lado, manifestou-se entusiasmado em conhecer as potencialidades da região e a urgência de seu aproveitamento, devendo vir a Ponta Grossa nos próximos dias. O secretário esteve recentemente nesta cidade tratando do aeroporto e agora deverá voltar para percorrer o distrito de Itaiacoca e os minerais ali encontrados.

**AEROPORTO**  
Outro ponto de destaque no anúncio do prefeito é a construção do aeroporto de Ponta Grossa que agora definitivamente deverá sair no Botuquara. Há alguns anos, as obras daquele terminal aeroviário tinham sido iniciadas e logo depois paralisadas. Agora, os trabalhos serão reiniciados no princípio do próximo ano conforme informações de Gonzaga Pinto e promessa do secretário Euro Brandão, que esteve em Ponta Grossa juntamente com técnicos do Ministério da Aeronáutica há duas semanas. O aeroporto do Botuquara será construído com verbas federais, estaduais e municipais.

O terminal aéreo do Botuquara, com condições excelentes para operação em qualquer período de tempo — quase nunca o local fecha por causa da instabilidade meteorológica — será também a alternativa de Curitiba já que o «Afonso Pena» frequentemente apresenta más condições de pouso. Dotado de moderna aparelhagem, radar, sinalização para pousos noturnos, ampla visibilidade, extensa faixa de aproximação, pista pavimentada com previsão de até 3 mil metros — inicialmente 1.800 m — podendo operar no início jatos executivos e mais tarde aviões de grande porte, estação de passageiros com todo o conforto e acesso asfaltado, ligando-o até o centro da cidade, farão dele um dos mais modernos e aparelhados aeroportos do interior do país.

Além disso, o aeroporto do Botuquara contará com uma base perfeitamente equipada para atender a aviação agrícola, com sistemas de abastecimento de combustível e defensivos, hangares especiais, e oficinas mecânicas especializadas nesse tipo de aviação, para atender a toda a região dos Campos Gerais, que tem elevadas produtividades agrícolas e lavouras mecanizadas. A base agrícola instalada no aeroporto utilizará a agrotecnologia no combate as pragas e as doenças que prejudicam as lavouras garantindo ao município excepcionais condições para a agricultura.

**INDÚSTRIA**  
A indústria, anunciada pelo porta-voz da P. M., que vai se instalar no distrito de Itaiacoca para industrializar as riquezas minerais ali encontradas, será a «Adubos Trevo», procedente do Rio Grande do Sul, pertencente ao grupo Luchinger Madrin. Deverá produzir em Ponta Grossa mil toneladas diárias de calcário corretivo de solo, totalizando um investimento superior a 6 milhões de cruzeiros e que aproveitará a mão-de-obra local.

Rodovia dos minérios: Obras em PG. **Diário do Paraná**. Curitiba, 20 de fevereiro de 1974. Disponível em: <memoria.bn.br>. Acesso em: agosto de 2015

Nessa reportagem, assim como outras desse período, observam-se projetos para melhoramento das estradas, para a eletrificação do distrito, projetos para a construção de uma rodovia ligando o distrito até Ponta Grossa e uma rodovia ligando Itaiacoca ao distrito industrial de Ponta Grossa, e até mesmo a construção de um aeroporto.

Também há projetos para a construção de escolas, centro de assistência médica e transporte para as localidades do distrito, porém a maior parte desses planos estava direcionada apenas a região norte, local da extração das minas.

De fato, ao longo das décadas de 1970 e 1980, muitas dessas obras se concretizaram, trazendo novas características para as comunidades da região norte. A energia elétrica chegou às comunidades, escolas e um centro social foram construídos, o transporte público foi se aproximando das comunidades mais afastadas. A Rodovia do Talco, como foi mais tarde chamada, foi construída ligando a região norte do distrito à Ponta Grossa para facilitar o transporte dos minerais.

Os investimentos feitos visavam beneficiar a extração dos produtos e os trabalhadores das minas. Muitos desses trabalhadores eram anteriormente agricultores, que vendo uma nova possibilidade econômica entraram para o trabalho assalariado nas minas. Essa mudança na forma de trabalho deu características específicas a essas comunidades, que formavam agora pequenas vilas de operários.

No entanto, se as comunidades da região norte tiveram nas minas e na exploração industrial o fator de mudança em vários aspectos de suas vidas, as comunidades da região sul também passaram por diferentes processos ao longo das décadas de 1960 e 1970.

Nesse período o Paraná passava por um significativo processo de industrialização, que se espalhava pelos mais diversos setores. O setor agrícola passou por grandes mudanças, a mecanização e a produção em larga escala modificaram o sistema de produção em novas formas de cultivo e ainda novos produtos ganharam espaço, principalmente a soja. Ponta Grossa também via o processo de industrialização se acentuar, e aproveitou desse momento de desenvolvimento do estado para melhorar a economia da cidade.<sup>37</sup>

Uma das medidas tomadas pela cidade foi em 1969 a elaboração do PLADEI – Plano de Desenvolvimento Industrial – que estimulava grandes indústrias a se estabelecerem na cidade. O PLADEI oferecia as empresas isenção fiscal, doações de terrenos e até auxílio na obtenção de empréstimos.<sup>38</sup> Essas políticas beneficiaram as indústrias aqui já instaladas e também trouxeram novas, principalmente as ligadas à economia da soja, tornando Ponta

---

<sup>37</sup> SILVA, Edson Armando. **Energia elétrica e desenvolvimento industrial em Ponta Grossa 1904 – 1973**. 1993. 196 p. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1993. p.128.

<sup>38</sup> SILVA, José Aparício da. **Fatores endógenos e exógenos que levaram à migração/ resistência de pequenos produtores do distrito de Itaiacoca – Ponta Grossa – PR, na década de 1970**. 2008. 192 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2008. p. 88 – 97.

Grossa, um dos principais nomes na extração de óleo e farelo de soja, vindo desse período o título de “Capital Mundial da Soja”.<sup>39</sup>

Essa nova forma de produção afetou consideravelmente os pequenos proprietários e agricultores que, ao não conseguirem competir com a agroindústria e a produção em larga escala, viam suas propriedades definharem frente às grandes propriedades mecanizadas.

Em Itaiacoca esse processo não foi diferente, os pequenos produtores ligados em sua maioria à agricultura familiar, viram suas produções caírem e seus produtos desvalorizarem. Sem os meios e condições de mecanizar as lavouras e de produzir em larga escala acabaram por não conseguir a venda de seus produtos.

Aliado a isso, em meados de 1970, chegaram a Itaiacoca duas grandes empresas de reflorestamento, uma estatal e outra privada, interessadas no plantio de madeira para o reflorestamento. Com os incentivos do PLADEI, essas empresas se instalaram na região sul de Itaiacoca, buscando áreas para o reflorestamento de pinus e eucaliptos. Como muitos agricultores estavam com problemas para se manter em suas propriedades e muitas das terras não possuíam documentação pois eram de títulos de posse e sem documentação registrada, as empresas acabaram comprando grandes áreas a preços bem abaixo do mercado.<sup>40</sup>

Esse processo gerou nas comunidades um grande número de migrações: várias famílias acabaram migrando especialmente para Ponta Grossa em busca de melhores oportunidades de empregos nas indústrias da cidade.<sup>41</sup> Essa leva migratória pode ser vista ao compararmos o número de habitantes de Itaiacoca ao longo das décadas do século XX.

---

<sup>39</sup> SILVA, José Aparício da. Op. Cit. p.88 – 97.

<sup>40</sup> Há relatos entre os moradores e ex-moradores da pressão feita pelas empresas de reflorestamento para a venda das terras, sob ameaça de perdê-las. Muito usam o termo “fazer visagem” para se referir ao fato de terem sido assustados pelos representantes das empresas para que vendessem suas terras de maneira rápida e por preços bem abaixo do valor de mercado.

<sup>41</sup> LAVORATTI, Cleide. Op. cit. p. 78 – 80.

TABELA 01: Taxa de Crescimento e Decréscimo da população de Itaiacoca, de 1950 a 2010.

<b>Ano</b>	<b>Nº de habitantes</b>	<b>Crescimento</b>	<b>População de Ponta Grossa</b>	<b>% população de Itaiacoca em relação a Ponta Grossa</b>
<b>1950</b>	4167		43.486	9,5
<b>1960</b>	4625	10.9	78.557	5,8
<b>1970</b>	4985	7.7	113.074	4,4
<b>1980</b>	4102	- 17.7	172.946	2,3
<b>1991</b>	3531	- 13.9	221.671	1,5
<b>2010</b>	3102	- 12.1	311.611	0,9

Fonte: IBGE – Censo Demográfico 50/60/70/80/91/2010.

Com esses dados pode-se ver que até a década de 1970 a população de Itaiacoca aumentava gradualmente, na medida que também aumentava a população de Ponta Grossa. Nesse período Itaiacoca continha uma parcela significativa da população. No entanto, a partir da década de 1980, os números começam a decair consideravelmente, e a partir daí a população diminuiu ao longo das décadas seguintes.

O aumento da população em Itaiacoca durante os anos de 1950, 60 e 70 pode ser associado ao desenvolvimento econômico do distrito e principalmente a extração mineral que ofereceu novas oportunidades de emprego.

O decréscimo da população por sua vez, também coincide com o período em que modernização e a industrialização chegaram ao distrito e as indústrias de reflorestamento se instalaram na região sul. Esse decréscimo na população reflete o aumento do número de migrações para os núcleos urbanos, levando uma nova leva de ex-agricultores a se inserirem na indústria ponta-grossense a procura de novas formas de viver e, assim, modificando vários aspectos de suas vidas e suas identidades.

Aqueles que ficaram na comunidade viram nas minas de extração mineral e no reflorestamento uma saída para a falta de renda e assim entraram para a mão-de-obra nas indústrias, deixando para outros membros da família o cuidado com a casa e com a lavoura. Além do trabalho nessas indústrias, as famílias que ficaram no distrito procuraram diversas formas e estratégias para lidar com as transformações impostas pela industrialização.

Todos esses processos afetaram Itaiacoca das mais variadas formas a partir da década de 1970, porém, não chegaram de forma homogênea em todas as comunidades, já que são processos ativos e dinâmicos, e são interpretados em culturas e contextos socioculturais

específicos. Como nos explica Carmo, esses processos não excluem ou destroem as culturas existentes, mas mantêm uma relação dialética com estas.

No entanto, as influências da urbanização não podem ser vistas de forma homogênea, elas não se generalizam e não são apropriadas da mesma maneira pelas diferentes localidades e comunidades. Pelo contrário, todos esses processos compreendem uma série de modalidades advindas de diferentes relações estabelecidas entre a tradição e a modernização. Neste sentido, nem é o moderno que invade e coloniza os espaços rurais, nem é a tradição que se apropria, à sua maneira, dos fenômenos urbanos. Existe uma inter-relação constante que depende dos contextos sociais.<sup>42</sup>

Cada comunidade interpreta esses processos a partir de seus próprios contextos, e estabelece diferentes relações com eles. Enquanto algumas buscaram formas de resistir, outras buscaram se apropriar desses processos na construção de novas identidades e outras formas de viver.

E assim novas formas de se relacionar com a terra, com o trabalho agrícola, com o lazer e a sociabilidade, com a religiosidade e a cultura vão surgindo. Tensões e conflitos vão ganhando forma em meio ao processo de construção ou reconstrução das identidades e da relação de pertencimento desses indivíduos.

#### **1.4. Roça Velha: o viver e plantar**

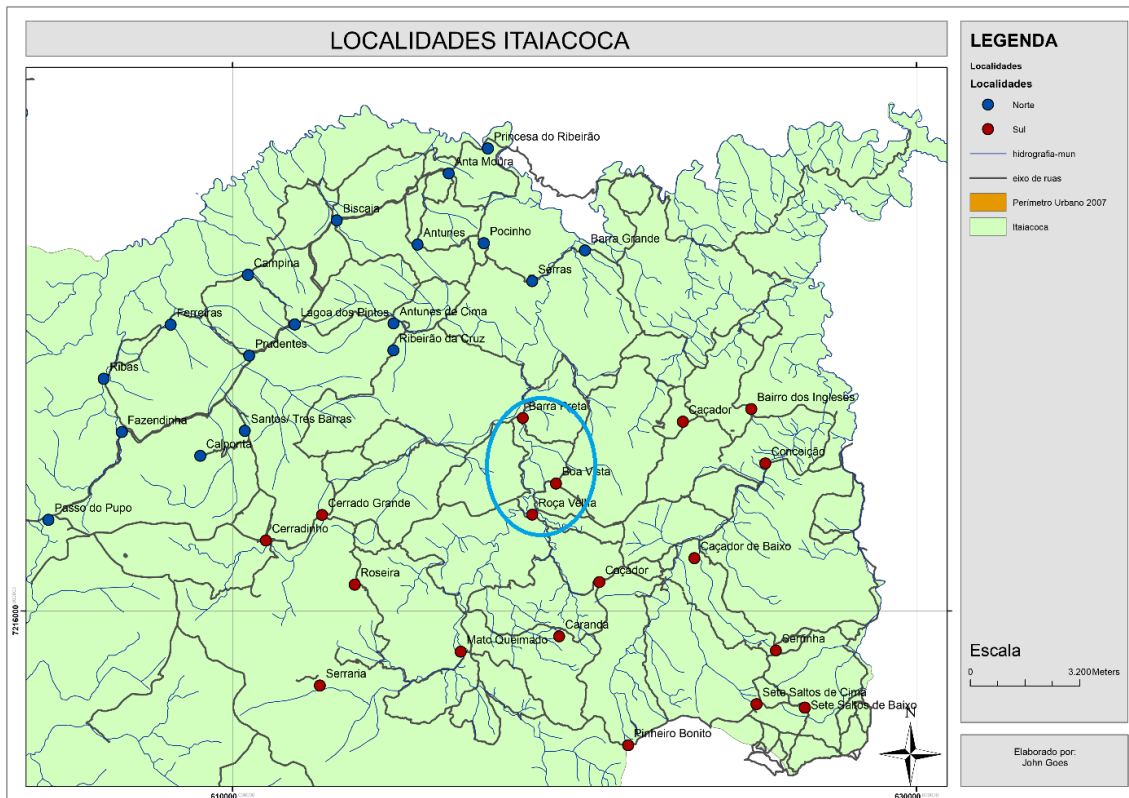
A Roça Velha é uma das comunidades da região sul de Itaiacoca, localizada cerca de 40 km da cidade de Ponta Grossa, próxima das comunidades da Boa Vista e da Barra Preta. A comunidade ou bairro (ambas as denominações são usadas pelos moradores) é formada hoje por aproximadamente vinte cinco famílias, algumas vivendo na região há várias décadas.

---

<sup>42</sup> CARMO. Renato Miguel do. A construção sociológica do espaço rural: da oposição à apropriação. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 11, n.21, p. 252- 280, jan./jun. 2009. p. 263 – 264.



## MAPA 04 – Comunidade da Roça Velha



Distritos Administrativos de Ponta Grossa. Elaborado por John Goes. 2015. Documento digital.

A comunidade se organiza em pequenas propriedades, que já não têm mais a agricultura como fonte de renda. Algumas famílias vivem de uma aposentadoria, outras possuem pelo menos um membro da família trabalhando em atividades externas a suas pequenas propriedades e há ainda aqueles possuem chácaras e sítios de lazer, que mesmo não morando na comunidade, visitam nos finais de semana.

A comunidade possui hoje rede energia elétrica, posto de saúde, linha de ônibus diária para Ponta Grossa, embora a estrada de acesso não seja pavimentada. Não possui escolas, sendo que a mais próxima, apenas de nível fundamental, fica no bairro do Cerrado. O trabalho na propriedade agrícola é, para muitas famílias, resumido a pequenas hortas e quintais, posto que desapareceram as lavouras e plantações. A criação de animais para a subsistência também diminuiu, restando apenas a criação de aves domésticas. Essa realidade é muito distinta da Roça Velha das primeiras décadas do século XX, quando a economia da comunidade era baseada quase integralmente na agricultura e na pecuária, tanto para consumo como para a venda em média escala.

As mais de vinte famílias da comunidade viviam do trabalho em suas propriedades, produzindo o que seria consumido em casa, e também o que seria vendido para comprar de outros mantimentos e também para financiar a produção de novas lavouras e criações.<sup>43</sup>

O milho, arroz, feijão eram a base da alimentação dos moradores e por isso eram produzidos em quase todas as propriedades, juntamente com as mais diversas verduras e legumes plantados para complementar a dieta alimentar. A carne derivava principalmente da criação aves domésticas, como galinhas e patos, e de porcos que também forneciam a banha utilizada para preparar e conservar os alimentos da casa.

Dessa forma a maioria dos produtos consumidos pela família eram produzidos na propriedade, e aqueles que não eram, como sal, açúcar, café, trigo e mesmo roupas, podiam ser adquiridos nos armazéns localizados nas comunidades. Este fato fazia com que muitas famílias não tivessem nenhum contato com a cidade, apenas em ocasiões extremas de problemas de saúde.

Embora a maioria delas tivesse pequenas propriedades e a produção fosse dedicada a subsistência e apenas o excedente fosse vendido, havia também grandes famílias que produziam em média escala e vendiam grandes quantidades para os armazéns e açougues de Ponta Grossa.

Seu Afonso Lopes da Luz<sup>44</sup>, Seu Neno como é conhecido, era um desses moradores, produzia áreas de roça com mais de 5 alqueires, principalmente de feijão e as vendia para os armazéns de Ponta Grossa, fretava caminhões para buscarem sua produção e rumava para a cidade acertar suas vendas. O mesmo acontecia com a criação de suínos, que para algumas famílias era a renda principal, os animais eram adquiridos em comunidades longínquas e trazidos para a engorda nas propriedades, depois eram levados ainda com vida para Ponta Grossa.

Eu comprava porco lá no Mato Limpo (perto do município de Castro), de carro é quem vir pra Ponta Grossa, eu ia comprar porco lá e trazia tocado de a pé, na peia que diziam antigamente...há uns 52 anos...então eu ia lá tinha um amigo meu, sobrinho meu, primo meu, compadre, daí reunia os porcos pra mim lá, eu ia lá, eu levava um companheiro, cavalo, posava lá, no outro dia pegava os porcos, amarrava tudo e pnhava na estrada e vinha...daí vinha posava numa altura um tal de Chico Ribeiro que tinha um lugar de poso lá, ficava posando lá, no outro dia pegava e vinha até as Areias, tinha ali os Constante que eram parente, posava lá de novo, no outro dia vinha posava na Barra Petra daí no outro dia chegava em casa...três dias de viagem...tinha que soltar os porcos a vontade para pastar...três anos, quatro só de eu trazer porco de lá para engordar, porque não tinha porco pra vender quase, ai eu ia

<sup>43</sup> As informações a respeito do passado das famílias e da comunidade, foram conseguidas através de entrevistas gravadas e também de conversais informais com moradores e ex-moradores de Itaiacoca.

<sup>44</sup> Afonso Lopes da Luz, seu Neno, 82 anos, ex-lavrador e aposentado, viveu na comunidade da Roça Velha por toda sua vida, mudou-se apenas dois anos para Ponta Grossa.

buscar lá para engordar...a base de vinte que eu trazia...daí eu engordava com aqueles milho da roça.<sup>45</sup>

Nesse trecho de sua narrativa seu Neno fala de como eram trazidos os animais para a engorda, muitas as vezes a pé, levando dias para chegarem ao destino. Essa prática era comum entre as famílias que criavam suínos, pois era difícil adquirir animais em grandes quantidades para a engorda. Na foto abaixo (Foto 05) seu Neno aparece ao lado de seus animais, que segundo ele estavam prontos para serem levados para os açougues.

Foto 05 – Criação de suínos



Acervo: Afonso Lopes da Luz

Depois de engordados esses animais eram levados para a cidade, através de frete pago, ou pelos moradores a pé, e anos mais tarde até mesmo dentro de carros de pequeno porte.

É vendia para cidade de Ponta Grossa, porco vendia pra cá também, engordava os porcos e trazia aqui na cidade para vender, então era tudo da roça mesmo que saia daí, fazia as roça daí comprava os porcos, engordava e vendia daí comprava os mantimento[...]pagava frete, trazia vivo, tinha um matadouro, a gente vendia para os açougueiros aqui né...depois eu comprei uma variant, pois eu trazia porco na variant, trazia oito porco dentro da variant, eu tirava o banco atrás e enchia de porco e trazia ali pro Hotelinha[...].<sup>46</sup>

<sup>45</sup> LUZ, Afonso Lopes da; Luz, Virginia. **Entrevista**. [fev. 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo mp3.

<sup>46</sup> LUZ, Afonso Lopes da; Luz, Virginia. **Entrevista**. [fev. 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo mp3.

A partir da fala de seu Neno pode-se ver que a venda dos animais era um ciclo que dava origem ao dinheiro para financiar novamente a lavoura e a criação, e assim manter a propriedade e a família, um ciclo de vivência baseado nos sucessos e fracassos da produção agropecuária.

Havia na comunidade famílias que não possuíam terras próprias e trocavam o trabalho por um local para viver e terem suas pequenas plantações, os chamados meeiros, que formavam a força de trabalho de famílias com grandes áreas de cultivos. Existiam também aquelas famílias, como explica Seu José<sup>47</sup>, antigo morador da comunidade, que mesmo tendo pequenas propriedades trabalhavam para as mais ricas, os chamados “camaradas”, mão-de-obra das grandes famílias que viviam do trabalho externo às suas propriedades.

Antigamente tinha aquelas pessoas que trabalhavam por dia pros mais fortes né, e daí o cara pagava por dia as pessoas mais fracas, mas só que aqueles nem plantavam tanto, as “rocinhas” deles eram bem “pouquinha” viviam daquilo, trabalhavam por dia pros outros.<sup>48</sup>

O trabalho na lavoura permeia a história de vida de várias famílias, em diferentes gerações. Toda a sua rotina estava ligada ao trabalho na terra, as etapas do plantio e de colheita, ao cuidado com os animais, as limpezas de campo e aos reparos na propriedade. Um trabalho que reunia toda a família, sem distinção de gênero, pois sem ele a propriedade e a família não conseguiriam sobreviver. Na fala de Dona Maria da Luz<sup>49</sup> vemos que tanto homens como mulheres trabalhavam indiscriminadamente na lavoura, desde a infância.

A minha vida foi bastante trabalhada, olha que eu trabalhava na roça com os meus pais desde os 10 anos, daí depois 10 anos os irmãos foram daí depois os irmãos foram casando, o irmão mais velho que era o Bastião Santo casou, daí ficou o Manuel também ficou um pouco e casou também, daí ficou o Pedro Santo que era o mais novo trabalhando com nós na roça também, nós de sol a sol na roça com meu pai, ele plantava bastante amendoim aquele tempo, ele fazia campos de amendoim e três, quatro, aquele tempo diziam alqueire, três, quatro alqueires de terra de amendoim. Então a gente era o ano inteiro lidando, trabalhando na Roça, nós terminava uma safra começava outra e assim nós ia, era semanas, era mês, era ano, só lidando com plantação, nós também plantava arroz, plantava feijão, milho, e nós, tudo nós ajudava a colher e trabalhando junto.<sup>50</sup>

Na narrativa de Dona Maria da Luz, que viveu metade da vida na Roça Velha, vemos que o ciclo de trabalho não tinha fim, mal se encerrava uma lavoura já se iniciava outra. Era

<sup>47</sup> Seu José Maria da Luz, 48 anos, é servidor público, nasceu e viveu em Itaiacoca até os 21 anos, quando migrou para Ponta Grossa.

<sup>48</sup> LUZ, José Maria da. **Entrevista**. [jul.2014]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo mp3.

<sup>49</sup> Dona Maria da Luz Ribeiro, 72 anos, aposentada, viveu em Itaiacoca até início da década de 1990, quando migrou com a família para Ponta Grossa.

<sup>50</sup> RIBEIRO, Maria da Luz. **Entrevista**. [jan. 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo mp3.

um trabalho contínuo que ocupava grande parte da vida dos moradores. Muitas vezes esse trabalho era feito com a ajuda dos vizinhos e parentes, tendo nas reuniões, puxirões ou pixirões, como eram chamadas, formas de trabalho associado que faziam com que grandes áreas fossem limpas e preparadas para o plantio na época certa. Eram práticas do cotidiano dos moradores da comunidade, em determinadas épocas do ano aconteciam semanalmente, em cada propriedade das comunidades, até que todas as propriedades tivessem sido ajudadas.

As memórias dessas práticas estão presentes em diversas narrativas dos moradores, pois eram espaços de solidariedade e união, e também de convivência familiar. Essas práticas ocorriam nas diversas fases do plantio, desde a limpeza e preparação do solo até a colheita. Nas fotos abaixo (fotos 06 e 07) do acervo de seu Neno vemos um “puxirão de aradores”, que reunia diversos membros da comunidade para o arado da propriedade de um morador, nesse caso o ilustre Eufrásio Fernandes Maciel, demonstrando que a popularidade do anfitrião influenciava na participação da comunidade no puxirão:

Foto 06 – Participantes do puxirão



Acervo: Afonso Lopes da Luz

Foto 07 – Puxirão de aradores



Acervo: Afonso Lopes da Luz

Esses espaços não eram apenas de trabalho, mas também de sociabilidade, em que muitos moradores se reuniam e mesmo trabalhando passavam a ser divertir com os companheiros, cantando, contando piadas e pregando peças.

Os bailes organizados após os puxirões também eram lugares repletos de sociabilidades, onde os moradores cantavam e dançavam, mas consequentemente também eram os maiores lugares de conflitos e tensões, onde uma simples recusa a um convite para dançar poderia causar uma serie de desentendimentos que poderiam terminar com alguma morte.

Essas práticas constituíram um dos espaços de sociação e sociabilidade da comunidade, em que as relações com o trabalho e com a terra eram reafirmadas. As relações sociais tomavam forma, bem como os conflitos e tensões que faziam parte do processo de construção das identidades.

A vida em Itaiacoca e na Roça Velha estava intimamente ligada ao trabalho na terra, as fases da colheita e do plantio regiam a vida dos moradores, que se dedicavam a retirar da terra tudo que pudesse ser usado para a sua sobrevivência. Suas relações sociais também dependiam das atividades agrícolas, pois era nesses encontros de trabalho que a comunidade se reunia e confraternizava. O “ser itaiacocano” estava intimamente ligado a esse “sistema”, como é chamado pelos moradores, que incluía o trabalho na terra, a participação nas reuniões e puxirões, e ainda nas festas de santo. Quando a modernização afetou a relação dessas famílias com a terra todos os seus outros aspectos passaram por várias transformações.

#### **1.4.1. No rastro da urbanização: as décadas de 1970 e 1980**

Como outras comunidades da região Sul do Itaiacoca, a Roça Velha tinha até a década de 1980 sua economia baseada no trabalho agrícola predominante familiar. Porém o trabalho, que envolvia a maioria dos membros da família no desenvolvimento de um pequeno comércio de produtos agrícolas deu espaço para outras formas de trabalho e relações com a terra a partir de meados da década de 1970 quando diversas transformações afetaram a comunidade.

Entre esses processos estão a modernização agrícola e a industrialização que, ao trazerem um novo modo de produção, fizeram com que muitos moradores não conseguissem manter suas propriedades apenas com o trabalho na lavoura: carentes de mecanização e conhecimentos técnicos sobre a produção, não podiam concorrer com esse novo mercado econômico, dominado pelos grandes latifundiários. Sem conseguirem manter suas propriedades apenas como o trabalho em seu interior, os moradores encontraram diferentes meio de sobreviver.

A migração foi uma das saídas encontradas por várias famílias da Roça Velha, que migraram principalmente para a cidade de Ponta Grossa, atraídos pelo desenvolvimento das indústrias e a possível oferta de emprego.

A instalação durante a década de 1970 de duas grandes empresas de reflorestamento contribuiu para esse processo de migração. O Banestado e Águia Florestal se instalaram ao longo da região Sul de Itaiacoca procurando diversas propriedades rurais para o plantio de madeira de reflorestamento. Algumas famílias viram nessas ofertas de compra uma oportunidade de venderam suas propriedades e recomeçarem em outros lugares.<sup>51</sup>

Essa migração levou famílias inteiras da comunidade, a irem aos poucos migrando para Ponta Grossa, principalmente as gerações mais novas das famílias que, não vendo possibilidades futuras na comunidade, procuraram novas formas de trabalho. Ao migrarem esses indivíduos entraram em novas dinâmicas de trabalho, de lazer e sociabilidade, e sua relação com campo e Itaiacoca foi se modificando a partir de suas experiências, dando origem a um processo de reconstrução de suas identidades.

Outras famílias, no entanto, buscaram formas de continuar na comunidade, e desenvolveram, dessa forma, estratégias para se manter em suas propriedades.

O crédito rural, com financiamentos bancários foi a saída de alguns moradores para conseguirem manter suas produções. Embora esse crédito não fosse acessível a maioria dos

---

<sup>51</sup> LAVORATTI, Cleide. Op. cit. p. 78

produtores, principalmente as pequenas propriedades, alguns moradores da Roça Velha tiveram acesso e o utilizaram por anos para o custeio da lavoura. Seu Afonso “Neno” foi um dos moradores da comunidade que utilizou os empréstimos para financiar suas lavouras:

daí minha vida também eu lidei muito com Banco do Brasil, eu lidei 12 anos com o banco, fazendo empréstimo para a lavoura né, então fazia empréstimo por ano daí chegava no fim do ano eu pagava aquele ano no outro ano pegava de novo para fazer as roças né, fazia a base de cinco alqueires todo ano de roça, milho e feijão[...].<sup>52</sup>

Segundo Seu Neno os empréstimos eram usados para financiar a produção nas lavouras e a renda adquirida para pagar esses empréstimos e os juros que eram cobrados pelos bancos, era retirada inteiramente da venda desses produtos. Foram justamente esses juros que fizeram com que muitas pessoas se endividassem com o banco: com o decréscimo na venda de suas produções, muitos não conseguiam quitar os juros bancários e assim ficavam endividados com o banco e com risco, inclusive de perder suas terras, levando muitos a vendê-las ou procurarem outras formas de trabalho.

Seu José e sua família passaram por essa situação, trabalhando com o banco por alguns anos, não conseguiram manter a produção na propriedade e pagar os débitos, isso fez com que seu José procurasse na cidade de Ponta Grossa uma saída para seus problemas.

Eu vim embora do Itaiacoca porque...é....a minha mãe morreu né, e...e ....ficamos só os irmãos...os irmãos mais velhos casaram né, os irmãos mais novo né, já tinha diminuído a família, dai lá não tinha serviço, dai a roça já não dava mais, trabalhava com banco financiado, não dava pra cobrir as despesas do banco....é... o seguro já não pagava, já tava endividado, eu tive que vir procurar serviço na cidade.<sup>53</sup>

Mesmo que visto como uma estratégia para se manter no campo e continuar com as lavouras, por um determinado período, o crédito rural não atingiu todos os moradores e mesmo aqueles que conseguiram ter acesso por um período não conseguiram acompanhar o aumento das taxas aliado ao declínio na venda de seus produtos.

Houve, no entanto, outras estratégias encontradas pelos moradores para se manter na comunidade. Sobre esse assunto se debruça a dissertação *Agricultura familiar: estratégias de reprodução social numa comunidade rural – estudo de caso em Itaiacoca-PR* de Cleide Lavoratti<sup>54</sup>. Nesse trabalho foram utilizados vários dados e diagnósticos a respeito da comunidade da Roça Velha, oriundos de um projeto de extensão, organizado pela Universidade Estadual de Ponta Grossa no final dos anos 1990, com participação dos departamentos de Agronomia e Serviço Social. Esses dados nos ajudam a compreender como

<sup>52</sup> LUZ, Afonso Lopes da; Luz, Virginia. **Entrevista**. [jan. 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo mp3.

<sup>53</sup> Luz, José Maria da. **Entrevista**. [jul. 2014]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo mp3.

<sup>54</sup> LAVORATTI, Cleide. Op. cit. p. 78



a comunidade reagiu frente a esses processos e que estratégias tomaram para se manter na comunidade.

Segundo os dados utilizados por Lavoratti, nos anos finais da década de 1990, a comunidade contava com trinta famílias, dedicadas ao trabalho na lavoura e a pecuária. A produção se dava em pequenas propriedades com o cultivo de feijão, milho, arroz, batata, leite e ovos, além da criação de suínos e aves domésticas. Essa produção era voltada apenas para o consumo da família, em pequena escala e havia pouco excedente para a venda ou troca.<sup>55</sup>

Com estes dados também é possível identificar que além da atividade agrícola, quase todas as famílias possuíam alguma fonte de renda externa a suas propriedades, oriundas do trabalho de algum membro da família. Na tabela abaixo pode-se observar que das vinte e oito famílias entrevistadas aproximadamente metade possuía algum membro da família aposentado. O restante divide-se entre aqueles membros que trabalham em atividades externas a propriedade, porém ligadas ao trabalho agrícola e aqueles que possuem atividades externas que não estão relacionadas ao mundo agropecuário.

TABELA 02 – Média de pessoas das unidades familiares agrícolas ocupadas com atividade externas e aposentadoria.

<b>Nº de família</b>	<b>Nº de famílias com atividades externas agrícola</b>	<b>Média de pessoas/família ocupadas</b>	<b>Nº de famílias com atividade externa não agrícola</b>	<b>Média de pessoas/família ocupadas</b>	<b>Nº de famílias com aposentadoria</b>	<b>Média de pessoas/família ocupadas</b>
28	9	1,7	6	1,3	13	1,2

Fonte: LAVORATTI, 1998, p. 103.<sup>56</sup>

Esses dados mostram que a renda externa se tornou uma necessidade para essas famílias, não apenas para seu sustento, como também para manter suas produções. Embora grande parte do sustento fosse retirado da agricultura de subsistência havia a necessidade de uma renda complementar para a manutenção da casa e da propriedade.

Seu Francisco Ribeiro<sup>57</sup>, conhecido como seu Chico Bento, morador antigo da comunidade foi um dos habitantes que procurou outras alternativas para continuar morando na Roça Velha e manter sua propriedade. Ao ver-se com problemas financeiros e sem ter a

<sup>55</sup> LAVORATTI, Cleide. Op. cit. p. 93-98

<sup>56</sup> LAVORATTI, Cleide. Op. cit. p. 103.

<sup>57</sup> Seu Francisco Ribeiro, 72 anos, é aposentado e morador do distrito.

possibilidade de continuar apenas com a lavoura, seu Chico buscou emprego na Prefeitura Municipal de Ponta Grossa:

Não muito bem porque a gente tinha que deixar porque o... lidando com problema de doença... meu sogro ficou uns cinco anos de cama, e daí a gente se apurou aquela época. Criançada pequena. Então a rapaziada ficou... passei eles na... lidando com a lavoura. Apeei do custo de vida. E eu parti pro lado do emprego.<sup>58</sup>

Seu Francisco deixou a esposa e os filhos a cargo da lavoura, para o custeio da casa e da alimentação e foi buscar uma renda externa para manter a casa. Essa estratégia foi utilizada por várias famílias, que buscaram nas mais diversas atividades formas de manter sua casa e continuar morando na comunidade.

Na tabela abaixo podemos ver que tipo de atividades ocupou os moradores da Roça Velha para manter a propriedade:

TABELA 03 – Principal ocupação da população economicamente ativa da Roça Velha – julho de 1998

<b>Atividades</b>	<b>Nº de pessoas economicamente ativa (acima dos 14 anos)</b>	<b>% de total de pessoas economicamente ativa</b>
<b>Agricultor</b>	44	54,32
<b>Aposentado</b>	15	18,51
<b>Comerciante</b>	4	4,93
<b>Caseiro</b>	2	2,46
<b>Doméstica</b>	1	1,23
<b>Empreiteiro</b>	7	8,64
<b>Motorista escolar</b>	1	1,23
<b>Pedreiro</b>	1	1,23
<b>Professora</b>	1	1,23
<b>Reflorestador</b>	4	4,93
<b>Servente escolar</b>	1	1,23
<b>TOTAL</b>	81	

FONTE: LAVORATTI, 1998, p. 104.<sup>59</sup>

<sup>58</sup> RIBEIRO, Francisco; RIBEIRO, Maria Clara. **Entrevista**. [jan.2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo mp3.

<sup>59</sup> LAVORATTI, Cleide. Op. Cit. p. 104

Com os dados dessa tabela percebe-se que mais da metade dos moradores ainda era ligada a agricultura até o final dos anos 1990, ocupando-se apenas dessa atividade sem ter nenhuma outra fonte de sobrevivência. A aposentadoria é vista com a fonte mais segura de se manter na comunidade, com um membro da família aposentado, o restante da casa tinha a possibilidade de continuar produzindo para a subsistência.

Outros moradores procuraram as atividades que estavam mais próximas a comunidade, como o trabalho no transporte e nos serviços recém-chegados por meio da Prefeitura de Ponta Grossa, bem como o trabalho nas empresas de reflorestamento.

Dessa forma vemos que o rural considerado com um espaço homogêneo e ligado predominantemente ao trabalho agrícola deu espaço para outras relações e ideias, tornando-se um espaço plural e multifuncional, ligado a pluriatividade.

Essa combinação permanente de atividades agrícolas e não-agrícolas, em uma mesma família, é que caracteriza e define a pluriatividade, que tanto pode ser um recurso ao qual a família faz uso, para garantir a reprodução social do grupo ou do coletivo que lhe corresponde, como também pode representar uma estratégia individual, dos membros que constituem a unidade doméstica.<sup>60</sup>

Esta pluriatividade permitiu que muitas famílias da Roça Velha continuassem com suas propriedades e atividades agrícolas e, principalmente, que continuassem vivendo no campo. É claro, porém, que cada família interpretou essa pluralidade de maneira específica, e que esta teve efeitos distintos entre os membros de cada unidade familiar.

[...] as características da pluriatividade variam de acordo com o indivíduo-membro que a exerce, pois o exercício de atividades não agrícolas acarreta efeitos distintos sobre o grupo doméstico e sobre a unidade produtiva, de acordo com variáveis como o sexo ou posição na hierarquia da família de quem a pratica. O mesmo pode-se dizer das condições sociais e econômicas locais, do ambiente ou do contexto, em que ocorre a pluriatividade.<sup>61</sup>

É justamente essa pluriatividade, essa multiplicidade de relações e funções que definem esse espaço. São as diferentes formas pelas quais os moradores se relacionaram com a urbanização e a modernização é que fazem desse um lugar específico.

Questões identitárias também foram confrontadas nessa multiplicidade de novos contextos e relações, como explicado por Carmo: “A identidade colectiva definida em torno de um “nós” aglutinador cede lugar a uma pluralidade de vínculos e de referências identitárias que se geram e emanam dos mais diversos contextos sociais, internos ou externos aos espaços rurais”<sup>62</sup>. Se antes as relações sociais dos moradores estavam condicionadas aos espaços da

<sup>60</sup> SCHNEIDER. Sérgio. A pluriatividade como estratégia de reprodução social da agricultura familiar no Sul do Brasil. *Estudos Sociedade e Agricultura*. p.164-184. Abril de 2001, p. 165

<sup>61</sup> SCHNEIDER. Sérgio. Op. Cit. p. 165

<sup>62</sup> CARMO. Renato Miguel do. Op. cit. p. 271.

comunidade e dos arredores, com a urbanização e a modernização novos espaços, novas demandas e novas relações foram ganhando forma e trazendo novos conflitos e tensões.

Os novos regimes de trabalho mudaram a relação dos moradores com o tempo, trabalho e lazer. Sujeitos a novas cargas horárias de trabalho, restritas e bem definidas diferiam e muito da carga horária do trabalho na lavoura e dos horários disponíveis para descanso e lazer. O tempo livre passou a ser condicionado pelas escalas e férias, modificando a dinâmica de lazer e sociabilidade. As novas dinâmicas de trabalho também colocaram esses indivíduos em contato com novos grupos sociais, algumas vezes externos a comunidade.

A urbanização foi aproximando cada vez mais a comunidade da cidade, estradas foram abertas, transportes coletivos foram instalados, a energia elétrica se tornou realidade. As visitas a cidade se tornaram mais frequentes, e aqueles indivíduos que participavam desses novos espaços traziam consigo novas demandas para a comunidade, o refrigerador, a televisão e o rádio passaram a fazer parte das casas, bens e produtos antes desconhecidos passaram a ser acessíveis para os moradores.

Os membros mais jovens da comunidade se tornaram vetores dessas tensões, ao participarem de novos espaços e novas relações, principalmente ao frequentarem as escolas de Ponta Grossa, são veículo de tensões dentro da comunidade, possibilitando o surgimento de novas ideias, novas formas de perceber a comunidade, a si mesmos e a cidade, a partir dos novos contextos econômicos, sociais e culturais.

Essa pluralidade de relações e espaços é fator importante na formação das identidades dos moradores da Roça Velha, que as foram construindo e reconstruindo frente aos diversos contextos. A coesão social abriu espaço para a fragmentação, se antes os espaços sociais e a relações sociais eram limitadas, nesse novo momento um leque de novas possibilidades se abre, fazendo com que cada morador tenha múltiplas identidades e identificações.

As mudanças chegaram a todos os aspectos da vida dos moradores, incluindo o aspecto religioso, e a sociabilidade e solidariedade gerada por esses espaços. As festas religiosas organizadas pelas famílias da comunidade, chamadas de “festa de santo” eram práticas comuns no cotidiano dos moradores, movimentavam a comunidade toda em torno de sua preparação e constituíam um grande espaço de sociabilidade para os moradores, que viam nas festas a oportunidade para verem e serem vistos.

As festas faziam parte do viver em Itaiacoca, e a participação nelas integrava o grupo em torno de uma base comum, a religiosa, mas que tomava outras direções em sua realização, a festa era espaço de conversa, de música, de namoros, chimarrão e até desentendimentos. Embora tenham desaparecido, as memórias e lembranças destas estão vivas em seus

participantes, e as experiências que tiveram nesses espaços ajudaram a constituir suas identidades e suas relações com Itaiacoca e com a comunidade.

## 2. CAPITULO II – AS FESTAS DE SANTO: RELIGIÃO E RELIGIOSIDADE

O estudo das festas religiosas têm atraído a atenção de diferentes pesquisadores ao longo dos séculos. Em diferentes áreas e com diferentes enfoques, as festas religiosas já serviram como base para estudos relacionados a religiosidade e cultura popular, aos costumes e comportamentos de comunidades e grupos, suas relações sociais e de lazer e também nos estudos sobre formação de identidades.

Ao pensarmos no campo da História temos que ter em mente que as festas são práticas plurais e mutáveis, sujeitas a transformações, inclusive em seus significados e nas experiências que proporcionam.

As festas, reconhecidas como populares, ou não, em qualquer período, pertencem à história e, portanto, apesar das tentativas de seus organizadores ou das aparências formais de sua continuidade e unidade, transformaram-se, ganharam novos sentidos e possibilidades[...]<sup>63</sup>

Por estarem ligadas à tradição, muitos pesquisadores veem as festas como práticas congeladas no tempo e no espaço, cujas mudanças podem descaracterizar ou deteriorar essas práticas. Porém precisa-se ter em mente que as festas são passíveis de mudanças, principalmente em relação aos seus significados. A tradição, nesse caso, é flexível e se adapta de acordo com o contexto em que está inserida.<sup>64</sup>

Para que as festas existam, precisam ter significados para seus participantes. Esses significados estão ligados à experiência desses indivíduos, que ao longo de momentos e contextos distintos vão ressignificando a festa e a transformando. As festas estão, desse modo, em constante mudança e transformação, e estas não podem ser vistas exclusivamente como declínio ou deterioração da tradição, e sim como a própria festa se reinventando para atender as novas demandas de seus participantes.

Ao tratar da festa como espaços de sociabilidade e interação, estou de acordo com a perspectiva de Simmel, ao tratar dos conceitos de sociação e sociabilidade. Segundo este autor a sociação é a interação entre indivíduos em torno de interesses comuns, que fazem com que

---

<sup>63</sup>ABREU, Martha. Cultura popular: um conceito e várias histórias. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.). **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa Palavra, 2003, p. 83 – 102. p. 97.

<sup>64</sup> MACHADO, Maria Clara Tomaz. Cultura popular: um contínuo refazer de práticas e representações. IN: PATRIOTRA, Rosângela; RAMOS, Alcides Ferreira. **História e Cultura: espaços plurais**. Uberlândia: Aspectus, 2002, p.335 – 345. *Apud*. DUARTE, Aline do Nascimento. **A preservação da identidade sociocultural por meio de práticas discurso-religiosas em contextos rurais**. 2008. 200 p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2008, p. 88.

[...] o ser humano entre, com os outros, em uma relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro em estado de correlação com os outros. Isso quer dizer que ele exerce efeito sobre os demais e também sofre efeitos por parte deles.<sup>65</sup>

Para Simmel a sociação é a forma como os indivíduos se organizam em torno de seus interesses comuns, e dentro dessa organização, interagem com o outro, estabelecendo relações. A sociabilidade, por sua vez é definida por ele como “a satisfação de estar juntamente socializado”<sup>66</sup>, que transcende a interação em torno de interesses comuns e se torna a valorização dessa interação, do estar junto e socializar, para Simmel a sociabilidade é “forma lúdica da sociação”.<sup>67</sup>

Dessa forma, as festas são espaços de sociação e sociabilidade, por se tratarem de espaços em que os indivíduos se reúnem em torno de um interesse comum, nesse caso a religião e a prática religiosa, mas que as experiências que esses espaços proporcionam, provocam em seus participantes uma valorização dessa interação, pelos simples ato de estarem juntos e interagindo.

Porém essa interação não é isenta de conflitos e tensões, e a festa pode ser espaço para conflitos por legitimação de ideias, sentidos e memórias, bem como relações de poder, status e papéis sociais.

[...] as festas são espaços de negociação, de tensões, de conflitos, de alianças e de disputas entre distintos agentes, que se conflitam e se debatem em torno não só dos sentidos e significados a serem dados à festa, como também em torno das práticas que as constituirão, dos códigos que as regerão, das regras que estabelecerão permissões e proibições, que definirão limites e fronteiras entre o que pode ser admitido e o que deve ser excluído.<sup>68</sup>

As festas podem ser vistas como espaços “eficazes em aglutinar as pessoas em termos de vivências coletivas”<sup>69</sup>, ao unificarem e uniformizarem a identidade social desse grupo de indivíduos, ao serem espaços de partilha de vivências e memórias.

[...] porque já está identificado, o grupo festeja e, por sua vez, a festa cria ou reforça a identidade. Festa e identidade precedem-se mutuamente, são ambas fator e resultado, causa e efeito, mas em patamares e momentos diferenciados, num processo inacabado e de reinvenção celebrativa [...].<sup>70</sup>

<sup>65</sup> SIMMEL, Georg. A sociabilidade (Exemplo de sociologia pura ou formal) In: **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2006. p. 60.

<sup>66</sup> SIMMEL, Georg. Op. cit. 64.

<sup>67</sup> SIMMEL, Georg. Op. cit. p. 65.

<sup>68</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR. Durval Muniz de. Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar. **Patrimônio e Memória**. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.7, n.1, jun. 2011, p. 134-150. p. 147-148

<sup>69</sup> CARVALHO, André Luis Piva de. Festa e Identidade Social. In: II COLÓQUIO FESTAS E SOCIABILIDADES, 2008, **Anais Eletrônicos**, 2008. p. 149

<sup>70</sup> TEIXEIRA. Joaquim de Sousa. Festa e Identidade. **Comunicação & Cultura**. n. 10, p. 17 – 33, outubro de 2010, p. 18.

Ao tratar essas festas populares, é impossível não discutirmos aspectos ligados à religiosidade e ao catolicismo popular. Tem-se conhecimento que o uso desse conceito divide os pesquisadores, e que as formas como têm sido usados variam de acordo com o tipo de pesquisa e com a escolha do pesquisador. Sabendo da complexidade de trabalhar com esse conceito e das diversas perspectivas que podem ser usadas, faz-se necessário explicitar minhas escolhas.

Ao ter como objeto de estudo festas religiosas de uma comunidade rural, me é necessário perceber que as práticas desses moradores estão inseridas num conjunto de expressões religiosas católicas que, mesmo tendo como base as práticas da Igreja Católica Romana, as reinterpretou, redefiniu e ressignificou à luz de seus contextos sociais e culturais. Sendo assim, a catolicidade dos indivíduos estudados nessa pesquisa não é tratada como um outro catolicismo, mas as formas pelas quais o catolicismo romano se instaurou no contexto dessas comunidades rurais.

Esse catolicismo popular não é uma manifestação empobrecida do catolicismo oficial, tem uma forma específica perante a Igreja Católica. Não é oposto a elas e também não as confronta, coexistem em intensa relação influenciando e recebendo influências um do outro. Também tem se esclarecer que o catolicismo popular é um fenômeno dinâmico, sujeito a mudanças, não sendo avesso a modernidade e ligado apenas a tradição, a forma como é vivenciado e significado varia de acordo com os diferentes contextos.<sup>71</sup>

Ao tratar do catolicismo de Itaiacoca, e das práticas religiosas de seus moradores, vejo um catolicismo centrado na devoção aos santos, mediado por leigos e ligado principalmente às festas, procissões, banquetes e festejos, distantes e autônomos em relação aos clérigos e das diretrizes da Igreja Romana. No entanto, mesmo tendo certo distanciamento e independência das práticas Igreja, as práticas dos moradores existem em relação direta com ele, não havendo nenhum conflito, para seus participantes, entre as práticas diárias e os sacramentos da Igreja.

Esse catolicismo é o catolicismo da vivência, das práticas diárias e do cotidiano, e fazem parte, assim a participação nos sacramentos da Igreja, daquilo que constitui sua religiosidade e sua religião, faziam e fazem parte do que é “ser católico em Itaiacoca”.

---

<sup>71</sup> SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, romarias, milagres: aspectos do catolicismo popular**. Natal: IFRN, 2013, p. 05 – 07.



## 2.1. O Catolicismo se organiza no Brasil

Tendo chegado ao Brasil, em 1500, junto com os portugueses o catolicismo se organizou em terras brasileiras através do sistema do Padroado-Régio, no qual a Coroa Portuguesa se responsabilizou pela inserção da Igreja Católica na recém-descoberta colônia.

Os direitos de padroado-régio só podem ser compreendidos à luz do contexto do medievo ibérico. Não se trata de usurpação da Coroa portuguesa das atribuições próprias da Igreja, mas uma forma de compromisso entre os reis de Portugal e o papado. Assim, o chefe da Igreja no Brasil era o rei de Portugal, pois o direito de padroado régio vai consistir especificamente no direito de administração dos negócios eclesiásticos, concedido pelos papas aos soberanos portugueses. Os monarcas passaram a exercer, ao mesmo tempo, um poder de ordem civil e eclesiástica[...].<sup>72</sup>

Embora estivesse ligado à Igreja Católica Romana, no Brasil o catolicismo era organizado pela Coroa Portuguesa, sendo ela responsável pela construção de igrejas, nomeações de párocos e bispos, e pelo estabelecimento de ordens e confrarias religiosas.<sup>73</sup> Era também função da Coroa promover a expansão do catolicismo pelo Brasil e as formas pelas quais este era difundido entre a população.

Dessa forma, o catolicismo que aqui se desenvolveu esteve muito mais ligado à Coroa Portuguesa do que às decisões e diretrizes da Sé Romana, e assim tomou características específicas em solo brasileiro. Os portugueses “trouxeram de Portugal seus santos e práticas devotas, continuando na colônia as devoções de tradição familiar”<sup>74</sup>, essas práticas também se misturaram às religiões africanas e indígenas, fazendo que uma pluralidade de “catolicismos” tomasse forma ao longo do Brasil. Segundo Teixeira, o catolicismo que aqui se constituiu tinha como

característica central o culto aos santos. Foi esse culto que marcou a peculiar dinâmica religiosa brasileira, de caráter predominantemente leigo, seja nas confrarias e irmandades, seja nos oratórios, capelas de beira de estrada e santuários. O catolicismo brasileiro foi durante muito tempo um catolicismo de “muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre”. Os santos sempre ocuparam um lugar de destaque na vida do povo, manifestando a presença de um “poder” especial e sobre-humano, que penetra nos diversos espaços de vida e favorece, numa estreita aproximação e familiaridade com seus devotos, a proteção diante das incertezas da vida.<sup>75</sup>

Embora estivessem ligadas ao catolicismo oficial, onde a figura dos clérigos é essencial, as práticas diárias da maioria dos brasileiros eram regidas por leigos, que se faziam

<sup>72</sup>ZULIAN, Rosângela Wosiack. **Entre o Aggiornamento e a solidão: práticas discursivas de D. Antonio Mazzaroto, primeiro bispo diocesano de Ponta Grossa – PR (1930 – 1965)**. 2009. 438 p. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.p. 35.

<sup>73</sup> *Ibidem*

<sup>74</sup>ANDRADE, Solange Ramos de. A Igreja Católica no Brasil após o Concílio Vaticano II. In: **O catolicismo Popular na Revista Eclesiástica Brasileira (1963 -1980)**. Maringá: Eduem, 2012.p. 41

<sup>75</sup> TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, p.14 - 23. Set/Nov. 2005. p. 17.

mediadores entre suas crenças e a religião. Eram os moradores que ocupavam papel de destaque nas orações, novenas e principalmente nas festas religiosas, que ocupavam lugar privilegiado em muitas culturas, como uma das expressões máximas da religiosidade. Trazidas por confrarias e ordens religiosas, as festas se espalharam pelo país, fazendo parte da cultura e do cotidiano de muitas comunidades, ganhando novos contornos a cada contexto em que eram inseridas.

No contexto paranaense, não foi diferente, a catolicidade estava ligada intimamente aos leigos e às práticas populares, com certa autonomia em relação à Igreja oficial e aos párocos. Em Itaiacoca tais práticas integravam o cotidiano dos moradores: os altares dedicados aos santos padroeiros das famílias, as novenas e rezas feitas em casas, com a mediação de capelães, e as festas de santo organizadas eram expressões da religiosidade desses moradores que, ao falarem sobre essas práticas, referem-se a si mesmos como integrantes da “religião e do sistema dos itaiacocanos”.

As festas de santo eram comuns em todo o Itaiacoca, e tinham lugar destacado na vida em comunidade, não apenas pelo aspecto religioso, mas pela interação social. Famílias de diferentes etnias e classes sociais possuíam devoções aos santos, herdadas há gerações, e organizavam rezas e festas em sua homenagem. A preparação e organização dessas práticas está permeada de rituais e tradições, que interligavam não apenas a família, mas toda a comunidade e seu entorno e foram por muitas décadas a principal forma de interação social das comunidades

## **2.2. As festas religiosas de Itaiacoca – “Dia Santo: Hora das Rezas”**

Nas comunidades de Itaiacoca, as festas religiosas estavam intimamente ligadas ao calendário religioso da Igreja Católica, cada família possuía seu santo padroeiro e a festa era organizada em louvor a esse santo. Estes, normalmente eram associados às devoções populares da tradição portuguesa e também ao trabalho na lavoura, como o culto ao Divino Espírito Santo, ao Senhor Bom Jesus e a Nossa Senhora da Imaculada Conceição, Santo Antônio, São Sebastião e São Bento.

Muitas famílias realizavam os festejos, das mais humildes às mais abastadas, que organizavam grandes banquetes. A preparação para esses eventos começava pelo menos três dias antes do “dia santo”. Famílias inteiras de parentes e vizinhos chegavam para ajudar nos primeiros preparativos, que começavam com a preparação das carnes que seriam servidas. Bois, aves e porcos eram abatidos, e os cortes das carnes eram separados para a festa.

Havia trabalho para todos, pois muitos preparativos precisavam ser organizados. A casa deveria ser limpa e arrumada, a grama e os arredores aparados, a lenha deveria ser cortada, além da confecção do mastro e da bandeira. A família festeira recebia ajuda dos parentes e amigos mais próximos que ficavam instalados em sua casa por alguns dias, para ajudar no que fosse preciso.

No dia que antecedia a festa o serviço se intensificava e era nesse momento que acontecia o “ajutório”, um mutirão de ajuda que reunia várias famílias. Muitos compareciam a esse “ajutório” por promessas que tinham realizado ao santo, enquanto outros vinham pela boa relação com os parentes, vizinhos e compadres.

As mulheres se dedicavam à limpeza da casa e organização de bancos, cadeiras e mesas para acomodar algumas famílias, e também à organização do altar ou capelinha onde ocorreriam as orações. Nelas os santos deveriam ser limpos e os andores renovados. A cozinha também era território exclusivo das mulheres, que preparavam pães, bolos e broas, além de outros alimentos que seriam oferecidos na festa. A comida servida para os participantes também era de responsabilidade feminina. Desde bolos de polvilho assados em grandes fornalhas, à famosa “carne de lata”<sup>76</sup>, iguaria comum na região, eram consumidos no café e, algumas vezes, durante o almoço.

Os homens se dedicavam ao trabalho do lado externo da casa, sendo o corte de lenha o mais necessário, pois o fogo precisava estar sempre aceso na cozinha. Também arrumavam as cercas, cortavam a grama e mantinham os arredores da casa limpos. Preparavam o mastro, a bandeira e demarcavam os caminhos da procissão com ramos e vimes.

Por volta do meio-dia todos eram convocados para o almoço pelo toque de um sino ou sineta. Homens paravam o trabalho e sentavam-se à mesa para a refeição, e só quando estes tivessem terminado, as mulheres podiam sentar-se à mesa.

Após uma pequena pausa para o descanso, todos retornavam aos seus trabalhos. Fornadas de pães, bolos e pães doces eram assadas em fornalhas, para serem leiloadas, e alguns cortes de carne também eram pré-assados para o dia seguinte.

O dia da festa começava cedo. As carnes precisam ser colocadas para assar logo pela manhã. Algumas famílias serviam “rechio”<sup>77</sup> de carne de porco, frito em enormes tachos de

---

<sup>76</sup> Carne de lata é como é chamada a carne de porco que é frita e armazenada em sua própria gordura, normalmente em latas para sua melhor conservação. Ao passar por esse processo e ficar armazenada dessa forma a carne se torna extremamente macia e saborosa. Esse prato era muito comum em Itaiacoca, além de em outras regiões do Brasil, principalmente Minas Gerais, pois sem meios adequados para a conservação das carnes esse era bastante utilizado.

<sup>77</sup> Carne de porco, cortada em pedaços quadrados, junto com a pele e a gordura, frita em um tacho de banha fervente. O nome, segundo eles, deriva do aspecto macio da carne, parecendo que estava recheada. Embora

gordura fervente, como explicado por seu José. Essa iguaria era e ainda é muito popular entre os moradores.

Comida geralmente era... é... “rechio” que eles falava. Nas festa maior era “rechio”, eles falava “rechio”. Era... “rechio”, hoje é uma carne de porco picada, maior os pedaço, quadrado assim, maior né!?!... geralmente leitão né!?!... com o courinho... daí era, é... eles falavam aferventado, mas era... em um tacho, era meio... dado uma “moqueada”, uma cozinhada naquela carne, e daí outro dia era esta esquentado uma gordura, um banha, bem quente, né!?!... daí era frito naquela banha. Ficava uma carne recheada, eles falava “rechio” né!? Uma carne muito gostosa. Este era a comida, daí o arroz, feijão, farinha. Daí esse era a comida da festa né!? Mas era muito bom. Muito gostoso né!?!<sup>78</sup>

Havia também famílias que serviam refeições comuns no dia- a-dia, como o “batidão”, onde a carne bovina era batida com fações até ficar moída, frita em grandes tachos e servida com arroz e feijão. E ainda aquelas que ofereciam café com pães e bolos.

Ao longo desse dia muita ajuda também era necessária. Em algumas festas, aqueles que estavam ajudando usavam fitas de tecidos coloridas, pregadas em suas roupas para sinalizar que faziam parte da organização, enquanto outros usavam uma faixa de tecido muito parecida com a estola, usada pelos padres durante a celebração da missa.

Na foto 08 vê-se um dos ajudantes da festa de Santo Antônio, pertencente a uma família do bairro do Carazinho, em Itaiacoca. A festa voltou recentemente a ser realizada em uma casa de família, e todos os ajudantes usavam um tecido branco com uma flor colorida feita de fitas.

---

pesquisas tenham sido feitas, não foram encontradas referências similares em outros estudos, mas a receita se parece com o famoso porco no tacho, comum em algumas regiões do Paraná.

<sup>78</sup> LUZ, José Maria da. **Entrevista**. [jul.2014] Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo mp3.

FOTO 08 – Membro do ajudório da festa



Acervo da autora: 18 de agosto de 2013

O capelão, normalmente um membro da comunidade, era de extrema importância. Ele era o responsável pela realização das orações, rezas, cantos e ladainhas. Como essa figura era conhecida por toda a região, era convidado a ir até a festa para realizar os ritos. Em cada comunidade havia um ou dois homens que eram capelães. Esse papel era sempre masculino, sendo essa prática considerada por todos como um dom que “nascia com a pessoa”.

O capelão era acompanhado por um pequeno coro para as canções, formado por homens e mulheres. Essas orações, segundo seus participantes, algumas vezes vinham de livretos, muitos em latim, que eram posses desses indivíduos.

Um momento antes das orações se iniciarem, uma mesa era posta em frente ao altar e uma refeição era servida para as crianças enquanto orações eram feitas. As crianças menores e aquelas que tinham promessas eram vestidas de anjos. Essa prática era conhecida como a “mesada de anjos”, como explicado por seu José, antigo participante das festas.

Normalmente tinha uma... uma mesada dos anjo que eles falavam né!?!... quando os anjo se vestiam de anjo, as criança, né!?!... daí almoçava as criança primeiro,... as

criança... enquanto as criança estavam almoçando, já iam fazendo... os capelão iam fazendo as oração... as reza, as orações dele né!?.<sup>79</sup>

Enquanto as crianças comiam, orações e canções eram feitas e só terminavam quando as crianças terminavam a refeição. Na foto abaixo (Foto 09), podemos ver uma dessas práticas, realizada na festa de Santo Antônio, na comunidade do Carazinho. Essas “mesadas de anjos”, cujo objetivo principal era alimentar as crianças, aconteciam não só no ambiente das festas, mas também em outras ocasiões religiosas, como terços, novenas e promessas feitas pelos moradores.

FOTO 09 – Mesada de Anjos



Acervo da autora: 18 de agosto de 2013

Os andores da festa eram enfeitados com diversas fitas coloridas e flores, e além do santo de devoção, vários outros santos eram carregados, estando o Divino Espírito Santo presente na maioria delas. Nas fotos abaixo vemos, primeiro (Foto 10), os andores da festa de Santo Antônio, onde estão o próprio Santo Antônio e Nossa Senhora de Fátima, rodeado de flores e fitas. Na segunda foto (Foto 11), os andores da festa do Divino Espírito Santo, Nossa Senhora Aparecida e São Sebastião, ao lado de um anjinho para a procissão e da bandeira de Divino, em frente ao altar dedicado ao mesmo. Nas fotos, o destaque é para a decoração dos andores, principalmente às flores e fitas coloridas, mais uma forma de homenagear o santo. A

<sup>79</sup> LUZ, José Maria da. **Entrevista**. [jul.2014] Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo mp3.

cor vermelha é ligada liturgicamente ao Espírito Santo e por isso ganha destaque nas decorações.

FOTO 10 – Andores da festa



Acervo da autora: 18 de agosto de 2013

FOTO 11 – Altar, andores e anjinho



Acervo da autora: 24 de maio de 2015

Na sequência a procissão se organizava. Os andores e os santos eram carregados por voluntários, que seguiam em torno da casa, no caminho demarcado por ramos e vimes, em meio às canções. Na fala de seu José vemos como a procissão era organizada, e como terminava com a renovação do rito, simbolizado pela troca do mastro e da bandeira do santo.

Daí faziam uma procissão, né!? Carregavam o andor como o santo que era o santo do festejo né!?... carregavam os outro santo também, né!?... faziam um procissão, fazia uma... uma trilha assim de... de ramo né!? Daí faziam aquela procissão, daí tinha um mastro que era... tinha uma bandeira com o... pro santo né!? Aquele mastro era pintado com tinta, feito uma bandeira quadrada né!?... daí tinha lá o... a imagem do santo no mastro, era erguida aquela... aquele mastro ali né!?... a hora que terminava erguia aquele mastro, e daí cada dia deste santo, cada aniversário era renovado... no ano seguinte era renovado aquele mastro, arrumado de novo, ou colocado outro novo, com outra bandeira e outra imagem, do mesmo santo né!? E assim ia mudando de ano em ano.<sup>80</sup>

Na fotos abaixo (fotos 12 e 13) podemos ver a procissão da festa do Divino Espírito Santo na comunidade da Roça Velha, nos anos de 1990 e 2015, respectivamente. A festa organizada por seu Afonso, é realizada na comunidade há mais de cinquenta anos.

#### FOTOS 12 – Procissão Divino Espírito Santo 1990



Acervo: Afonso Lopes da Luz

<sup>80</sup> LUZ, José Maria da. **Entrevista**. [jul.2014] Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo mp3.



FOTO 13 - Procissão Divino Espírito Santo 2015



Acervo da autora: 24 de maio de 2015

Após o fim da procissão o almoço era servido, gratuitamente, a todos os convidados. As famílias se reuniam para comer, dentro da casa, nos arredores e nos campos. Após a refeição o espaço ficava livre para as pessoas se reencontrarem e conversarem. Nesses espaços, casais se formavam e eram desfeitos, e alguns homens jogavam bola, enquanto, em outro espaço, surgia uma sanfona e uma viola para o ensaio de algumas canções. As festas também eram espaços para conflitos, muitos desentendimentos começavam ou eram resolvidos nas festas, e não era raro terminarem em alguma briga ou discussão, também casos extremos de violência e morte.

O leilão acontecia durante o almoço ou mesmo ao final deste. Os leiloeiros começam a oferecer as comidas preparadas, pães e bolos e as prendas que foram trazidas pelos devotos para o santo padroeiro. Essas prendas eram, desde utensílios domésticos, bebidas alcólicas até animais vivos, como galinhas e porcos. As prendas tradicionais eram os pães doces (foto 14), feitos em formatos diferentes, e assados em grandes fornalhas.

FOTO 14 – As prendas da festa – os pães doces



Acervo da autora: 18 de agosto de 2013

Ao final da tarde a maioria dos participantes voltava para casa já com a certeza de que no ano seguinte a festa aconteceria de novo. Algumas famílias, no entanto, ainda permaneciam na casa para auxiliar a organização e arrumação, que durava até o fim do dia. A família se encarregava de contabilizar os gastos e o dinheiro que foi arrecadado com leilão, esperando que este pudesse auxiliar nos gastos da festa daquele ano e no ano seguinte.

Até meados da década de 1980 estas práticas reuniam centenas de pessoas, e eram muito populares entre todas as comunidades, porém com a industrialização e a urbanização tomando conta de Itaiacoca, sofreram várias transformações.

As novas relações com o trabalho e a nova dinâmica da comunidade, em relação ao trabalho agrícola, afetaram diretamente a cultura das festas. A busca por outras formas de viver levou à migração, que fez com que muitas famílias abandonassem esta tradição. Aqueles moradores que ficaram nas comunidades também não conseguiram manter as festas, em vista das novas dinâmicas de horários de trabalho e os cuidados com a propriedade, e também das dificuldades financeiras.

Mesmo aqueles festeiros que conseguiram manter suas tradições não contavam mais com grande presença dos vizinhos. A participação nas festas diminuiu frente a todos os novos espaços de sociabilidade e religiosidade que chegaram as comunidades, junto com a urbanidade, e as festas foram perdendo espaço para outras práticas sociais.

Além do processo de modernização e urbanização das comunidades, a inserção da Igreja Católica nas comunidades também pode ser vista como um dos fatores de mudança na dinâmica das festas e nos seus significados perante seus participantes.

### 2.3. A Igreja e seus desdobramentos

Com a Proclamação da República em 1889 e a separação entre o Estado e religião, a Igreja Católica viu findar o sistema do padroado-régio, que durante séculos havia dado ao catolicismo brasileiro um caráter:

devocionário do povo, composto pelo ritual da festa, com manifestações que se aproximavam daquelas pagãs, com exagero de bebidas e comidas, procissões, cantorias, enfeites, bailes e verdadeiros momentos de camavalização da religiosidade. Um tipo de religiosidade que acabou sendo institucionalizada por organizações criadas pelos leigos, à margem da Igreja oficial, dentre as quais as mais conhecidas foram as irmandades e as confrarias.<sup>81</sup>

As marcas deixadas por esse sistema, aliado ao fato de que o Estado, a partir da proclamação da República, abria caminho para outras religiões, levou a Igreja a perceber a necessidade de uma nova estruturação, que conseguisse atingir os fiéis de maneira mais profunda, universalizando as práticas religiosas e aproximando-as às romanas.

Começou-se, então, a partir desse momento no Brasil, um projeto chamado por muitos de “romanização”, em que a Igreja buscou se aproximar das práticas e decisões de Roma. Esse projeto buscava colocar os clérigos e a Igreja como centro das práticas religiosas do povo. Entre as medidas tomadas pela Igreja nesse processo, segundo Marin, estariam:

a moralização e a ampliação de seus quadros de pessoal, a importação de Ordens e Congregações Religiosas estrangeiras, a fundação de seminários[...] a montagem de uma nova estrutura organizacional e devocional segundo os moldes do catolicismo romano e a difusão de uma rede de instituições católicas de ensino privado para cristianizar as elites, para que estas, por sua vez, cristianizar o povo, o Estado e legislação.<sup>82</sup>

A principal medida desse projeto estava relacionada com uma mudança no clero, no enquadramento dos representantes eclesiais nos modelos romanos. Desse modo, a Igreja buscava investir para que seu corpo eclesial atuasse de forma direta na evangelização, e levasse ao povo práticas religiosas ligadas diretamente à Igreja. Com esse intuito novas

---

<sup>81</sup> MARCHI, Euclides. O mito do Brasil Católico: Dom Sebastião Leme e os contrapostos de um discurso. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 28, pp. 55 – 75, 1998, p. 58.

<sup>82</sup> MARIN, Jéri Roberto. História e Historiografia da romanização: reflexões provisórias. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, UFSC, n. 30, pp. 149 – 169, outubro de 2001. p. 153.

paróquias foram criadas e as ordens religiosas passaram por reformas, ou foram substituídas por novas.<sup>83</sup>

Para que essas novas ordens e congregações reorganizassem a doutrina de evangelização, era importante que assumissem o controle das celebrações religiosas, que estavam nas mãos dos leigos, e principalmente das organizações administrativas e festivas dos santos padroeiros. Embora não entrassem em confronto direto com as devoções antigas, os clérigos procuravam inserir novas devoções e trazer para o seu controle a organização das práticas, procurando afastar e apagar as devoções antigas, substituindo-as por novas, inclusive valorizando outros santos católicos, em detrimento às tradições antigas.<sup>84</sup>

Dessa forma era a Igreja:

[...]delegando aos seus o direito de dirigir, canalizar e controlar a experiência do sagrado. Assim, o clero firmaria sua posição como único detentor dos rituais religiosos do catolicismo, relegando outras manifestações de fé à condição de práticas supersticiosas ou folclóricas.<sup>85</sup>

No entanto, a romanização deve ser encarada com um processo que se desenvolveu ao longo do tempo em contornos lentos e em diferentes maneiras diante dos contextos em que foram inseridas. Em muitas regiões do Brasil as práticas e devoções antigas estiveram presentes por várias décadas.

O Paraná, até o final do século XIX, tinha nas ordens religiosas e nas irmandades de leigos a mediação entre a fé e as práticas religiosas. Apenas em 1892, com a fundação da Diocese de Curitiba, o projeto da romanização adentrou o estado. Apenas alguns anos mais tarde, em 1926, é que a romanização começou a ganhar forma, quando outras dioceses foram criadas, entre elas a Diocese de Ponta Grossa.<sup>86</sup>

Embora erigida em 1926, só se tornou de fato Diocese em 1930 quando recebeu seu primeiro bispo, que começou o processo de reorganização do clero e das igrejas da cidade. Em Itaiacoca esse processo foi mais demorado, pois uma participação ativa nas comunidades começou apenas em meados da década de 1960, o que fez com as várias manifestações religiosas do catolicismo popular continuassem ganhando força durante as primeiras décadas do século XX.

---

<sup>83</sup> PERREIRA, Denise; ZULIAN, Rosângela Wosiack. Ponta Grossa: Rumo aos pressupostos da romanização. **Revista de História Regional**, v.11, pp. 71 – 92, 2006, p. 78.

<sup>84</sup> ZULIAN, Rosângela Wosiack. Op. cit. p. 89.

<sup>85</sup> PETRUSKI, Maura Regina. Op. cit. p. 43.

<sup>86</sup> PERREIRA, Denise; ZULIAN, Rosângela Wosiack. Op. cit. p. 82.

#### 2.4. A inserção da Igreja em Itaiacoca

Como bairro da Ponta Grossa, Itaiacoca era atendida pelos vigários da região de Curitiba, que estavam na cidade. Vemos uma dessas visitas feitas pelo vigário-geral forense de Curitiba, João Evangelista Braga, em 1887, na matéria do jornal *Dezenove de Dezembro*

Itaiacoca – Sr. Redator – Peço à V. S o favor de dar a publicidade estas poucas linhas, embora toscas, em homenagem á verdade, e como expressão sincera de gratidão ao Exm. e Rvm. Sr. vigario geral forense Sr. João Evangelista Braga pelo muito bem que fez entre nós. Pela primeira vez houve neste populoso bairro uma festa verdadeiramente e grandemente religiosa. [...] Forão chrimadas de 25 à 27 de Março 700 pessoas; houve grande numero de confissões e comunhões, e houverão casamentos necessários de pessoas amasiadas. S. Ex. Rem<sup>o</sup>. e o digno vigário de Ponta Grossa incansaveis e attenciosos para com os fieis, á quem fizeram tanto serviço por caridada, ao retirarem-se deixam o povo saudoso.<sup>87</sup>

Com a criação da Diocese em 1926, Itaiacoca passou a receber padres oriundos da Igreja Matriz de Sant’Ana, responsáveis pelas comunidades do distrito, porém essa relação perdurou apenas até 1942, quando a Igreja Nossa Senhora do Rosário, no centro de Ponta Grossa, foi transformada em Paróquia e passou a ser responsável por Itaiacoca.

Em 1955, foi a vez da Igreja Imaculada Conceição, na região de Uvaranas, se desmembrar da Paróquia do Rosário, e se tornar a paróquia responsável pelas comunidades de Itaiacoca.

Onze anos depois, 1966, Itaiacoca novamente passou a pertencer a outra paróquia recém-fundada, a do Senhor Bom Jesus, também em Uvaranas e a mais próxima do distrito, que até hoje é a responsável pelas comunidades.

Foi a partir desse período, sob o controle dos freis capuchinhos da Paróquia do Senhor Bom Jesus, que a participação da Igreja se tornou ativa em Itaiacoca. Os freis assumiram as comunidades, organizaram, construíram e reconstruíram igrejas e passaram a visitar a região com mais frequência, ficando assim mais próximos do cotidiano dos moradores.

Foi na década de 1960 que a Igreja passou por mudanças significativas em seus paradigmas, trazidos à luz pelas discussões e decretos do Concílio Vaticano II, que durou de 1962 a 1965. A modernidade e os novos contextos socioeconômicos e culturais trouxeram novas demandas para a sociedade, o que colocou em crise a relação de fé e o papel da Igreja nesse novo modelo de sociedade. O Concilio, representava o momento em que a Igreja “buscou uma nova compreensão sobre sua natureza e missão no mundo, assim como diálogo e

---

<sup>87</sup>Pêrola, Angelo. Itaiacoca. **Dezenove de Dezembro**, Curitiba, 28 de maio de 1887. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/cache/1735809387048/I0014970-2Alt=001907Lar=001356LargOri=004316AltOri=006071.JPG>>. Acesso em: agosto de 2015.

abertura para as novas tendências da vida do homem moderno”<sup>88</sup>. Segundo Libânio, o Concílio

deslocou o enfoque de uma Igreja pensada a partir da hierarquia nos seus três centros - Papa, bispo e sacerdote-pároco - e centrada nela para entendê-la como povo de Deus, a cujo serviço se põe a hierarquia [...]. Rompeu a centralização romana para valorizar as riquezas, a corresponsabilidade, a contribuição colegial, a diversidade cultural, a comunhão das igrejas particulares. As dimensões de participação, de diálogo, de superação dos poderes absolutos, próprias da modernidade, aparecem nessa nova tendência eclesial. Fez-se a passagem da consciência de uma Igreja ocidental, romana, etnocêntrica, identificada com a universalidade, para uma real Igreja universal, pluricultural, pluriétnica nas expressões de fé, na teologia, na liturgia, na disciplina, nas estruturas organizativas.<sup>89</sup>

A Igreja procurou se abrir para a sociedade, reconhecendo a pluralidade cultural das sociedades, das expressões de fé, uma flexibilidade em relação a organização e a liturgia, e uma abertura e diálogo com outras religiões. O Concílio também discutia a participação dos leigos na Igreja. Se anteriormente buscou-se a separação entre os clérigos e os leigos, nesse novo momento a Igreja buscava afirmar que

todos são iguais, segundo o batismo, e que constituem um único corpo de *povo de Deus*, também é assegurada a condição do batizado como sujeito na Igreja, conforme os dons do Espírito Santo e ministérios particulares. Todo cristão é chamado a ser sujeito na Igreja, contrária à mentalidade que garantia tal condição somente ao clero, através da hierarquia: o clero mandava, o povo obedecia.<sup>90</sup>

As reflexões do Concílio mostraram a necessidade da Igreja em reconhecer a pluralidade de seu povo e de suas práticas religiosas, entendendo a multiplicidade de significados relacionados à experiência de fé. É preciso ter clareza que a implantação das diretrizes do Concílio tomou diferentes rumos ao longo do Brasil, e que não foi tão bem aceito dentro as diferentes ordens religiosas. Dessa forma, deve ser encarado como um processo, que também de maneira lenta, começou a ser explorado pelas ordens religiosas e clérigos de diferentes meios e formas.

Foi durante esse momento de mudanças e revisões é que se iniciou o processo de implantação da Igreja em Itaiacoca, dos quais não se tem muitas documentações a respeito, estando disponíveis apenas os Livros Tombo da Paróquia do Senhor Bom Jesus, com registros que datam de 1966 até 1987, e que serviram como base para pesquisa.

O primeiro fator a se perceber ao analisar os registros do Livro Tombo é que a região foi muito pouco explorada pelos padres, devido principalmente a dificuldade de acesso às

<sup>88</sup> SILVA, Antonio Wardison C.; TEIXEIRA, César. Ecclesiologia do Concílio Vaticano Segundo. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**. vol.4, n. 6.pp. 17- 28, jun/dez 2010. p.17.

<sup>89</sup> LIBÂNIO, João Batista. Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento. **Cadernos Teologia Pública**. Instituto Humanitas Unisinos, n.16, 2005.p.33

<sup>90</sup> SILVA, Antonio Wardison C.; TEIXEIRA, Op. cit. p.22

comunidades. A precariedade das estradas ou mesmo a falta delas, levava à necessidade de se percorrer o caminho a cavalo, fazendo com que os padres se limitassem a visitar apenas algumas das comunidades, poucas vezes ao ano.

Aliado a isso estava o desconhecimento sobre a região. A procura pela visita do padre normalmente partia das comunidades que, sentindo a necessidade, o procuravam nas comunidades mais próximas e solicitavam que este passasse a visitar suas comunidades. Também eram os moradores, muitas vezes, que providenciavam o deslocamento dos padres de uma comunidade para outra, oferecendo alojamento e alimentação.

Segundo as primeiras anotações do Livro Tombo, feitas pelo Frei Doroteu de Pádua, vemos que as comunidades de Itaiacoca que recebiam visitas, a cada três meses, eram as do Passo do Pupo, Ribas, Biscaia, Barra Grande, Rio Bonito, Conceição, Carazinho, Sete Saltos, Palmital, Carandá, Mato Queimado, Cerrado, Santos e Mina de Talco, número bem pequeno se comparado ao total de comunidades existentes.

Ao chegaram na região, os padres encontram várias capelas particulares, construídas em fazendas e sítios e mantidas pelas famílias. Muitas dessas pequenas construções eram muito antigas.

O frei, porém, demonstrou preocupação ao descobrir uma igreja da Assembleia de Deus na comunidade do Cerradinho que, segundo ele, estava ganhando fieis rapidamente, necessitando que algo fosse feito. Nesse registro, de 1969, é possível ver que havia protestantes instalados em Itaiacoca, e que o número destes crescia e ganhava espaço entre os itaiacocanos, rompendo assim com a ideia que o catolicismo era a única religião praticada na região.<sup>91</sup>

Nos registros que seguem o frei também é surpreendido pela pobreza da região, onde segundo ele “as pessoas trabalham para poder comer”<sup>92</sup>. Com isso a igreja se dispõe a ajudar em alguns aspectos, e em vários registros nos anos seguintes é possível ver os padres levando alimentos, brinquedos e outros materiais arrecadados na cidade para as comunidades mais carentes de Itaiacoca.

Outro aspecto destacado por frei Doroteu é que, em todas as viagens feitas às comunidades, os padres precisam trazer consigo pessoas doentes para serem tratadas na cidade de Ponta Grossa. A falta de médicos na região, bem como o difícil acesso à cidade

---

<sup>91</sup> **LIVRO TOMBO I da Paróquia do Senhor Bom Jesus**, Itaiacoca. Ponta Grossa – PR. 06 de fevereiro de 1966 – 13 de dezembro de 1987. 23 de março de 1969.

<sup>92</sup> **LIVRO TOMBO I da Paróquia do Senhor Bom Jesus**, Itaiacoca. Op. cit.. Março de 1969.

fazia com que os moradores aproveitassem a visita do padre, que fazia parte do trajeto de carro, para conseguirem chegar até a cidade.

Por outro lado, também pode-se ver que a Igreja carecia de ajuda para construir igrejas e organizar as comunidades. Algumas não possuíam igrejas, e aquelas que possuíam, contavam com pequenas construções particulares sem muita infraestrutura. A Igreja precisava de doações de terrenos e também de arrecadação de dinheiro para a construção de novas capelas, bem como para a compra de objetos litúrgicos para a celebração da missa e de sacramentos.

Mesmo com pouca infraestrutura e dificuldade de deslocamento o registro de pessoas nas missas é sempre grande, entre 150 e 200 pessoas por celebração. Como as visitas eram a cada três meses, quando as condições climáticas permitiam, havia nessas celebrações diversas pessoas a procura de sacramentos, principalmente batizados e casamentos. Os padres, sentindo a necessidade de aumentar a frequência das visitas em relação ao tamanho da população de Itaiacoca passaram então, a partir de 1968, a efetuar visitas a cada mês.

Nos registros de Frei Doreteu também é possível observar como os padres reagiram ao tomar contato com as práticas religiosas das comunidades: na ata de 23 de março de 1969, frei Doroteu diz que as pessoas vão a missa, mas que pedem benção de águas, de ramos e velas e outros objetos, esse fato incomodou o sacerdote que chegou a pedir para que Deus o ajudasse a livrar o povo “da ignorância”, mesmo sabendo que essa seria uma tarefa muito difícil. O frei colocou a culpa dessas tradições e superstições, nos “verbitas alemães”, missionários da Congregação do Verbo Divino, que eram os antigos responsáveis pelas comunidades de Itaiacoca.<sup>93</sup>

As festas da comunidade não demoram a aparecer nos registros do frei, que ao se referir a elas usa o termo “externas”, entre aspas que, em um primeiro momento pensei se tratar de festas que realizadas ao ar livre, mas que no decorrer da leitura percebi se tratar das festas organizadas pelas famílias, sem a participação da Igreja.

Segundo o frei estas contavam com os costumes do povo “orações, vivas, mastros e foguetes”. Na ata de 25 de março de 1969 o frei fala sobre essas práticas “o povo vai à missa porque é religioso e porque não tem outra oportunidade de se reunir e se encontrar. Os bailes e rezas por conta dos moradores são frequentes, é ver também em que vingam magoas e encrencas antigas com tiros e mortes”.<sup>94</sup> Na fala do frei, percebe-se o reconhecimento que as

---

<sup>93</sup> LIVRO TOMBO I da Paróquia do Senhor Bom Jesus. Itaiacoca. Op. cit. 24 março de 1969.

<sup>94</sup> LIVRO TOMBO I da Paróquia do Senhor Bom Jesus. Itaiacoca. Op. cit. 25 de março de 1969.



festas e rezas, eram além de espaços da religiosidade do povo, mas também os espaços de sociabilidade e lazer dos moradores.

As referências as festas são frequentes nos registros, em todas as comunidades, especialmente as da região sul, entre as décadas de 1960 e 1970. Em 04 de junho de 1971, o frei Bernard Fellipe, então responsável, registra que quando havia festa em uma comunidade não havia celebração de missa nas outras, porque os moradores se reuniam para a festa e não compareciam a celebração.<sup>95</sup>

Com os registros dos freis é possível ver que as práticas religiosas estavam em sua maioria ligadas aos próprios moradores, e que ocupavam um lugar importante na sua experiência de fé. Isso é logo reconhecido pelos freis que, ao entrarem nas comunidades, buscaram controlar e organizar vários aspectos que antes ficavam aos cargo de leigos, como a catequização, realização de novenas, de terços e adorações e principalmente das festas religiosas

#### **2.4.1. Enfim chegou o padre! – A Igreja na Roça Velha**

A Roça Velha não aparece nos registros das localidades visitadas pelos freis capuchinhos até 1976, quando em 05 de dezembro desse ano, frei Armando Comina, atenta para a passagem na comunidade, destacando que não houvera celebração, pois os moradores não esperavam o padre, e não compareceram à celebração.

Nesse primeiro registro a comunidade contava com uma pequena capela dedicada a São Miguel, de propriedade de uma de suas famílias tradicionais. Anos mais tarde aparecem registros de outra capela dedicada ao Senhor Bom Jesus, também de propriedade familiar.

Em razão de serem capelas particulares, não possuíam a estrutura necessária para a realização dos ritos e sacramentos da Igreja. Assim, logo os padres perceberam que precisariam organizar os fiéis e a capela, que segundo eles era muito pobre carecendo de todo o equipamento litúrgico.

No entanto, mesmo com essa carência e o pequeno tamanho da capela, a população participava ativamente das missas, com média de 70 a 80 pessoas por celebração. E essa participação é logo notada pelos padres, que elogiam a disposição da comunidade para participar.<sup>96</sup>

---

<sup>95</sup> Ibidem. 04 de julho de 1971.

<sup>96</sup> Nas primeiras referências do Livro Tombo as missas são celebradas na capela São Miguel, mas anos mais tarde aparece que a capela da comunidade da Roça Velha é dedicada ao Senhor Bom Jesus, demonstrando que a

Assim que se estruturaram, cuidando da organização da capela e dos equipamentos para as celebrações, catequizações e outros aspectos, os padres começam com visitas regulares. A partir de 1977, há registro de celebrações de festas, que não estão aliadas ao termo “externas”, e parecem ter sido organizadas pela própria Igreja, contando com celebrações de missas e sacramentos.

Essas festas aparecem anualmente entre 1977 e 1987, e eram dedicadas ao Senhor Bom Jesus, o padroeiro da capela, São Miguel e a Nossa Senhora Imaculada Conceição. Não há, porém, muitas informações, que se resumem a um registro com a data de realização e número de participantes, uma média de 90 pessoas. Em algumas das festas também há anotações a respeito da arrecadação de dinheiro para a construção de um salão, que segundo os registros foi inaugurado em abril de 1982.<sup>97</sup>

A realização dessas festas foge ao padrão da maioria das capelas que celebra apenas festas de seu padroeiro. Esse fato faz pensar que podem ter sido realizadas para atrair os moradores para o espaço da Igreja que, percebendo a relevância dessas para seus fiéis, procurou vinculá-las ao espaço.

No entanto, a escolha desses padroeiros em detrimento de tantas outras possibilidades, me fez refletir: ao entrevistar os moradores, percebi que as festas realizadas na igreja tinham coincidentemente os mesmos padroeiros que três das seis festas organizadas por famílias da comunidade. No entanto, não se tratava de coincidência. As festas realizadas nessa igreja eram, na verdade, as mesmas festas organizadas pelas famílias, que a Igreja conseguiu trazer para o seu domínio.

Segundo a família de dona Laura e seu Pedro, ambos de filhos de antigos festeiros, o Frei Armando Comina, que era o responsável pela comunidade nesse período, conversou com as famílias e pediu para que mudassem e fossem realizadas na Igreja.

S. Pedro: Era, começou como uma igrejinha, bem pequenininha e depois, depois foi desmontada e daí mudado lá Igreja grande...

D. Laura: Os padres daí é que fizeram isso...que mudaram

S. Pedro: Ai é aquilo...vem a modernização, e aí vem vindo, procurando simplificar as coisas, procurando ficar mais fácil.

D. Laura: O padre ajudou a fazer as igrejas aqui, aí o Frei Armando conversou com a comunidade para mudar as festas só na Igreja (meu grifo).<sup>98</sup>

---

sede religiosa da comunidade mudou. Segundo os moradores, a antiga capela de São Miguel foi demolida em meados da década de 70 e logo a capela Senhor Bom Jesus foi reformada e passou a receber as celebrações da comunidade.

<sup>97</sup> **LIVRO TOMBO I da Paróquia do Senhor Bom Jesus.** Itaiacoca. Op. cit. 18 de abril de 1982.

<sup>98</sup> SANTOS, Laura Maciel; SANTOS, Pedro Ribeiro. **Entrevista.** [set.2014] Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo mp3.

A maioria das famílias de festeiros, das grandes festas da comunidade, aceitaram a recomendação do frei, e nas palavras de seu Pedro, nosso interlocutor, “para simplificar as coisas”<sup>99</sup> levaram as festas de suas casas para o seio da recém-construída capela do bairro, que passou a ter pelo menos quatro festas anuais, em louvor aos santos da comunidade.

Isso mostrou que, mesmo não entrando em conflito direto com as festas e com os festeiros, a Igreja em Itaiacoca e na Roça Velha, procurou centralizar as festas e as devoções, tirando-as do controle dos moradores e ligando-as as práticas oficiais da Igreja, modificando alguns aspectos das devoções populares, mas também trazendo algumas destas para dentro da Igreja oficial.

No entanto, essa aceitação não foi unânime em todas as famílias havendo tensões durante esse processo de transição. A festa do Senhor Divino, da família de Seu Afonso “Neno” Lopes da Luz, é a uma das únicas que ainda acontece até os dias atuais, na casa de sua família, sem nenhuma interferência ou relação com a igreja da comunidade. Ao perguntar sobre uma possível recomendação dos padres para mudar a festa seu Afonso narra:

Ele foi na minha casa lá em baixo no outro terreno, Frei Jacinto, daí ele foi lá, eu digo não a minha reza não sai da minha casa porque meu pai me deixou pra fazer a festa lá e eu, já tinha feito a igreja, fiz a igreja já lá, não é para padre, para o povo né, festa, e se quiserem, eu faço no dia certo a reza, dia de Pentecostes, aí eu disse vocês querem fazer o de vocês na igreja lá pode fazerem, eu faço a minha aqui [...].<sup>100</sup>

Como narrado por seu Neno, ele foi procurado pelo padre, mas optou por continuar fazendo sua festa, mesmo que contrariando a vontade do frei. A escolha de seu Neno em permanecer com a festa, diz muito a respeito a sua tradição familiar e ao que essa devoção representa para sua família. Em nenhum momento houve confronto entre sua fé e a Igreja, e para ele não há nenhum problema em manter sua festa e ao mesmo tempo participar da missa e nos eventos da capela da comunidade.

No entanto na fala de seu Neno aparece uma tentativa da capela da comunidade em realizar uma festa também dedicada ao Divino Espírito Santo, no mesmo dia da realizada por seu Neno, numa tentativa de atrair o público para a Igreja e forçá-lo a transferir sua festa também para a capela. De fato a partir dos anos 1990 a comunidade passou a realizar festas do Divino Espírito Santo, mas dessa vez uma semana depois da realizada por seu Neno.

Mesmo sendo uma das únicas festas que ainda acontecem na comunidade, a festa de seu Neno, no entanto, não escapou das transformações e tomou formas e significados

---

<sup>99</sup> Ibidem.

<sup>100</sup> LUZ, Afonso Lopes da; Luz, Virginia. **Entrevista**. [jan. 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo mp3.

diferentes. O mesmo aconteceu com a festa de São Miguel, da família de Dona Maria da Luz Ribeiro: embora uma parte da família tenha aceitado realizar a festa nas dependências da Igreja, ela também realiza em sua casa, com seus filhos e genros, uma pequena reza em homenagem ao santo padroeiro da família.

## **2.5. As festas na Roça Velha hoje: Divino Espírito Santo, São Miguel e os padroeiros.**

Na Roça Velha ao longo das décadas de 1960, 1970 e 1980, havia pelo menos seis festas de santo anuais, organizadas por diferentes gerações diferentes de famílias de festeiros. No final da década de 1980 muitas dessas festas foram desaparecendo, ou foram transferidas para a capela da comunidade. Hoje a comunidade tem um calendário festivo movimentado, contando com seis festas ao longo do ano, duas em casas particulares e quatro na própria capela.

Um das festas particulares é a de seu Afonso Lopes da Luz, o já mencionado seu Neno, festeiro responsável pela festa dedicada ao Senhor Divino. Aos 82 anos, e há 2 vivendo em Ponta Grossa, seu Neno realiza a festa há 65 anos ininterruptos, fato do qual se orgulha muito.

A festa começou, segundo ele, com seu avô, e mais tarde passou para o pai. Quando este faleceu, seu Neno assumiu a responsabilidade em continuar a tradição. A festa foi por muitos anos grandiosa, considerada por muitos uma das maiores da localidade, com muitas pessoas e muita comida. Hoje a festa, feita em na propriedade na Roça Velha, é organizada pelos seis filhos de seu Neno<sup>101</sup>.

Ao falar sobre as festas antigas da comunidade e que tem atualmente este diz que a principal diferença é a questão da produção na propriedade. Como não mora mais no bairro, e sua propriedade não é produtiva, agora compra todos os alimentos que serão consumidos na festa, em açougues e supermercados de Ponta Grossa, o que segundo ele faz com que os gastos com a festa aumentem a cada ano.

Nos últimos anos pude participar da organização e da festa e perceber suas especificidades. O “ajutório” para festa ainda acontece, no sábado anterior ao dia de Petencostes, embora hoje seu Neno contrate alguns vizinhos, pelo menos uma semana antes,

---

<sup>101</sup> Após esse ter sofrido um AVC há alguns anos, seus filhos ficaram responsáveis pelos afazeres e organização da festa do pai, o qual fiscaliza atento todas as etapas do processo, desde a compra de alimentos até a arrumação da casa e dos arredores.

para organizarem a casa, a propriedade e cuidar dos trabalhos mais pesados, o que deixa apenas poucos trabalhos para as pessoas que participam desse “ajutório”. Por devoção ao santo e pela relação de amizade e parentesco com seu Neno, os vizinhos participam desse momento, bem como os filhos e afilhados que vivem na cidade de Ponta Grossa.

A casa de seu Neno é antiga, tendo pertencido ao seu pai, e com isso muitos reparos vêm sendo feitos ao longo dos anos, pensando na infraestrutura da festa. Banheiros foram construídos, bem com um espaço com grandes mesas para acomodar os convidados, mostrando que a festa faz parte da rotina da família e muitas decisões são feitas em função desta tradição, como a construção de uma pequena capela, ao lado da casa para melhor acomodar as rezas.

FOTO 15 – Casa e capela de seu Neno



Acervo da autora: 24 de maio de 2015

Nas cozinhas da casa, as mulheres se dividem entre o preparo do almoço servido no ajutório e também dos primeiros preparativos para o almoço da festa. O espaço da cozinha se transforma no reencontro de vizinhas e comadres, em conversas, risadas e histórias do passado, regidos por um cuia de chimarrão que transita o dia todo, por todos os cômodos da casa. Esse momento de reencontro aparece principalmente por parte dos moradores de Ponta Grossa, que reencontram os conhecidos e amigos da comunidade.

O cardápio do dia era extenso, além da necessidade de produzir muita comida como arroz, feijão, macarrão, saladas das mais diversas. Seu Neno ainda procura manter a tradição, segundo ele, servindo aperitivos comuns, de quando se abatiam os animais para a festa. Os miúdos eram servidos, bem como o fígado de boi frito em um tacho de gordura fervente e a tradicional carne-de-lata, que aguarda para ser reaquecida e servida no almoço.

No outro canto da cozinha são preparadas as broas e pães doces que serão leiloadas. Essas famosas iguarias são preparadas em formatos de lagartos, tartarugas e flores e por isso são os objetos das maiores disputas no leilão de prendas. Prendas essas que são trazidas em grande quantidade pelos participantes, como bebidas, pequenos eletrodomésticos e animais, vivos ou assados.

A limpeza do altar e da capela é responsabilidade feminina. Lá dentro os santos são retirados um a um, limpos e arrumados, os enfeites são renovados e recolocados, bem como novas velas e flores são colocadas ao longo do altar. Os andores do santo são renovados com flores e fitas, como pode ser visto nas fotos abaixo, ambas registradas na capela de seu Neno.

FOTO 16 – Capela do Divino Espírito Santo



Acervo da autora: 24 de maio de 2015

FOTO 17 – Altar do Divino Espirito Santo



Acervo da autora: 24 de maio de 2015

Do lado de fora da casa, toda e qualquer ajuda é bem-vinda, independente da idade, pois é para o “santo”, como um encargo que precisam fazer, uma promessa, e buscam qualquer trabalho que seja para contribuir, por menor que seja. A principal tarefa é cuidar dos arredores da casa, cortar grama, arrumar cercas e pinturas e também cortar lenha para fogão e as fornalhas. Mesmo que hoje a cozinha seja equipada com fogão a gás, ainda se mantem um fogão a lenha para preparar alguns alimentos. Entre os homens, o chimarrão também percorre todos os espaços, e são as risadas e histórias que tomam conta das rodas de trabalho.

No dia do Santo, a festa começa logo cedo, com a chegada dos familiares e amigos para ajudar. Pães e café são servidos à medida que as pessoas vão chegando, e a casa se torna um amontado de pessoas.

Na cozinha tudo precisa ser preparado e ajeitado, seu Neno serve arroz, maionese, pães e churrasco. O churrasco é gratuito e não há limite por pessoa, já os outros alimentos são vendidos em pequenas porções, junto com as bebidas, entre elas cervejas. Também são ofertados bolos, doces e lanches.<sup>102</sup>

O preparo dos alimentos e do churrasco é feito em sua maioria pelas mesmas pessoas que ajudaram no dia anterior, com acréscimo de mais membros da família e amigos que chegam. Nesse preparo muitas cuias de chimarrão se cruzam, em vários espaços da casa, e as

<sup>102</sup> A tabela de preços da festa é de – pães: 0,25 centavos a unidade, maionese: R\$ 1,00 a porção, refrigerantes e cervejas R\$ 3,00, cachorro-quente R\$ 2,00, bolos R\$ 1,00 a fatia.

mais variadas pessoas chegam para a festa. O número de pessoas da cidade supera em muito o número de pessoas de Itaiacoca.

Segundo seu Neno, a ritualística religiosa da festa pouco mudou ao longo dos anos, a festa ainda conta com capelães e cantores, que variam de acordo com os anos, e na falta de alguém especializado um neto, que já frequentou o seminário, ajuda nos ritos.

Ao fim da procissão, as vendas começam e o almoço é servido, as pessoas se reúnem nas proximidades, aproveitando qualquer espaço. São muitas famílias das mais diferentes partes da cidade, convidadas por amigos ou parentes que conversam e comem, algumas utilizam o espaço para piqueniques e lanches ao ar livre, aproveitando o espaço privilegiado da propriedade.

Depois do almoço, e de um pequeno tempo para descanso, começa o leilão, há também pequenas rifas vendidas ao longo da tarde, principalmente de eletrodomésticos, com o intuito de arrecadar mais dinheiros com as prendas.

Após o leilão, uma dupla com sanfona e viola começa a tocar “as modas”. São conhecidos da família que animam a festa, os netos de seu Neno também participam. As músicas em sua maioria são de tradição gaúcha, e ali mesmo, no chão batido, começa um modesto salão de danças.

Quando pergunto a seu Neno sobre o que mudou nas festas e na comunidade ao longo dos anos, ele é claro em dizer que foram as pessoas que mudaram:

Sempre ia, sempre tinha, (bastante gente nas festas) porque era o bairro né!? Agora que não vai mais, extraviou o povo...pessoas ficam em outro sistema, não é mais como era antigamente, dava graça quando chegava uma festa pra ir lá ver, divertir com o povo, ver, conversar e tirar prenda, era bonito as festinhas antigamente...lá que era lugar de achar as namoradas, porque outra coisa não tinha divertimento naquele tempo.<sup>103</sup>

Os novos regimes de trabalho, com jornadas e horários diferentes fizeram com que os participantes das festas comesçassem a decair a cada ano. As novas formas de sociabilidade e de lazer também mudaram a relação da comunidade com as festas, e outros espaços se tornaram mais atrativos. A presença da Igreja também centralizou o aspecto religioso, e se tornou o centro da comunidade. Assim a festa precisou se adaptar a essa nova realidade para atrair o maior número de participantes.

A cobrança por alguns alimentos foi a primeira medida, os alimentos que antes eram oferecidos gratuitamente passaram a ter uma taxa, a fim de auxiliar nas despesas da festa e para cobrir os gastos com alimentação.

---

<sup>103</sup> LUZ, Afonso Lopes da; Luz, Virginia. **Entrevista**. [jan. 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo mp3.



O apelo turístico também foi usado para manter a festa. Buscando atrair pessoas da cidade de Ponta Grossa, são organizadas excursões, por membros da família, até a festa, que saem do bairro Jardim Paraíso em Ponta Grossa. Essas excursões também servem para trazer ex-moradores da região à festa. Muitos itaiacocanos, ao migrarem, se fixaram neste bairro, o mais próximo do distrito.<sup>104</sup> Há também um grupo da Terceira Idade, do mesmo bairro, que organiza excursões há quase 10 anos, aliado a membros de comitivas, que vem a cavalo desde Ponta Grossa até a festa.

A fim de atrair os mais jovens e também tornar a festa mais atrativa para as novas necessidades da comunidade, passaram a ser mais flexíveis com seus rituais. Música alta, diferentes estilos musicais, danças e bebidas alcóolicas passaram a fazer parte desses espaços, o que também se tornou fator de tensões entre diferentes grupos de participantes, gerando principalmente conflitos geracionais em torno do que era considerado permitido nesses espaços.

A participação de novos grupos, especialmente aqueles movidos pelo turismo, trazem novos conflitos para o espaço das festas. Esses conflitos parecem girar em torno do significado da festa pois para alguns grupos as festas são espetáculos, com boa comida e um espaço natural privilegiado, diferente daqueles que buscam nesse momento, além do aspecto social, o contato com divino e o sobrenatural.

Também é possível notar que muitos dos participantes ativos, que ajudam e são responsáveis pela organização, são ex-moradores da comunidade, que mesmo tendo migrado há várias décadas se dispõem todos os anos a se deslocar até a comunidade e participar das festas, buscando uma nova ligação com a comunidade e a reafirmação de seu pertencimento a essa região e a essa cultura.

Já a festa de dona Maria da Luz Ribeiro, dedicada a São Miguel, embora vizinha e parente de seu Neno, tomou outros contornos. A família de dona Maria da Luz, é uma das mais tradicionais da localidade. Na sua propriedade estava localizada a primeira capela da comunidade, onde se realizavam as celebrações de missas e sacramentos. A festa de São Miguel era organizada pelo pai de dona Maria da Luz, e quando este faleceu, ela e os irmãos ficaram responsáveis por continuar a tradição. Com o passar dos anos, a família de dona

---

<sup>104</sup> A relação da migração de Itaiacoca para o bairro do Jardim Paraíso, é discutida na dissertação “Fatores endógenos e exógenos que levaram à migração/ resistência de pequenos produtores do distrito de Itaiacoca – Ponta Grossa – PR, na década de 1970”, de Aparício José da Silva. Nessa pesquisa o autor discute o aspecto de rurbanidade deste bairro que tem seu contingente populacional formado por muitos migrantes de Itaiacoca.

Maria da Luz, principalmente seus irmãos, aceitaram a proposta do frei e levaram a festa para o espaço da Igreja, onde até hoje é realizada.

No entanto, Dona Maria da Luz e seu marido, seguindo a tradição familiar resolveram manter uma pequena festa em sua propriedade, apenas com a família e com os vizinhos, em proporções bem menores do que a antiga festa, e assim no mesmo dia em que se realiza a festa de dona Maria da Luz, há uma festa na capela da comunidade.

A festa de São Miguel de Dona Maria, acontece no dia 29 de setembro, ou no domingo mais próximo a data, Com todos os elementos tradicionais das festas, os andores, o capelão e a procissão, há também um almoço oferecido gratuitamente aos participantes, sem a venda de qualquer produto.

Segundo ela, a celebração conta com pequena participação, mesmo sendo aberta a todos, esta se restringe aos parentes e poucos vizinhos. Ainda assim Dona Maria garante que quer continuar fazendo a festa até quando puder, em memória da promessa e devoção de sua família.

Quando pergunto sobre a participação das pessoas nas festas de antigamente e nas de hoje dona Maria da Luz responde:

Nossa!!! Como ia bastante gente!!! Reunia bastante gente... Não essa nossa não vai muita gente não, não sei se porque agora daí muita gente já não é da mesma religião ali no Itaiacoca tem bastante gente de outra religião, daí já não vai. Agora ali na da comunidade sempre vai bastante, na nossa que é particular não vai muita gente.<sup>105</sup>

A fala de Dona Maria da Luz atenta para o festa de São Miguel que ocorre na capela da comunidade, e que segundo ela, atraia um número maior de pessoas do que a sua, o caráter íntimo da festa, que acaba se tornando um ambiente mais familiar acaba por fazer com que a comunidade prefira ir a festa da capela.

A capela da comunidade da Roça Velha cujo padroeiro é Senhor Bom Jesus, conta, desde a década de 1970 com quatro festas ao longo do ano: além do padroeiro da comunidade, celebrada em 06 de agosto, são as festas de São Miguel em 20 de setembro, Imaculada Conceição em 13 de dezembro, e Senhor Divino Espírito Santo, celebrada uma semana após Pentecostes, a qual começou a ser organizada apenas após os anos de 1990.

Essas festas, que antes pertenciam aos festeiros da comunidade, passaram para o controle da Igreja, e com isso sofreram mudanças em sua organização e ritualística. Embora a Igreja tenha acrescentado a celebração da missa e o sacramento da comunhão, estas ainda

---

<sup>105</sup> RIBEIRO, Maria da Luz. Entrevista. [jan. 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo mp3.

contam com uma procissão, com foguetes e vivas, e também uma bandeira do santo que é posta no mastro localizado ao lado da capela.

Por outro lado, outros elementos foram retirados. A comida que antes era gratuita, passou a ser cobrada, com a finalidade de arrecadar dinheiro para a manutenção da capela. A preparação da festa também se modificou. Se antes reunia toda a comunidade, agora esse momento de “ajutório” se restringe aos membros de pastorais e ministros. As próprias famílias que cederam suas festas à igreja quase não participam mais desse momento, muitos por não residirem mais na comunidade, deixaram todo o processo nas mãos dos membros ativos da comunidade.

A participação dos fiéis na festa tomou posturas diferentes. O número de pessoas participantes não é expressivo se comparado a festa de Seu Neno. Nas celebrações da igreja a maioria é composta por membros da comunidade, e as pessoas que participam da festa da capela, não são, em sua maioria, as mesmas que participam da festa de seu Neno. Os espaços de sociabilidade e lazer também se modificaram. Ao centralizar as festas, o espaço físico mudou e com isso as restrições e regras de comportamento tornaram-se mais rígidas, como a restrição a álcool e a músicas.

A questão da solidariedade e da sociabilidade deu abertura para o comportamento de “bom cristão”, a festa se tornou para muitos, parte do comportamento religioso, os quais devem participar das celebrações da Igreja, diferente do sentimento de pertença e relação social que movia os outros espaços.

Percebe-se que cada uma das festas possui grupos de participantes distintos, alguns com maior número de oriundos de Ponta Grossa, enquanto outra conta com maior número de moradores da comunidade. Os significados em torno dessas festas também são múltiplos, o que faz com que dentro de um mesmo grupo haja significados muitos distintos em relação às mesmas e a experiências que esses espaços proporcionam.

Cada indivíduo da Roça Velha, seja morador ou ex-morador, possui uma ligação distinta com as festas, de acordo com suas experiências e vivências passadas, do seu presente e das suas projeções de futuro. Mesmo com todos os processos e tensões pelos quais a comunidade passou, esses indivíduos não foram apenas condicionados por essas grandes estruturas e processos, eles estavam presentes durante o seu “fazer-se”<sup>106</sup>, foram suas experiências, vivências e memórias que construíram e reconstruíram as suas identidades.

---

<sup>106</sup> THOMPSON, 1987.

### 3. CAPÍTULO III – OS SUJEITOS E SUAS EXPERIÊNCIAS

Estudar os sujeitos e suas experiências é se aventurar no campo das memórias e das interpretações. Ao narrarem suas trajetórias, os sujeitos reinterpretam e ressignificam suas vivências e experiências, organizando suas memórias a partir da relação entre o presente, passado e as projeções futuras. Sobre isso, Portelli escreveu que:

a motivação para narrar consiste precisamente em expressar o significado da experiência através dos fatos: recordar e contar já é *interpretar*. A subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso.<sup>107</sup>

As formas pelas quais os indivíduos definem a si mesmos e aos outros estão articuladas ao processo de construção de suas narrativas, de modo que, ao apresentar sua história, o sujeito apresenta a si próprio, as suas identidades e a maneira como percebe o mundo ao seu redor.

Assim, nesta pesquisa, as narrativas são essenciais para se compreender as maneiras pelas quais os sujeitos históricos experimentaram e significaram os diversos aspectos relacionados à vida no campo, especialmente no que trata das festas religiosas. Procurou-se, a partir dos depoimentos, apreender as formas pelas quais esses indivíduos, em suas especificidades, experimentaram e ainda experimentam as festas, a comunidade e a própria identidade, como itaiacocano.

Embora se entenda que cada indivíduo tem experiências singulares, relacionadas diretamente às suas trajetórias de vida, percebo que, por vivenciarem os mesmos processos, acabam por compartilhar formas de enxergar a si próprios, seus pares e aos outros. Nesse sentido, para facilitar o estudo e a compreensão das entrevistas, escolheu-se dividir as narrativas em três eixos temáticos: os migrantes, os moradores e os festeiros, de acordo com a condição atual desses indivíduos, em relação à Itaiacoca. Esta divisão foi feita baseada na interpretação desta pesquisadora, não tendo, necessariamente, ligação com a forma como esses indivíduos percebem a si mesmos.

---

<sup>107</sup> PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e fontes orais. **Tempo**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, pp. 5 9-72, 1996, p.60.

### 3.1. A experiência do migrante

Migrar para a cidade em busca de novas formas de viver, foi para muitos itaiacocanos a saída encontrada frente a todos os processos enfrentados nas comunidades, e também à nova realidade do espaço rural. A cidade de Ponta Grossa tornou-se a porta de entrada para outras possibilidades. Desde meados da década de 1960 o número de moradores de Itaiacoca que passou a morar do centro urbano da cidade aumentou a cada ano.

Esse processo de transição do rural para o urbano colocou esses indivíduos diante de novas formas culturais, novos modos de trabalho, lazer e de sociabilidade. A maneira pela qual esses itaiacocanos experimentaram tais novidades afetou diretamente a relação com o seu passado, e com o distrito de Itaiacoca, bem como levantou questões relacionadas ao pertencimento e à identidade.

A narrativa desses migrantes sobre sua trajetória de vida possibilita o entendimento da forma como significaram o processo de migração e como rememoram as experiências desses processos.

Embora as pressões econômicas freqüentemente influenciem as decisões da migração, o testemunho pessoal revela o complexo entrelaçamento de fatores e influências que contribuem para a migração e para os processos de troca de informações e negociação no interior das famílias e das redes sociais. Por exemplo, as narrativas dos migrantes evocam os "imaginários culturais" sobre os futuros locais de destino e explicam como estes imaginários são produzidos, disseminados, recebidos e usados.<sup>108</sup>

Nesta seção discutirei as experiências de três migrantes, seu José Maria, seu José Maciel e dona Domingas Constante, itaiacocanos de idades distintas, que mudaram para Ponta Grossa em diferentes momentos de suas vidas. Cada um desses indivíduos experimentou as festas e Itaiacoca de uma maneira específica, de acordo com as suas experiências no meio urbano.

O primeiro entrevistado foi seu José Maria da Luz, de 48 anos, servidor público, casado e pai de três filhos. Há 23 anos morando em Ponta Grossa, seu José nasceu no vilarejo da Boa Vista (formado inteiramente por sua família e agregados), nas proximidades da Roça Velha. Sendo de uma das famílias mais tradicionais da comunidade, cresceu ao lado de onze irmãos, trabalhando e vivendo exclusivamente da lavoura e da criação de porcos, conforme narra:

Só da agricultura e criava porco. Daí tinha aquele sistema de faxinal né...que dizia...era um potreiro grande de porco...um gadinho...um cavalo...aí criavam... porque a maior parte da planta era planta de feijão e milho né...e os...pra venda né...daí pro gasto que tinha outras plantas, arroz, mandioca, mas pra... de venda seria

<sup>108</sup> THOMSON, Alistair. **Histórias (co) movedoras: História Oral e estudos de migração**. Revista Brasileira de História, v. 22, n. 44, São Paulo, pp. 341 – 364, 2002, p. 345.

só, que mais vendia era só o feijão. Era o sistema de roçada ainda, roçava a capoeira, daí queimava e daí fazia o plantio. Aí que vinha o mato, né, plantava, daí a hora em que nascia a planta, com trinta dia vinha mato. Daí você tinha que pegar e carpir, que era o serviço mais pesado que tinha.<sup>109</sup>

Seu José destacou nesse trecho o conhecimento sobre o trabalho e a forma como era feito. Sua narrativa aponta que, para ele, partilhar desse conhecimento e viver sob este sistema era o que o definia como morador do distrito rural. A ligação entre as famílias, as relações de trabalho, de solidariedade e de vivência em conjunto estavam ligadas ao trabalho na lavoura, e consequentemente à identidade de itaiacocano e ao pertencimento a essa cultura.

O trabalho, porém, não era o único aspecto de integração dos itaiacocanos. Os aspectos sociais e religiosos também selavam a unidade do grupo, integrando a cultura desses indivíduos. Ser itaiacocano estava intimamente ligado à participação nessas práticas e eventos, que eram singulares para seus participantes.

[...]Daí normalmente nós ia de dia santo, daí tinha as reza que falava. Reza, festa, né, que a reza religiosa que era...com capelão...rezava com procissão. E...tudo lá... não tinha padre, não tinha nada, era tudo do bairro ali... da religião. Era uma... uma cultura, um sistema... uma devoção dos itaiacocano lá né...daí fazia a reza, daí depois da reza tinha ali uma comida, um almoço, um café né...um... tinha um leilão de prenda, daí que se encontravam. Daí que os cara namoravam. É...né...daí era um lazer ali... namorava. Daí depois tinha um campinho de bola, daí iam jogar uma bola e tal. Esse era... esse era o lazer de lá. Não tinha outra coisa pra fazer. Depois, muito depois foi aparecer [...].<sup>110</sup>

Para seu José as festas representavam espaço de religiosidade e de fé, mas também lazer e sociabilidade. Não havia muito o que fazer, ou outros espaços em que fosse possível reunir a comunidade. Eram nas festas que se davam os relacionamentos, desentendimentos, e também que se formavam alianças de trabalho, de negócios, que se combinavam trabalhos e marcavam mutirões. As festas eram espaços de interação e de integração social. Seu José, como participante ativo, as via como *“uma cultura, um sistema... uma devoção dos itaiacocano lá...”*<sup>111</sup>, que faziam parte do que ele era, e do que era viver em Itaiacoca.

As festas de santo não eram o único espaço de religiosidade dos itaiacocanos, seu José que viveu sua juventude na comunidade durante a década de 1980, como todos os itaiacocanos participava ativamente dos sacramentos da Igreja Católica, que começava a engatinhar nas comunidades. A relação com a Igreja também era ditada pelo costume e pela tradição dos itaiacocanos. Sobre um desses costumes, seu José conta que ao ir à missa, por exemplo, havia um ritual específico:

<sup>109</sup> LUZ, José Maria da. **Entrevista**. [jul.2014] Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo mp3.

<sup>110</sup> Ibidem.

<sup>111</sup> Ibidem.

Na missa ia. Ia na missa é...por exemplo de ia comungar, nós fala comungar naquela época, ia comungar, você não tomava café de manhã, e daí aquele dia você não comia carne, você ia a pé, as vezes muito longe. O transporte era a carroça né...mas você ia a pé longe, ou ia de carroça né...daí você chegava... você ia em jejum. A missa era, geralmente dez horas, meio-dia, você saia, tinha que sair... era dez horas a missa, tinha que sair seis, sete horas da casa né...Daí você ia sem...em jejum. Tomava a comunhão e daí aquele dia nem carne você não comia. Você vinha embora, e o dia você não comia carne. Muito menos bebida, né...de álcool e estes troço. Estão era bem... bem sistema...pro povo representava uma religião forte e um... assim um... uma devoção que... um respeito. Respeitava muito né...Não é que nem hoje... bem diferente né. Antes era bem respeitoso né.<sup>112</sup>

Na fala de seu José aparece o “sistema do povo”, que representava a devoção e o respeito com a religião, em todos os aspectos, sem distinção das festas de santo ou dos sacramentos na Igreja. As duas formas coexistiram e faziam parte desse “sistema do itaiacocano”, da forma como esses expressavam sua religiosidade e na forma como se constituíam como indivíduo, e como membros da comunidade.

Seu José viveu nesse sistema até meados da década de 1990, quando migrou para Ponta Grossa, segundo ele porque:

Eu vim embora do Itaiacoca porque...é...a minha mãe morreu né...e...ficamos só os irmãos...os irmãos mais velhos casaram né, os irmãos mais novo né, já tinha diminuído a família, daí lá não tinha serviço, daí a roça já não dava mais, trabalhava com banco financiado, não dava pra cobrir as despesas do banco...é... o seguro já não pagava, já estava endividado, eu tive que vir procurar serviço na cidade. Daí quando eu peguei meus...meus 20 e poucos anos eu já vim...já vim pra cidade, vim arrumar emprego né. Arrumei emprego, trabalhei na cidade, voltei pro Itaiacoca de novo, trabalhei mais de novo no mato e daí vim embora definitivo.<sup>113</sup>

Neste trecho, podemos ver que a razão principal de sua mudança foi o aspecto financeiro. Endividado com o banco, como muitos itaiacocanos, seu José seu viu sem perspectivas de poder continuar sendo o que sempre foi, um lavrador. Casado e com dois filhos pequenos, precisava urgente de uma forma para sustentar a família recém-formada. Migrar para Ponta Grossa foi a opção encontrada, já que seus irmãos mais velhos já haviam feito esse trajeto.

José Maria foi então para a cidade e entrou para o trabalho nas indústrias. No entanto, não sendo bem-sucedido, voltou para Itaiacoca mais uma vez, na busca por poder continuar fazendo o que sabia fazer. Com mais um fracasso, seu José decidiu fixar-se definitivamente em Ponta Grossa, retornando para o trabalho nas indústrias.

Em sua narrativa, José disse que esse período foi o mais difícil de sua vida, devido à difícil adaptação ao trabalho nas indústrias, não possuindo um conhecimento adequado à nova

<sup>112</sup> LUZ, José Maria da. **Entrevista**. [jul.2014] Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo mp3.

<sup>113</sup> Ibidem.

função. Ele também conta que sofreu muito preconceito por parte de seus colegas de trabalho que, ao saberem que ele era de Itaiacoca, o tratavam como alguém despreparado e até ignorante. A vida de seu José começou a melhorar quando este entrou para o funcionalismo público, conquistando pela primeira vez uma estabilidade profissional.

Mesmo morando definitivamente na aérea urbana, seu José fez questão de manter sua propriedade no distrito, uma grande área de 60 alqueires improdutivos, com madeira nativa e reservas ambientais, que foi mantida pelo patriarca de sua família. A propriedade era visitada sempre que havia condições, para se ver os parentes e manter o vínculo com as pessoas e o lugar onde nasceu.

Embora sua relação com a terra e com trabalho agrícola tenha sido alterada, para seu José o vínculo com Itaiacoca e com o que ela representa nunca foi desfeito. As festas se tornaram para ele, o mecanismo de reintegração com a comunidade, uma vez que deixara de ser um morador da comunidade, e de exercer a atividade na lavoura. Deste modo, para ele, o que lhe restava para continuar inserido na comunidade eram as festas. Assim, seu José nunca deixou de participar, trazendo sua família para ajudar, pois segundo ele, era nesse momento que encontrava os conhecidos, podia rever os amigos e lembrar os causos de antes.

Para seu José Maria, esse processo de reintegração é contínuo. Além da participação nas festas se tornar cada vez mais ativa, participando anualmente do ajutório e de todas as festas do Divino Espírito Santo, na Roça Velha, seu José também procurou voltar para seu antigo lar, e sua condição de agricultor. Hoje, com mais condições financeiras, ele mantém uma pequena propriedade na comunidade, onde tem criações de galinhas, porcos e peixes, além de pequenas plantações de milho, feijão e verduras, se deslocando à propriedade a cada folga disponível.

Seu José busca, dessa forma, um retorno não apenas ao lugar em que nasceu, mas a todas as experiências que faziam deste espaço, um espaço singular para ele. Sendo assim, as festas, que eram o espaço de socialização e que faziam parte de sua cultura e de seu cotidiano, são hoje ferramentas para o retorno, na busca em se inserir novamente na comunidade, e de novamente fazer parte do modo de vida e da cultura, que para ele nunca deixaram de ser rememorados.

Sobre esse retorno, embora inerente ao migrante, segundo Sayad, só existe em seu devir, pois mesmo que seja concretizado, não se pode voltar ao espaço social, que já não será o mesmo. O espaço das relações sociais, das experiências e mesmo os modos de se viver não



podem ser reproduzidos plenamente, de modo que o migrante não pode retornar ao “estado das coisas” que deixou<sup>114</sup>, sobre isso Fazito escreve:

Além disso, mostra que o retorno é uma possibilidade que só existe no seu devir, pois é em si mesmo uma justificativa manipulada politicamente pelo imigrante em resposta à sua ausência – o retorno não é apenas um retorno ao espaço físico, mas essencialmente o retorno ao espaço social transfigurado por eventos vitais e, conseqüentemente, uma impossibilidade concreta, pois não se retorna àquela mesma estrutura de coisas e eventos que se vivia no passado e depois se “abandonou”.<sup>115</sup>

Percebo em sua narrativa que seu José está nessa busca pelo retorno ao espaço a que pertencia, e que pare ele esse espaço além de geográfico é também social e cultural. O estado em que se encontra é transitório, até que ele possa retornar completamente a Itaiacoca. Enquanto não pode, de fato, seu José busca em alguns espaços, como nas festas e na lavoura, se inserir novamente no que ele vê como a cultura de Itaiacoca, no que é ser um itaiacocano e no que o define como indivíduo.

Essa relação de seu José com Itaiacoca pode ser relacionada ao conceito de topofilia, discutido pelo geógrafo chinês Yi-Fu Tuan. Para esse autor, a “topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal”<sup>116</sup>. No entanto, tem que se ficar claro que essa topofilia pode ou não ser intencional, com também não está necessariamente atrelada ao lugar de origem de um indivíduo, mas sim de suas experiências.

O lugar é constituído a partir das experiências dos sujeitos, que vão construindo e reconstruindo suas identidades, ao mesmo tempo em que o lugar é construído:

a relação ser-lugar pressupõe uma construção mútua e simultânea de ambos: o sujeito constrói o lugar e ao mesmo tempo é construído por esse. Os lugares em que o indivíduo viveu ou vive são responsáveis pela constituição de sua maneira de ser, assim como garantem a continuidade desse ser, baseada na experiência. Por meio da percepção, sensação, cognição, representação e imaginação, o lugar-ser se constitui. A experiência tem como meio o corpo, grande mediador dessa relação.<sup>117</sup>

<sup>114</sup> FAZITO, Dimitri. Análise de redes sociais e migração. Dois aspectos fundamentais do “retorno”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, n. 72, p. 90 – 100, fev. 2010.

<sup>115</sup> FAZITO, Dimitri. Dois aspectos fundamentais do “retorno”: símbolos e topologias dos processos de migração e sua circularidade. IN: Encontro Nacional Sobre Migrações, 4, 2005, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: CELEPAR, 2005, p. 1-16. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/4EncNacSobreMigracao/ST4-1.pdf>>. Acesso em: janeiro de 2016.

<sup>116</sup> TUAN, Yi – Fu. **Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIEFEL, 1974.

<sup>117</sup> MARONDOLA JR., Eduardo; Dal Gallo, Priscila Marchiori. Ser migrante: implicações territoriais e existências da migração. **Revista Brasileira de Estudos de População**. Rio de Janeiro, v.27, n. 2, pp. 407 – 424, 2010. p. 422.

Essa ligação afetiva que seu José tem com Itaiacoca, deriva das experiências e lembranças que guarda e revive. A forma como significa o Itaiacoca é que define o seu José no hoje. Mesmo vivendo há décadas em Ponta Grossa, permanece em seu José o estranhamento, e ainda trata as pessoas como “gente da cidade”, participantes de um “sistema muito diferente” do seu. Em sua identificação, seu José parece estar em processo de transição: ele está em Ponta Grossa e está servidor público, porque é um itaiacocano e é um lavrador. É para isso que busca retornar. As festas são nesse processo, um dos mecanismos de retorno, de se reconectar a esse espaço tão relevante para sua história e para identidade.

O segundo entrevistado, seu José Maciel, conhecido como Zé Maciel nasceu e viveu em Itaiacoca até os 17 anos. Sua família, também tradicional da região, era formada por agricultores e pecuaristas. No entanto essa não era a única atividade da família: o patriarca, Eufrásio Fernandes Maciel, foi candidato a vereador e chegou a ser suplente, trabalhando também como cabo eleitoral de João Vargas de Oliveira, ex-prefeito da cidade de Ponta Grossa e deputado federal.

Esse fato mudou a dinâmica da família de seu José Maciel que, com maiores condições do que a maioria das famílias do distrito, dispunha de uma grande quantidade de ajuda em sua propriedade. Diversos meeiros das comunidades próximas viviam em torno da propriedade familiar, trabalhando em troca de pagamento ou de moradia. Dessa forma, seu Zé, que era o mais novo da família de doze irmãos, não teve tanto contato com o trabalho na lavoura quanto seus irmãos mais velhos. Também foi pouca a participação dos espaços sociais da comunidade pois migrou ainda muito jovem.

Sobre sua mudança para a cidade, seu José pouco fala, apenas frisando que a ideia foi de seus irmãos, que o levaram por seu o mais novo. O fato de ter chegado muito jovem na cidade, o fez se relacionar com esta de maneira diferente que seus irmãos.

Muito falante, seu José Maciel é um interlocutor nato, e sabe lidar com as palavras. Ele não titubeia ao falar sobre o trabalho na lavoura, mesmo que pouco tenha participado dele e que muitas de suas memórias sejam herdadas de seus irmãos.

eu diria sofrimento no sentido do trabalho, que era um trabalho muito árduo. Ia criança de oito anos pra...eu lembro que a gente ia...eu, por exemplo, assim, o meu pai era uma pessoa muito bacana com a família, apesar que ele era uma pessoa muito doente[...]mas ele era uma pessoa muito boa. Só que entre os presentes que eu lembro, que eu ganhei vários presentes dele, eu ganhei com, mais ou menos, oito ou nove anos uma máquina de plantar feijão. E a gente ia plantar feijão. Como a planta do feijão é na queimada. Eu não lembro se eu ia descalço ou calçado, por que é difícil quando se tinha um calçado. É...e a gente ia, assim, pisando em tocos...que eles andam em espinhos... nas cinza... e plantando feijão. Enquanto um homem, lá, adulto, plantava vinte litros, eu plantava três, quatro. Mas eu entendia... aí, que você falou da lição, e eu entendi uma lição, a seguinte, hoje eu concluo o seguinte: ele

faleceu eu tinha onze anos e ele me deixou sabendo trabalhar. Eu não produzia, mas eu tive uma escola, que a vida era através do trabalho.<sup>118</sup>

A fala de seu Zé diz muito a respeito do que ele pensa sobre a vida no campo e o trabalho na lavoura. As memórias ligadas a esse trabalho estão associadas a memórias afetivas, de lembranças da relação com pai e com os irmãos. Ao terminar de falar sobre o trabalho, seu José usa a expressão “vida através do trabalho”, como uma lição que tirou de todo o processo que vivenciou com o pai na lavoura. Para ele, o trabalho árduo parece ser uma das características do homem do campo a ser valorizada. Sua fala parece denotar que o trabalho enaltece a dignidade humana, em uma relação direta entre o ser e o trabalhar.

O viver em comunidade também parece ser valorizado por seu Zé, em sua narrativa

Então ali na roça, por exemplo... Primeiro, que você aprendia... Vou enumerar: primeiro você aprendia esse conviver em comunidade...né...você... por uma necessidade, que você teria que salvar a tua roça, você aprendia a se unir com a vizinhança, com os amigos. Pra você ter uma ideia, tinha pessoas que nós viajava... nós andávamos a cavalo, as vezes... cinco, seis quilômetros de madrugada... ou a pé, pra ir carpir pro outro. E as vezes ia pousar na casa do outro. Pra ver como a integração era bonita, que se forçava uma amizade muito profunda. Convivia quase como se fossem irmãos, com os Gonçalves lá... os Cassimiro eram primo, mesmo. Então, é uma convivência de irmão. De pousar na casa dos outro. E não era três, quatro pessoa. É casas que pousava trinta, quarenta pessoas, pra no outro dia, já estar trabalhando. Era uma coisa assim que, te mostrava em primeiro lugar... digamos assim a...a união. Você aprendia a viver em comunidade. E depois você ia aprendendo, assim a...digamos assim, o lado... é... econômico. Ali, se praticava uma economia. Porque se você não fizesse aquele trabalho, digamos assim dos trinta aos trinta e cinco dias que a tua roça estava... que tinha que ser atendida, ela não ia produzir. Então ali você estava... sem saber você estava aprendendo economia. Fazendo um troca que beneficiava todo mundo.<sup>119</sup>

A vida comunitária toma características quase românticas na fala de seu José, que descreve a amizade e a integração que o trabalho desenvolvia. Segundo ele, era dessa forma que a vida comunitária ganhava sentido e essa convivência trazia lições e aprendizados para seus participantes. Essa parece ser a visão de alguém que não se coloca como integrante deste processo, mas que, olhando por outra perspectiva, atribuiu significados a essa convivência.

É também desta mesma maneira que seu José percebeu as festas religiosas

A festa era o seguinte, eu vou falar da festa no seu físico dela. Então como não tinha médico, eu acho que começava ali as coisas, como não tinha médico, pessoal tinha que se agarrar em alguma coisa, então vinha a crença popular, a religião, e no que o pessoal era muito apegado, você sabe que cada casa, só se fosse muito simplesinha e assim mesmo ainda tinha a imagem de algum santo tal, e as casas das pessoa mais de posse que podia fazer alguma coisa, já tinha um oratoriozinho, altarzinho, então...na dificuldade financeira, para um bancar sozinho não bancava, que eles faziam? Eles faziam, eu imagino eu, que eles começaram pela aquela tradição da oração em casa, do salve-se quem pode...Então dai....começavam a fazer o que? A

<sup>118</sup> MACIEL, José Silvestre. **Entrevista**. [mai.2015]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2015. 1 arquivo mp3.

<sup>119</sup> Ibidem.

festa para o santo, e a começava-se nos milagres, aparecia uma cura, eu acredito que tenha sido isso que começou aquelas festas, e também é claro mais influência do pessoal que vinha da igreja e aí o pessoal na dificuldade do padre. E aí por essa falta de uma crença digamos assim mais apurada e mais conhecimento teológico, vinha a teologia da prática, a vivência né? E aí eles começavam a festejar o santo[...]então as festas eu acho que surgiu muito dessa necessidade de alguma coisa mais assim técnica de saúde das dificuldades que o pessoal se apegava aos santos...o meu pai por exemplo ele fazia uma festa de Nossa Senhora da Conceição muito grande, ele era uma pessoa muito pobre, e casou com a minha mãe, o pai dela já era uma pessoa de bem, tinha seus terrenos, e ele, parece que o pai dele fazia lá a festa, e ele ia lá levava um boi, picava e dava para aquele povo, era tudo parente dele sabe, Barra Preta era um foco de gente muito pobre lá e ele fazia aquela festa lá. E aí na festa, também o lado prático da festa, e começou mais ou menos assim, eu acredito que foi assim da necessidade de ser algum apoio em alguma hora que você parar refletir, e aí eles faziam daquele tipo. (meu grifo).<sup>120</sup>

Nesse trecho, seu Zé procurou explicar o surgimento dessas práticas nas comunidades e para isso usou os termos “teologia da prática” e “falta de conhecimento mais apurado”. A utilização desses termos demonstra a perspectiva externa de seu Zé, que como membro ativo da Igreja Católica e da Pastoral da Criança, participou e participa de diversos cursos e palestras que moldaram sua formação religiosa. Em vista dessa formação, para ele as festas são vistas como formas pelas quais aqueles indivíduos, desprovidos de qualquer conhecimento mais profundo da religião, encontraram para expressar sua fé e entrar em contato com o sobrenatural, em busca de auxílio e conforto.

Essa formação religiosa pode ser vista neste trecho da narrativa, onde demonstra conhecer os processos internos da Igreja Católica.

A partir dos anos setenta mais ou menos, a partir de sessenta e um, até ali nós tinha medo do padre, parecia o padre é o demônio, que o homem falava uma língua que ninguém entendia, de costas para o povo, então era...não se envolvia. A partir dali já começou o padre a falar a mesma língua do povo, já começou a entender mais e tanto que hoje, tem naquela fita, o padre fala não atrapalha nada, pelo contrário, embeleza, que complementa, até hoje, ecumenismo, porque as outras religiões também cada um tem sua maneira de pensar que tem que ser respeitada. Mas naquela época, eu acredito que pelo padre falava em latim então e o próprio Deus era interpretado com um mal que castigava, existia no meu tempo de criança, uma fotografia do Cristo que era um olho assim, olhando assim, olhando tudo você não podia pisar na bola que ia direto, então essas concepções foram mudando por causa da cultura, o pessoal veio tendo mais informação, estudando um pouquinho mais, mesmo no mato tem...a partir do momento que o pessoal foi quebrando aquele medo de Deus, da Igreja.<sup>121</sup>

Seu Zé mostrou conhecimento dos processos pelos quais a Igreja passou ao longo dos séculos, as formas pelas quais a Igreja era vista pelos fieis, e também a forma pela qual a instituição se relacionava com as práticas religiosas populares. Com essa fala é possível ver

<sup>120</sup> MACIEL, José Silvestre. **Entrevista**. [mai.2015]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2015. 1 arquivo mp3.

<sup>121</sup> Ibidem.

que seu Zé se coloca em uma outra esfera, ao tratar sobre as festas e a religiosidade popular, não com um membro cujas práticas foram significadas em sua identidade, mas com o um membro da Igreja, que reconhece a validade dessas práticas para seus participantes.

Quando pergunto sobre a sua relação pessoal com as festas religiosas, seu Zé me responde:

Em dois sentidos ai, primeiro a lembrança né, que...que a gente tem saudade, era muito bonito, foi onde a gente ia lá e conhecia, não...já conhecia mas tinha a oportunidade de estar mais próximo de uma moça, da namorada, de uma menina diferente daquela do dia a dia ali e tal, das irmãs e sobrinhas. Então a lembrança né, as amizades né...digamos assim as amizades que você fazia, a oportunidade de você ir lá com a sua bicicletinha nova, com o teu cavalo bem encilhado é[...]<sup>122</sup>

[...]E o outro lado da festa, é digamos assim, essa entro início de uma...uma consciência de fé né...porque ali as festas também tinham o lado de lazer né, mas tinham o lado religioso que era levado muito a sério, isso ai marcou muito, eu não tenho dúvida que foi assim na tradição, naquele princípio de vivência de fé dos meus pais, dos amigos, das famílias ali buscando alguma coisa sobrenatural e que sem dúvida nenhuma para mim...é o que... E essas coisas assim sempre me fazem ficar ligado, sem dúvida nenhuma, não tenho dúvida nenhuma de dizer para você, que isso aqui que me leva a ser[...]<sup>123</sup>

Para ele, que viveu na comunidade apenas quando adolescente, as festas da comunidade eram espaços sociabilidade, das amizades, dos relacionamentos amorosos e mesmo das ostentações.

A religiosidade também se destaca na fala de seu Zé, que usa a frase o “início de uma consciência de fé”, ao falar que seu primeiro contato com a fé foi a partir “das vivências de fé de seus pais e amigos”. Segundo ele, essas vivências o influenciaram a participar ativamente da Igreja e a fortalecer a sua fé. Ao falar sobre isso, percebe-se que, embora reconheça as vivências de seus familiares, assume que essas não são as suas, e que não tem nenhum vínculo religioso com elas. No entanto, reconhece que existe um elo com a tradição, que o faz valorizar e reconhecer essas práticas com próprias do homem do campo.

Essa ligação com as tradições e costumes, e mais do que isso a busca pela cultura do campo movem o discurso de seu Zé. Quando pergunto sobre Itaiacoca, fica claro que ele busca reviver os modos de viver e pensar de seus antepassados.

Significa tudo, é digamos assim um conjunto de experiências de vida, tudo que a gente aprendeu ali de trabalho, de respeito com as pessoas, solidariedade, vê meus pais ali compartilhando com a aquele povo [...]Então assim a experiência de um povo ordeiro, amigo, um povo eu diria até assim acanhado demais, tem nós aqui, conta um pouco com nós, um povo eu diria assim muito tímido, nós somos muito tímidos, eu mesmo eu espero muito, sempre espero a vez, por mais que saiba espero

<sup>122</sup>MACIEL, José Silvestre. **Entrevista**. [mai.2015]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2015. 1 arquivo mp3.

<sup>123</sup> Ibidem.

a minha vez, fica na minha porque é a maneira que a gente foi criado, assim daquele respeito de saber esperar a vez, mas eu o que significa Itaiacoca para mim, significa minha vida, minha experiência de vida, minha maneira de viver hoje, eu hoje estou sempre tentando manter aquela tradição do meu pai, não só do meu pai, mas que o povo, o sistema daquele povo que tinha aquele sistema de um trabalhar para outro e ninguém tinha nada escrito, o pessoal sabia aquelas considerações que até hoje e temos com todo mundo.(meu grifo)<sup>124</sup>

Nessa fala seu Zé diz que procura seguir no seu modo de viver a “tradição daquele povo”. Esse povo, segundo seu Zé, é um “povo ordeiro, amigo, acanhado”. Sua experiência de vida está relacionada com a valorização e até uma romantização desse homem do campo, de seus valores e práticas. O itaiacocano é visto por seu Zé com um modelo a ser seguido, seus valores e práticas precisam ser valorizados, e de certa forma eternizados.

Essa valorização aos costumes se estende às festas religiosas. Mesmo sem ter ligação direta com elas, seu Zé busca visitar as festas que ainda acontecem nas comunidades. Também participou de outros projetos que visavam divulgar as festas e outras tradições de Itaiacoca, pelas quais ele se mostra muito interessado em preservar e reviver.

Esse reviver, buscado pelo seu Zé está ligado aos valores e costumes, às formas de ser, de viver no mundo e de se relacionar com as pessoas, atributos que ele considera inerentes aos itaiacocanos. Ao romantizar esses valores, seu Zé os encara como próprios de um modelo de conduta, e busca revivê-los em suas práticas diárias.

Esse romantizar parece próprio de alguém que se coloca como externo a essas práticas e costumes. O “*sentimento é romântico, no sentido de que nada tem a ver com qualquer compreensão real da natureza*”<sup>125</sup>. José Maciel, que nunca tirou do trabalho na lavoura o seu sustento e não conviveu diretamente no espaço da comunidade, supervaloriza o trabalho na lavoura e os costumes desses moradores, pois, para ele, sob a perspectiva de alguém que não compartilha o lugar social, são esses os aspectos que representam o “ser itaiacocano”.

Com relação as festas, estas parecem significar o elo com a tradição e com os valores familiares e dos itaiacocanos, não tendo um vínculo direto ou sentimental, a não ser aquele que busca valorizar as práticas que são desse povo, que para ele é tão importante.

Esse vínculo com os itaiacocanos e a forma como encara a pureza e a simplicidade desse povo, fez com que seu Zé seguisse o mesmo caminho de seu pai, que segundo ele sempre procurou auxiliar os itaiacocanos. Ele trabalha, atualmente, como assessor parlamentar de um vereador da cidade de Ponta Grossa, que também possui ligação com

<sup>124</sup> MACIEL, José Silvestre. **Entrevista**. [mai.2015]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2015. 1 arquivo mp3.

<sup>125</sup> TUAN, Yi – Fu. Op. cit. p. 118.

distrito. Dessa forma, seu Zé procura defender a causa dos itaiacocanos, ajudando as comunidades e os itaiacocanos que estão na cidade e precisam de auxílio médico, jurídico e mesmo financeiro.

Essa relação romantizada não é experimentada por dona Domingas Maciel Constante, de 89 anos, irmã mais velha de seu Zé Maciel. Domingas nasceu em Itaiacoca e viveu no distrito até meados da década de 1980, quando migrou para Ponta Grossa, junto com a família. Casada e mãe de seis filhos, é muito ativa e receptiva, gosta muito de contar histórias e conversar, e mesmo com a idade já avançada tem disposição para as mais diversas atividades.

Ela trabalhou durante muitos anos na lavoura, ao lado do pai, dos irmãos e, posteriormente, do esposo e dos filhos. Em suas memórias, o trabalho na lavoura (e as dificuldades desse trabalho) ganha destaque, especialmente, quando ela relembra do período em que trabalhou ao lado do esposo e dos filhos.

A gente se criou trabalhando na lavoura, que antigamente o trabalho que tinha era só lavoura, agora já está cheio de mineração essas coisa, antigamente era só lavoura[...] 10 irmãos e se criaram todos trabalharam na lavoura....(plantava) milho, feijão, arroz, trigo, batatinha...e meu pai tinha muito gado, gostava de lidar com criação, tinha bastante gado, o meu sogro também tinha muito gado, meu sogro já não era ali, ele não morava no sitio, criava nas campo daí, o pai do meu esposo morava no campo daí, fazenda de gado, meu pai tinha no sitio mesmo, criado assim....se criamos tirando leite, fazendo queijo, tudo isso a gente fazia quando era....daí depois eu casei e me mudei pra outro terreno já, mas continuando na lavoura sempre[...]na lavoura também, na lavoura, criava porco, também tinha bastante criação, era só lidando com criação.<sup>126</sup>

Ao falar sobre esse trabalho, dona Domingas ressaltou, em diversos momentos, que era muito sofrido: *“A vida no sítio é muito sofrida, nossa, agora a gente acha, quando é novo a gente não acha, parece que tudo é fácil, a natureza também é difícil”* e *“é muito sofrido, a lavoura é um serviço sofrido mesmo....o serviço na lavoura é muito pesado é bom porque faz bastante exercício, mas quando a pessoa é nova que aguenta, depois, de 50 anos em diante já não se põe porque não aguenta, é muito pesado”*<sup>127</sup>. Ela destacou como esse trabalho prejudicava a saúde do lavrador ao longo dos anos e como, após certa idade, este tipo de trabalho se tornava quase impossível ser praticado. Ao contrário de seu irmão mais novo, ela não romantiza esse trabalho em nenhum momento, deixando claro que este era um trabalho necessário para a sobrevivência e que, embora fosse muito bom viver naquele sistema, ele também trazia consequências graves para a saúde.

<sup>126</sup> CONSTANTE, Domingas Maciel. **Entrevista**. [jan. 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo mp3.

<sup>127</sup> Ibidem.

No entanto, ela também destaca que esse modo de vida era ao mesmo tempo muito divertido, “*era lindo, nossa, muito divertido o trabalho de lavoura era divertido[...]era sofrido, mas era divertido*”<sup>128</sup>. Segundo Tuan, esse sentimento contraditório em relação a natureza é comum entre os trabalhadores rurais, e que muitas vezes está associado a sua condição social: “*o sentimento topofílico entre os agricultores difere enormemente de acordo com seu status sócio-econômico. O trabalhador rural trabalha junto à terra; sua relação com a natureza é misto de amor ódio*”<sup>129</sup>. Ao mesmo tempo em que esta terra, através do trabalho, sustenta a família, ela também desgasta, sendo as vezes imprevisível.

As relações sociais, a sociabilidade, a solidariedade e o lazer, oriundos desse modo de vida, foram destacados na narrativa de dona Domingas. As festas e os bailes eram os maiores atrativos para ela, que se considerava muito festeira: “*quando eu morava lá, eu participava de todas as festas. E meu velho também gostava muito. Daí depois que começaram a fazer estrada, compremos carroça, daí nós enchia a carroça de criança e se mandava pros bailes, para as festas, com chuva*”<sup>130</sup>.

As festas religiosas apareceram na fala de dona Domingas como um desses espaços de divertimento e sociabilidade.

Nossa como tinha...como tinha festa de santo, cada bairro tinha um santo que festejava, lá nos Casemiro tinha o de Todos os Santos, na Barra Grande tinha de Nossa Senhora da Conceição, no Cerrado tinha São Roque, no Cerrado Grande, no Cerradinho era Santo Antônio, no Mato Queimado era Divino, o Divino, festejava o Divino lá, nos Ferreira, Lavrinha, de São Sebastião...existia muita festa lá[...]era o dono da casa de que tinha o santo...ele que organizava a festa...daí fazia um café, faziam pão feito em casa, aqueles pães mais gostoso que tinha, era tudo dado, o povo comia pão, tudo...daí o povo se reunia para fazer a reza, a procissão né, era bem divertido [...]Fazia por devoção mesmo, agora que ninguém faz e quando faz querem vender uma coisa, mas antigamente era tudo dado...Nossa! Como reunia gente, bastante gente, bastante bairro...<sup>131</sup>

Para ela essas festas eram espaços de conversa, de sociabilização, do chimarrão com as comadres e dos reencontros. Embora narre como as festas eram feitas, e destaca que eram feitas por devoção de seus participantes, Dona Domingas não se atem muito ao aspecto religioso, e não dá ênfase a uma relação pessoal com o aspecto religioso, mesmo mais tarde revelando que seu pai, era festeiro e realizou por vários anos a festa de Imaculada Conceição. Em sua narrativa, dona Domingas parece se colocar distante dessas práticas, embora quando

<sup>128</sup>CONSTANTE, Domingas Maciel. **Entrevista**. [jan. 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo mp3.

<sup>129</sup> TUAN, Yi – Fu. Op. cit. p.112.

<sup>130</sup> CONSTANTE, Domingas Maciel. **Entrevista**. [jan. 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo mp3.

<sup>131</sup> Ibidem.



fale das do passado, destaque o quanto gostava desses espaços, pelas relações sociais e o divertimento que proporcionavam.

Sobre o aspecto religioso ligado à Igreja, neste pequeno trecho, Dona Domingas demonstra que também tinha um distanciamento com as práticas ligadas à instituição, durante os primeiros anos de sua instalação no distrito.

O padre ia uma vez por ano, uma vez por ano ele ia no Itaiacoca, uma vez por ano, e os padre daqueles tempo que os padre rezavam a missa, eles celebravam a missa de costas para o lado do pessoal...mas a gente não entendia achava que estava errado e muitas vezes, um padre que foi celebrar a missa lá para nós, a gente não entendia o que ele falava para nós, ele falava latim... a gente ia por fé de Jesus, mas não que nós entendesse...<sup>132</sup>

A Igreja não estava próxima do dia-a-dia dos itaiacocanos que, embora participassem dos sacramentos da Igreja, não os compreendiam. Dona Domingas parece dizer, nesse pequeno trecho, que mesmo participando das práticas da Igreja, essas estavam distante de sua vivência, e por isso a religiosidade se concentrava na devoção aos santos e nas práticas diárias familiares.

O decréscimo da produção agrícola também levou a família de dona Domingas a migrar para a cidade no início da década de 1980. Os motivos explicados por ela estão associados às mudanças dos filhos e também à dificuldade do trabalho na lavoura.

o motivo foi que os filhos vieram se empregar, daí para trabalhar na lavoura de umas horas em diante já não tava dando mais, não dava muito bem, daí o que cuidava de tudo o povo do Itaiacoca veio vindo embora, que era o comerciante de lá, veio embora, daí já ficou tudo mais difícil, daí os filhos começaram a vir, veio o Mario que daí tinha casado e veio, daí foi o irmão mais velho vir os outros foram vindo também, daí paravam com ele aqui e se empregaram nas firmas trabalhar e foi a ponto que ficou só eu, o velho e o Tião e a Ana, é a mais nova, a menina mais nova, a outra menorzinha veio para estudar, parava com a cunhada aqui, a filha mais velha também tinha casado, também morava aqui e eles foram vindo e ficando com os irmãos aqui, foram se empregando e trabalhando, até que enfim ficou só eu, o velho e o Tião, que não quis deixar a gente sozinho, ai por causa dele que nós viemos, daí a gente tinha dó daí, estão tudo trabalhando no fácil aqui e ele lá na lavoura, não era certo isso, ai viemos[...]o caso de nós vir foi por causa do filhos, eles foram vindo e vindo, fiquemos só nós lá e tivemos que vir também, daí vendemos as terras que tinha lá um pouco e deixamos uma chácara e vendemos a outra, e daí compramos aqui, se habitemos e aqui e gostamos de estar aqui, até que estamos até agora..<sup>133</sup>

Nesse trecho da entrevista, dona Domingas comentou que a mudança da família teve relação com as dificuldades em se manter da agricultura, e também do quão duro era esse trabalho. Ao ver a maioria dos filhos migrando à procura de outros empregos, e vendo que seria mais benéfico para todos que ela e seu esposo se mudassem com eles, resolveram vender parte das propriedades e partir para a área urbana.

<sup>132</sup> CONSTANTE, Domingas Maciel. **Entrevista**. [jan. 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo mp3.

<sup>133</sup> Ibidem.

Sua mudança se deu quando seus filhos já estavam adultos, depois da aposentaria do casal. Dessa forma, nem dona Domingas nem seu esposo tiveram experiências com trabalhos alheios à lavoura, e durante os primeiros anos de sua mudança mantiveram a ligação com o distrito e as pessoas, ao visitarem com muita frequência sua propriedade e cuidarem de pequenas produções para o consumo familiar.

No entanto, aos poucos essa proximidade com o distrito foi diminuindo, e as terras da família vendidas. Dona Domingas contou que restou a ela visitar suas irmãs que ainda moram na comunidade, bem como retornar para a realização da festa de Nossa Senhora Imaculada Conceição, em um capela particular na comunidade da Barra Preta. A festa, que era realizada pelo avô de dona Domingas em sua propriedade, entrou para o legado da família, sendo que hoje ela e os irmãos se revezam na organização.

participava (das festas da Igreja) participava, a festa da Barra Grande nós fazemos até hoje, até agora, todo ano a gente vai fazer a reza lá, lá na Igreja de Nossa Senhora da Conceição...era do meu vô aquela igreja lá, era meu vô que mandou fazer a igreja lá, e fazia festa de Nossa Senhora Santana lá, e do Divino, daí meu vô, pai do meu pai que fazia essa festa, daí ele faleceu o vô faleceu a vó faleceu, daí meu pai ficou fazendo, porque meu pai eram só tem três irmãos, era ele e duas irmã, daí ele que ficou fazendo a festa lá, o meu pai, daí meu pai faleceu daí nós ficamos a família fazendo a festa, um ano....nós somos em dez, a cada dez ano eu faço a festa, daí um ano um faz, outro ano é outro, outro ano é outro, e assim vai...<sup>134</sup>

Manter essa tradição viva para dona Domingas, não parece estar relacionada a reviver espaços de sociabilidade ou de reencontro, mas à concretização de uma tradição religiosa familiar, que parece estar mais ligada aos valores familiares do que uma busca ou retorno a experiências sentidas. Isso pode ser visto através dos contornos tomados pela festa de dona Domingas e seus irmãos, que hoje se transformou em um pequeno ato familiar, realizado na pequena capela na propriedade que antes pertencia a sua família. As orações são feitas por um padre, que é levado anualmente pela família para celebrar uma missa. Após os rituais religiosos, não há espaço de interação ou sociabilização com a comunidade, como acontecia antes.

Se o relacionamento com as festas parece estar associado ao cumprimento de uma tradição, o sentimento de pertença à comunidade e a vontade utópica do retorno, estão muito presentes na fala de dona Domingas

eu sinto falta, gosto de ir lá, eu tenho três irmãs que moram lá agora, eu, por eu já tinha voltada que tempo, mas o velho não quer, ele vai lá aos poucos e já quer voltar embora, para posar é difícil ele querer ir... agora o filho fez a casa lá e ele gostou, disse que vai mais seguido...porque eu acho falta, eu gosto muito de lá, eu vou lá eu

---

<sup>134</sup> CONSTANTE, Domingas Maciel. **Entrevista**. [jan. 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo mp3.

durmo bem, eu como bem, aqui eu me sinto mais....sei lá...não me sinto bem que nem lá... a gente chega lá e descansa a cabeça...<sup>135</sup>.

Essa vontade de retornar, ainda que se saiba de sua impossibilidade, está presente na perspectiva de dona Domingas, que diz se sentir melhor em Itaiacoca do que em sua casa em Ponta Grossa. A maneira como enxerga Itaiacoca parece estar associada ao aspecto geográfico, da paisagem e da tranquilidade que oferece. A relação de dona Domingas com Itaiacoca, também pode ser percebida dentro de um sentimento topofilico, já que:

As imagens da topofilia são derivadas da realidade circundante. As pessoas atentam para aqueles aspectos do meio ambiente que lhes inspiram respeito ou lhes prometem sustento e satisfação no contexto das finalidades de suas vidas. As imagens mudam à medida que as pessoas adquirem novos interesses e poder, mas continuam a surgir do meio ambiente: as facetas do meio ambiente, previamente negligenciadas são vistas agora com toda clareza.<sup>136</sup>

Por se encontrar em um novo espaço, dona Domingas tem novos sentimentos e significações em relação à Itaiacoca e à paisagem rural. Seu retorno está associado ao que o distrito representa para ela hoje, um lugar de paisagens tranquilas e confortáveis. Mesmo que não busque reviver experiências e situações, Dona Domingas tem um vínculo com distrito, que a leva a almejar um retorno.

Os três migrantes apresentados nessa seção têm histórias de vida muito distintas. Experimentaram a cidade em perspectivas diferentes, e assim estabeleceram vínculos específicos com Itaiacoca e às festas religiosas. Ao chegarem na cidade, esses migrantes não encontraram uma identificação direta com o novo ambiente, e por isso procuraram formas de se reconectar com os seus antigos espaços e também de reafirmar seu pertencimento. Sobre isso Marondola Jr. & Dal Gallo discorrem:

Nessas condições, a relação de somatização ser-lugar se estabelece quando há uma identificação entre eles. O indivíduo não pode ou não é capaz de ignorar toda sua história e formação, sendo indiferente às características de sua nova realidade para estabelecer prontamente relações com o local de destino. Não encontrando tal identificação de forma clara, o migrante tende a recriar seus lugares na expectativa de preservar sua forma de ser, bem como para reafirmar sua identidade territorial. São as relações e laços promotores do envolvimento com os lugares que dão as fundações e sustento para o ser.<sup>137</sup>

<sup>135</sup> CONSTANTE, Domingas Maciel. **Entrevista**. [jan. 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo mp3.

<sup>136</sup> TUAN, Yi – Fu. Op. cit. p. 137.

<sup>137</sup> MARONDOLA JR., Eduardo; Dal Gallo, Priscila Marchiori. Ser migrante: implicações territoriais e existências da migração. **Revista Brasileira de Estudos de População**. Rio de Janeiro, v.27, n. 2, pp. 407 – 424, 2010. p. 422.

Sendo assim, cada um desses migrantes procurou formas de se reconectar a Itaiacoca e ao que ela representa, seja através das festas, do plantar ou mesmo da valorização de seus costumes e sua cultura.

O retorno buscado por seu José Maria parece remeter à forma como ele experimentou o Itaiacoca em sua juventude, nos aspectos geográficos, sociais e culturais. Isso o leva a buscar reviver experiências que o aproximam de suas memórias do Itaiacoca. Para ele, as festas se tornaram uma das ferramentas para esse retorno, se tornando hoje, o espaço onde pode voltar a se reconectar a comunidade e com as pessoas.

Seu José Maciel, por sua vez, tem o retorno pautado nos valores de tradições, do que ele considera serem os itaiacocanos. A valorização das tradições e da cultura desse itaiacocano, bem como de seus valores e ideais parecem estar no centro das experiências de seu José Maciel. O espaço geográfico e mesmo as relações sociais oriundas dele, não se destacam frente a essa busca pela valorização do ideal do caipira. Para seu José, as festas fazem parte dessa cultura que precisa ser valorizada, embora não tenha ligação afetiva ou religiosa, ele vê nas festas a representação da religiosidade de um povo e de um sistema que é muito importante para ele.

O espaço geográfico, a paisagem, o meio rural e a tranquilidade da vida do campo, em oposição a vida na cidade, aparecem como elementos valorizados, hoje, por dona Domingas. O retorno ao distrito remete à forma como ela experimentou o meio urbano, apreciando a calma do meio rural, em contraposição à agitação que encontrou na cidade. As festas também não parecem servir de ferramentas para uma conexão com o distrito ou com as pessoas da comunidade, para dona Domingas, as festas parecem estar associadas a tradição familiar, e o cumprimento de uma promessa feita ao pai.

### **3.2. Os moradores**

Permanecer em Itaiacoca e na comunidade não isentou os moradores de experimentarem as transformações pelas quais o distrito passou ao longo das décadas. As novas realidades da comunidade e dos moradores fizeram com que os itaiacocanos que permaneceram vivendo no distrito, experimentassem a comunidade e a cidade de maneiras específicas.

Serão discutidas nesta parte, as trajetórias de dois moradores da comunidade da Roça Velha, seu Francisco Ribeiro e seu Pedro Santos. O primeiro nunca deixou a comunidade, e o

segundo viveu por várias décadas em Ponta Grossa, retornando à sua antiga morada há, pelo menos, quinze anos.

Seu Francisco Ribeiro, mais conhecido como Chico Bento<sup>138</sup>, aos 72 anos, nascido e criado em Itaiacoca, vive na comunidade da Roça Velha há 52 anos, sem nunca ter se mudado para outro lugar. A lavoura e a pecuária foram a base da vida de seu Chico, até meados da década de 1970, quando começou a trabalhar na Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, onde permaneceu por 25 anos, e da qual está aposentado há 16 anos, por problemas de saúde.

Seu Chico e Dona Maria Clara, sua esposa, vivem confortavelmente em uma bonita propriedade da Roça Velha, com três dos seis filhos. Os dois são excelentes anfitriões, fazendo questão de colocar o chimarrão no meio da nossa conversa. Como já havia ouvido falar, por alguns de seus amigos, seu Chico gosta muito de falar e contar causos e histórias. Sobre isso, dona Maria Laura, gosta de enfatizar que seu Chico é “que nem caranguejo, gosta de andar para trás”, por gostar tanto de falar de suas histórias do passado.

Seu Chico, que é natural da comunidade dos Carandás, trabalhou a infância e adolescência na lavoura, junto do pai e dos irmãos. Mais tarde chegou a trabalhar por dia, como peão, para as famílias mais abastadas do distrito. Mudou-se para a Roça Velha, quando conheceu dona Maria Clara, filha de um dos seus empregadores. Quando se casaram, passaram a viver na propriedade da família de dona Maria Clara.

Ao constituírem família, com dez filhos, seu Chico e dona Maria Clara, continuaram trabalhando com a lavoura e com a pecuária, produzindo o necessário para o custeio da casa e também para a compra de outros produtos. Como muitos itaiacocanos seu Chico produzia hipotecando a lavoura nos armazéns do distrito, para comprar produtos que não eram produzidos na propriedade.

É... daí o negócio era consumido meio por aqui mesmo se... fornecia, aquela época, pra você fazer a roça, você tinha que hipotecar a lavoura. Daí o comerciante lá, te fornecia. Você comprava o arroz, lá... pá, pá... pra limpar esta lavoura. Daí escolhia o feijão, por primeiro, vendia pra você pagar o seu caderno, lá. Daí era lá, esse rolo. E o que sobrava, você criava o porco, matava o porco e aquela folia.<sup>139</sup>

Seu Chico também contou que, para auxiliar nas despesas de casa, trabalhava como domador de animais. Ele ainda realiza este trabalho, embora em menor escala, hoje. Para ele,

<sup>138</sup> Seu Francisco Ribeiro, é conhecido como Chico Bento, em referência a seu pai que chamava-se Bento Ribeiro, é um costume comum em Itaiacoca que os filhos sejam conhecidos pelo nomes dos pais, como os Arlindos, filhos de seu Arlindo da Luz e Souza, os Casemiros, filhos de Casemiro da Luz, entre outras famílias que carregam os nomes, ou sobrenomes de seus patriarcas.

<sup>139</sup> RIBEIRO, Francisco; RIBEIRO, Maria Clara. **Entrevista**. [jan.2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo mp3.

a doma era muito difícil e perigosa, tendo muitos traumas físicos devido à atividade, que julgava ser necessária para ajudar no sustento de sua vida.

Eu sou todo aleijado de criação. Eu domava... domava burro, domava cavalo, pra manter a vida. Você pegar o dinheiro e... arriscar a vida para tirar o dinheiro... era obrigado pra tirar o dinheiro, pra pagar o sustento da vida, né. Eu passei cada... pro peito... Pesado! Por que você enfrentar um burro brabo, aí... é mais perigoso que você enfrentar um “trinta e oito”.<sup>140</sup>

A família viveu desse modo até 1975 quando, segundo seu Chico, que já não conseguia mais produzir o necessário para viver, procurou emprego e deixou o cuidado com a propriedade ao encargo da família

[...]porque a gente tinha que deixar porque o...lidando com problema de doença... meu sogro ficou uns cinco anos de cama, e daí a gente se apurou aquela época. Criançada pequena. Então a rapaziada ficou... passei eles na... lidando com a lavoura. Apeei do custo de vida. E eu parti pro lado do emprego.<sup>141</sup>

Seu Chico disse que procurou emprego devido aos problemas financeiros ligados à saúde do sogro. Como a produção e venda dos produtos foi diminuindo, ele não viu outra saída, se não procurar um emprego fixo para manter a casa e a família. O emprego encontrado foi na Secretária de Obras e Serviços Públicos de Ponta Grossa, na manutenção de obras e serviços, realizado no próprio distrito. Assim, não precisou deixar de viver na comunidade. Esse novo emprego mudou a condição da família de seu Chico que, com uma renda extra, podia manter a casa e também continuar com as pequenas lavouras para o custeio da casa.

No entanto, a produção na lavoura passou a decair a cada ano, quando os filhos de seu Chico foram formando suas famílias e encontrando empregos fora da propriedade, no distrito e também em Ponta Grossa, até que se encerrou a atividade agrícola em suas terras. Seu Chico e sua esposa ficaram doentes, impossibilitados de continuar trabalhando com a terra, e a aposentadoria de ambos tornou mais fácil a compra dos produtos, que já não podiam ser produzidos na lavoura. No entanto, o casal não conseguiu abandonar completamente as práticas rurais, mantendo um pequeno plantel de pequenos animais de criação, que ainda garantem alguma renda extra à família.

Ao viverem por tantos anos na comunidade, Dona Maria Clara e seu Chico presenciaram as diversas transformações, não apenas nos modos de trabalho, mas também nos aspectos sociais e culturais, inclusive em relação às festas religiosas. Quando perguntei sobre como eram essas práticas e que memórias elas traziam, seu Chico contou que “*era gostoso. Você quer ver? Proseava com os amigos, com as parentescas. Nem que fosse estranho, mas*

<sup>140</sup> RIBEIRO, Francisco; RIBEIRO, Maria Clara. **Entrevista**. [jan.2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo mp3.

<sup>141</sup> Ibidem.

*era amigo e você queria bem. Passava o dia todo cheio de alegria, de oração. Era gostoso*".<sup>142</sup> Em sua fala transparece que a sociabilidade e o lazer eram os aspectos mais relevantes para o seu Chico, que continua dizendo que esses eram os maiores espaços para se "*costear um namoro*" e combinar de "*fugir com a moça*", demonstrando que os relacionamentos dos moradores da comunidade, tendiam a começar nessas festas.

Neste trecho, ele conta que ficou mais próximo de sua esposa na festa do Divino Espírito Santo:

Engraçado. Naquela festa onde tivemos junto<sup>143</sup>, lá... estava tudo ela, as colega dela, prima dela, e um rapaz aqui da Barra Grande... amigo da gente. Nós proseando e... engraçado, dá um romance a vida da gente. Daí você quer ver, o rapaz me disse: "- Olhe, teve um esperto lá... você tem coragem de ir lá entregar um recado para mim, para Maria Clara?". Digo: "-Tenho". E vai eu lá. Comprometer a moçarada e disse: "-Olhe, é assim, assim e assim". Daí ela disse: "-É...quem a gente quer, não quer. Quem a gente não quer, quer". Daí deu no miolo do homem, né?! E eu, digo: "vamos entrar por aqui". Daí eu já fui meio, deixando as outra, né... Deixando das outra, ficando mais para cá e pá, pá... Vamos ver que bicho vai dar, né? E deu o que deu.

Como esta, seu Chico tem muitas memórias afetivas ligadas ao espaço das festas, dos amigos, das danças, das modas de viola e do futebol. A festa representava para ele e para dona Clara, os momentos de maiores divertimentos e alegrias do viver em comunidade, sendo exatamente disso que se sentem privados, hoje. Ao se verem praticamente sozinhos em uma comunidade que sofreu muitas transformações, cujos pares foram embora ou faleceram, não se encaixam ao novo modelo da comunidade, mas também não alimentam expectativas de se voltar ao antigo modelo.

Quando perguntei sobre a relação com a Igreja, seu Chico é categórico em dizer que na comunidade o povo é muito religioso, que participam e não tem do que reclamar. Ao falar das igrejas da comunidade, ele não faz distinção entre as particulares e a oficial da Igreja, sendo que, para ele, todas são capelas. Espaços de adoração. Quando fala das festas, em ambos os espaços, seu Chico também não vê distinções, que não a celebração da missa, que só acontece nas festas da igreja, e a gratuidade dos alimentos das festas de família, em oposição à cobrança de alimentos nas outras festas.

Chico Bento: O interessante da gente é o...é primeiro a missa, né! Você sabe disso. E daí, depois... tudo a... eu, no meu modo de analisar, é uma coisa só.

Maria Clara: O que difere é que na igreja é tudo vendido, aqui (na festa do Seu Neno), não.

<sup>142</sup> RIBEIRO, Francisco; RIBEIRO, Maria Clara. **Entrevista**. [jan.2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo mp3.

<sup>143</sup> Meu primeiro encontro com seus Chico, foi em 2014, na festa do Senhor Divino Espírito Santo, na Roça Velha.

Chico Bento: A única diferença que eu acho, é que aqui (na festa do Seu Neno) é gratuito, e aqui (na festa da igreja) você tem que enfiar a mão no bolso. É só a mudança que eu acho.<sup>144</sup>

Essa relação de seu Chico com as festas de santo e com as da Igreja demonstra que as transformações sofridas pela comunidade foram assimiladas por ele como um movimento contínuo. As festas de santo, que eram cotidianas, se abriram para a participação na Igreja e suas práticas. Ambas as festas fazem parte do viver na comunidade, mas não podem proporcionar ao seu Chico o retorno às experiências passadas, às amizades e à sociabilidade. Então, embora participe do aspecto religioso de ambas, ajudando e indo nas missas, seu Chico raramente participa do aspecto social da festa. Isso porque entende esses locais como necessários para a concretude religiosa, mas não estão atrelados ao aspecto social e cultural.

A relação de seu Chico com o trabalho na lavoura é outro aspecto interessante. Embora reconheça o sofrimento que viveu ao trabalhar naquele sistema, como se pode ver nessa fala: *“ah é o...toda vida é o agora, né...Porque você veja uma coisa: a mudança, a bem... claro que é bom. Você já tem mais um pouquinho de liberdade na grana. Teu futuro já pode aproveitar melhor”*<sup>145</sup>, também fala do trabalho com certa saudade: *“Mas era o que eu estava falando pra vocês. Era sofrido, e na mesma hora era alegre. Você tinha as amizade boa, com tudo. Você passa o dia dando risada e contando história. Era muito bacana”*.

A relação com o passado, o trabalho e as relações oriundas dele, moveram o seu Chico a reconhecer que vive muito melhor hoje, mas, ao mesmo tempo, a olhar com saudosismo para a época em que vivia rodeado de vizinhos e amigos, quando todos compartilhavam os mesmos espaços, dificuldades e também as alegrias. A homogeneidade do sistema da lavoura fazia com que ele se sentisse membro do grupo. Hoje, com a pluralidade das relações sociais, seu Chico parece sentir-se isolado, entre dois mundos aos quais ele não se sente pertencente.

Ao falar sobre sua relação com a cidade, Francisco diz que só visita Ponta Grossa para comprar mantimentos, resolver questões bancárias e visitar as filhas e netos. Quanto perguntei sobre uma possível vontade de partir ele me responde: *“Ainda não. As meninas as vezes vem aqui, a Nilda...-Ah pai... vender tudo as criação e ir embora para lá. Não! A gente gosta da folia, né”*<sup>146</sup>, mesmo não tendo mais uma propriedade produtiva, seu Chico não se desliga de sua propriedade, onde tem seus peixes, cavalos e bois, com os quais pretende

---

<sup>144</sup> RIBEIRO, Francisco; RIBEIRO, Maria Clara. **Entrevista**. [jan.2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo mp3.

<sup>145</sup> Ibidem.

<sup>146</sup> Ibidem.



continuar “lidando”. Para seu Chico Itaiacoca é o seu lugar, pois todas as suas memórias e vivências estão lá. Sua terra significa mais do que apenas um pedaço de chão, ou o lugar de uma lavoura produtiva, mas é o lugar da sua vida. As palavras de Tuan descrevem bem esse sentimento:

O apego à terra do pequeno agricultor ou camponês é profundo. Conhecem a natureza porque ganham a vida com ela. Os trabalhadores franceses, quando seus corpos doem de cansaço, dizem que "seus ofícios formar parte deles". Para o trabalhador rural a natureza forma parte deles - e a beleza, como substância e processo da natureza pode-se dizer que a personifica. Este sentimento de fusão com a natureza não é simples metáfora. Os músculos e as cicatrizes testemunham a intimidade física do contato. A topofilia do agricultor está formada desta intimidade física, da dependência material e do fato de que a terra é um repositório de lembranças e mantém a esperança.<sup>147</sup>

O segundo casal entrevistado foi seu Pedro e dona Laura Santos, ambos com 74 anos. Seu Pedro é natural da Roça Velha, de família tradicional da comunidade, e dona Laura, de família também tradicional no distrito, nasceu na comunidade da Barra Preta. O casal morou em Itaiacoca até 1978, quando migrou para Ponta Grossa, onde seu Pedro instalou um bem-sucedido açougue, muito conhecido até os dias de hoje, na cidade. Em 2000, após se aposentar e entregar o açougue para os filhos, voltou para Itaiacoca, onde reside com sua esposa.

O trabalho na lavoura esteve presente na vida do casal desde a infância. Quando se casaram, em 1961, passaram a residir na Roça Velha com os sete filhos, vivendo do que produziam na propriedade da família. O comércio dos excedentes de feijão e milho, vendidos aos armazéns do distrito e de Ponta Grossa, era a maior fonte de renda para a família. Com a lavoura seu Pedro construiu um patrimônio considerável, vivendo de maneira confortável no distrito, até o fim da década de 1970.

As festas religiosas estavam no cotidiano do casal, que participava ativamente de várias dessas práticas. Ambos possuíam tradições festivas em suas famílias, sendo o seu Pedro ligado à festa de São Miguel e dona Laura à de Imaculada Conceição. As festas eram para eles espaços de sociabilidade, onde encontravam os parentes, amigos, compadres e também onde podiam namorar e se conhecer melhor. Entre as melhores lembranças sobre estes espaços, está o dia em que se conheceram e começaram a conversar.

Em 1978, seu Pedro recebeu uma proposta de negócio em Ponta Grossa, trocando parte de sua propriedade com um antigo morador do distrito, que havia migrado à área urbana, começando um pequeno negócio, e que agora decidira retornar para Itaiacoca. Com a saúde

---

<sup>147</sup> TUAN, Yi-Fu. Op. cit. p.111.

muito debilitada em razão de uma doença e, de acordo com dona Laura, com o intuito de levar os filhos para estudar, a família aceitou a proposta e mudou para a cidade.

daí daqui nós fomos pra Ponta Grossa, por causa dos estudos das crianças. Já tinha dois que tinha ido, mais velhos, que tinha ido antes de nós morar com a minha mãe, ficaram quatro anos lá estudando, daí como os outros tinham que ir também, daí não dava para ficar mandando tudo, daí nós fomos pra eles estudar. Daí ficamos no [bairro Jardim] Paraíso ficamos três meses e daí fomos para a Vilela, ficamos um ano na casa da minha mãe, dali nós fomos para a Ronda, abrimos um açougue, daí nós se mudamos da Ronda.<sup>148</sup>

A fala de dona Laura não se refere à dificuldade financeira ou mesmo para uma desvalorização do trabalho na lavoura, mas principalmente à educação dos filhos. Isso demonstra que, naquela ocasião, não havia perspectiva para que os filhos construíssem uma vida confortável no distrito, da maneira que eles haviam construído, sendo que a única saída era a busca por estudos e profissões na cidade, para que não sofressem com o trabalho pesado, típico do campo.

Quando se fixaram no bairro da Ronda, iniciaram um pequeno açougue que cresceu e se tornou um negócio de sucesso, garantindo uma boa vida para toda sua família. A família manteve a parte que sobrou da propriedade, ocupada por caseiros ou conhecidos, mas sempre revisitada como um espaço de lazer para eles.

Como Pedro e Laura, seus irmãos e irmãs também deixaram o distrito, migrando para a cidade, e com isso abandonando a tradição familiar das festas. O ex-lavrador contou que a organização da festa de sua família, foi levada para a capela da comunidade, passando a ser realizada pela Igreja: *“daí foi diminuindo, que nem, por exemplo, aqui a nossa aqui, a festa de São Miguel, que era na casa de papai, agora é feito ali na Igreja [Igreja da Roça Velha], que é amanhã [14-09-2014]”*<sup>149</sup>.

Para ele, isso foi a simplificação dessa prática

S. Pedro: Ai é aquilo...vem a modernização, e ai vem vindo, procurando simplificar as coisas, procurando ficar mais fácil.

D. Laura: O padre ajudou a fazer as igrejas aqui, ai o Frei Armando conversou com a comunidade para mudar as festas só na Igreja.<sup>150</sup>

Para esses itaiacocanos, esse movimento de transição da festa de casa para a Igreja estava ligado à modernização, que veio para “simplificar as coisas, ficar mais fácil”. Para eles, foi um movimento quase “natural”, que fazia parte do novo momento pelo qual a comunidade

<sup>148</sup> SANTOS, Laura Maciel; SANTOS, Pedro Ribeiro. **Entrevista**. [set.2014] Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo mp3.

<sup>149</sup> Ibidem.

<sup>150</sup> Ibidem.

vivia, com a modernização e aproximação com a cidade. O vínculo familiar e tradicional ficou para trás, frente a esses novos processos.

Quando seu Pedro fala das festas e do que lembra delas, são as relações sociais que mais aparecem: a convivência com os vizinhos e compadres.

Eu acho que uma das lembranças, que eu sempre ficava muito pra gente assim, que naquela época, a gente, as famílias, ia as vezes dois, três dias antes das festas lá e daí era feito almoço, dado almoço pro pessoal, hospedagem tudo feito em casa, davam almoço, então a gente tinha muita lembrança que a gente ficou isso, que a gente sempre fala, eu sempre conto isso pro filhos, que a gente ia tudo, a família inteira posar na casa, sempre era parente um do outro, compadre, quando não era parente era compadre.<sup>151</sup>

O que ele sente falta ao falar dessas práticas são as relações sociais, os laços de amizade e de solidariedade que essas estas proporcionavam, e que sua experiência como morador da área urbana o fizeram valorizar.

Após viverem 28 anos em Ponta Grossa, seu Pedro resolveu voltar para o distrito e sua propriedade transformou-se numa chácara de lazer, que ele e sua esposa escolheram para morar. Essa vontade de retornar estava intimamente ligada às experiências que tiveram nesse ambiente urbano, que condicionaram as formas pelas quais enxergavam a cidade e o distrito.

O retorno aparece como o elemento inerente à condição desses migrantes que, mesmo morando em Ponta Grossa, permaneciam vinculados a Itaiacoca. No caso de seu Pedro e dona Laura esse vínculo era direto, pois mantinham a casa e suas pequenas criações, sob o cuidado de terceiros. Para eles, a cidade era vista como provisória pois desde o momento em que partiram, já tinham planos para retornar.

No entanto, mesmo que esse retorno fosse almejado por seu Pedro e dona Laura, eles pareciam ter clareza que a Itaiacoca para qual estavam retornando havia passado por diversas transformações. Para se inserirem novamente nesse espaço, precisavam se integrar aos novos modos de vida. Eles se tornaram, então, membros ativos da Igreja da comunidade e de pastorais. Seu Pedro atuou alguns anos como líder comunitário, com alguns mandatos como presidente da assembleia do bairro.

Essa foi a forma encontrada por ambos para se reintegrar à comunidade, participando ativamente das atividades organizadas pela Igreja, festas, cultos e missas. Se antes as festas de santo eram o espaço de maior integração da comunidade, seu Pedro e dona Laura perceberam que agora era na Igreja que a população se concentrava.

---

<sup>151</sup> SANTOS, Laura Maciel; SANTOS, Pedro Ribeiro. **Entrevista**. [set.2014] Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo mp3.

Ao retornarem e perceberem que as festas já não eram mais os espaços de integração e do viver em Itaiacoca, passaram a procurar outros mecanismos. Embora essas estejam em suas memórias e experiências, seu Pedro tem clareza que não pode reviver esses espaços, e nem o elo tradicional parece reconecta-lo as festas ou procurar de alguma forma reviver suas experiências nesse espaço.

Francisco e Pedro têm perspectivas muito distintas da comunidade, a partir de seus contatos com o meio urbano e a forma como experimentaram as transformações da comunidade. Seu Francisco Ribeiro, por nunca ter saído de seu lar, não romantiza a sua vivência e seu trabalho, reconhecendo que o modo de vida da lavoura era muito sofrido, e avaliando que o seu presente é muito melhor do que o passado na lavoura. Quanto às festas, seu Chico parece ter clareza de que as de hoje não proporcionam a mesma experiência que ele tinha há décadas atrás, sabendo que essas são impossíveis de serem revividas, uma vez que o que gostaria de reviver era a sociabilidade que as festas proporcionavam.

Seu Pedro experimentou por quase trinta anos a urbanidade e esse distanciamento o levou a sentir a ausência do espaço rural, geográfico, social e cultural em que nasceu, e dessa forma almejasse um retorno. No entanto, ao retornar, com as experiências da urbanidade, seu Pedro já não se sentia mais compelido a plantar ou cuidar dos animais, vivendo de maneira diversa à que vivia, e buscando novas formas de se integrar a comunidade. A festa para seu Pedro não é eficaz em reconectar com a comunidade, e também não é mais expressão de sua religiosidade.

Para esses dois moradores as festas ficaram no passado, não são vistas como espaço de sociabilidade ou de religiosidade nas novas condições da comunidade. Também não são vistas como ferramentas de interação social, ou mesmo como formas de se integrar a comunidade. Esses dois parecem reconhecer que o espaço que viveram nas festas não podem ser revividos, não são mais os mesmos e por isso não participam ou não se sentem ligados as festas de hoje.

### **3.3. Os festeiros**

Entre as múltiplas formas e perspectivas pelas quais a festa pode ser experimentada, há se destacar as que estão relacionadas aos festeiros. Esses indivíduos que eram e são responsáveis pela realização das festas mantém, muitas vezes, experiências específicas em relação a essas práticas, principalmente no que diz respeito a suas identidades.

Nessa perspectiva discutirei as experiências de dois festeiros da Roça Velha, seu Afonso da Luz e Dona Maria da Luz Ribeiro. Esses dois indivíduos têm suas histórias de vida entrelaçadas às festas, mas as vivenciaram e experimentam de maneira muito distinta.

Dona Maria da Luz, viúva, 72 anos de idade, nasceu e viveu em Itaiacoca até o início da década de 1990. Desde a infância, trabalhou na agricultura e na pecuária, primeiramente ao lado dos pais e irmãos, e mais tarde ao lado do marido e dos filhos. O trabalho na agricultura e na pecuária permeou boa parte da vida de Dona Maria, que ao lado da família cuidava da propriedade, tirando todo o custeio da casa das lavouras e criações. Dona Maria reconheceu a dificuldade desse modo de vida, cujo cotidiano se dava em relação às atividades agrícolas, das épocas de plantio e colheita, uma vez que o trabalho e a vida no campo mantinham uma relação muito estreita.

Logo, a narrativa de dona Maria passou a tratar das festas de São Miguel, inicialmente realizadas por seus avós e, mais tarde, por seus pais. Sua família construiu na propriedade uma capela dedicada ao santo, que inclusive serviu provisoriamente para a realização dos sacramentos, quando da chegada dos primeiros padres à comunidade. Era nesse espaço que se davam as festas. Dona Maria da Luz disse sentir muita falta desse espaço, reconhecendo que hoje as práticas não são como eram antigamente.

Aii a gente tem saudade!!Meu deus do céu!!!Tinha leilão de prenda, é, assim das pessoas, das conversas, das pessoas que a gente se reunia bastante, as pessoas assim conversava bastante, e as comida, que a gente se reunia as mulherada para fazer a comida, nossa como era divertido!!<sup>152</sup>

Com a morte do patriarca da família de dona Maria, a festa foi deixada para os filhos, e dentro da família houve movimentos diferentes. Alguns filhos concordaram em levar a festa para dentro da Igreja, realizando a festa de São Miguel na capela da comunidade. No entanto, Dona Da Luz e seu irmão, Manuel, decidiram continuar realizando a festa em casa, em respeito a promessa do pai.

nós fazia a festa de São Miguel, dia 29 de setembro, o meu pai que fazia daí depois nós fazia assim com almoço, dava almoço para o pessoal, daí tirava procissão tudo, daí...daí depois os pais morreram daí ficamos nós a família fazendo, daí nos trocava assim, só que daí, eu e o meu irmão que mora, que é onde é o sitio que eu tenho agora, e esse irmão meu que mora de divisa de certa comigo lá, que é o Manuel, essa daí nós ficamos parece uns dez anos de nós fazer a reza de São Miguel assim um ano eu fazia outro ano ele fazia, outro eu fazia outro ano ele fazia, daí depois ele ficou doente daí ele largou mas estamos continuando, continuando até agora, estamos continuando até agora...<sup>153</sup>

---

<sup>152</sup> RIBEIRO, Maria da Luz. **Entrevista**. [jan. 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo mp3.

<sup>153</sup> *Ibidem*.

Ao contrário de seu irmão, seu Pedro Santos, o qual apresentei do tópico acima, dona Maria da Luz parece estar muito ligada à essa tradição familiar. Segundo ela, faz “*por devoção, enquanto eu for viva quero continuar fazendo, que foi uma herança dos meus pais, deixaram essa religião para gente, então a gente quer continuar, e eu sempre falo para os meus filhos – olha, nem que eu vá, mas eu quero que um de vocês assuma, continue fazendo*”.<sup>154</sup> Essa devoção faz com que ela, que migrou para Ponta Grossa em 1990 para cuidar da saúde do esposo, continuasse indo até a comunidade anualmente para realizar a festa.

Mesmo que dona Maria procure fazer a festa dentro das tradições antigas, com procissão e almoço, reconhece que suas festas tomaram uma proporção familiar, uma vez que a comunidade quase não participa de seus eventos. Ela tenta explicar essa ausência de pessoas

Não essa nossa não vai muita gente não, não sei se porque agora daí muita gente já não é da mesma religião ali no Itaiacoca tem bastante gente de outra religião, daí já não vai. Agora ali na da comunidade sempre vai bastante, na nossa que é particular não vai muita gente.<sup>155</sup>

Nesse trecho, dona Maria reconheceu que na festa realizada pela Igreja a participação da comunidade é expressiva. O fato de a população participar dessas e deixar de estar presente nas festas de santo demonstra o processo que a comunidade vive atualmente. A capela se tornou o lugar de reunião e integração, e as festas perderam o status que tinham frente aos novos espaços frequentados pela comunidade.

Para dona Maria da Luz esse fato não importa, pois a festa faz parte do que ela é, representa o vínculo que ela quer manter com a cultura e a tradição itaiacocana e é por isso que ela continua a realizá-la. Para ela, essas práticas funcionam como elo que a liga a esse espaço e às experiências passadas, mesmo na impossibilidade de reviver o que passou.

Eu acho muito melhor lá na Itaiacoca, porque aqui a vida é muito corrida!!Meu deus do céu!!É muito agitada! Eu não vejo a hora quando eu vou para lá, parece que eu vou lá eu me descanso a minha cabeça assim porque a gente tem muito, muito barulho[...] Eu gosto de andar pros matos, gosto de andar pela estrada, eu vou pra lá eu mexo aqueles matos[...] como eu sinto falta!!!De criar uma galinhinha...Aqui não tem espaço, nem as plantinha, eu faço mudinha de verdura nos quadrinho para gente ter uma verdurinha mais saudável, mas não tem muita gente de fazer, não é que nem lá a vontade...<sup>156</sup>

Como lhe foi vedada a chance de voltar a plantar e a viver no espaço da comunidade, dona Maria da Luz encontra na festa o elo que ainda a faz pertencer a essa cultura e a tradição

---

<sup>154</sup> RIBEIRO, Maria da Luz. **Entrevista**. [jan. 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo mp3.

<sup>155</sup> Ibidem.

<sup>156</sup> Ibidem.

dos itaiacocanos. Como migrante dona Maria também almeja um retorno, as experiências que viveu e rememora no seu presente.

O outro festeiro é seu Afonso Lopes da Luz, conhecido por todos como seu Neno. Com 82 anos vive há mais de cinquenta com dona Virgínia, sua esposa e companheira de festa. É um itaiacocano muito conhecido no distrito e, assim como sua esposa, um bom interlocutor. É também gaiteiro e trovador, além de anfitrião de renome.

Seu Neno e dona Virginia viveram sempre em Roça Velha, migrando há apenas dois anos para Ponta Grossa, obrigados pela insistência dos filhos. No entanto, sua família mantém a propriedade no distrito, tendo contratado caseiros para cuidar da casa e continuar plantando pequenas roças, pois após ter sofrido um AVC, seu Neno não pode mais trabalhar como gostaria.

O entrevistado, vivendo por tantos anos na comunidade, experimentou os diversos processos pelos quais o distrito foi passando ao longo das décadas e, para sobreviver, precisou se adaptar, buscando as mais diferentes estratégias para manter seu modo de vida.

Durante muitos anos, seu Neno viveu apenas da lavoura e da criação de porcos, trabalhando com o comércio no distrito e também em Ponta Grossa, vendendo a produção para comprar outros produtos. Ele também cantava em bailes, como gaiteiro e trovador, para ajudar nas despesas de casa.

Em meados da década de 1970, não conseguindo investir em suas lavouras, começou a trabalhar com financiamentos bancários. Passou anos trabalhando com o banco, e parou quando as taxas de juros se mostraram muito altas para lhe dar lucros. Também trabalhou em conjunto com as empresas de reflorestamento de pinus, vendendo parte de suas terras e também plantando madeira para vender para as mesmas.

Neno: Lá o problema nosso lá é que trabalhava assim plantava milho e feijão e vendia para comprar o mantimento aqui da cidade, que nós não plantava né, o que nós plantava era arroz, feijão e milho, batatinha, batata doce...

Virginia: Porco a gente também engordava, tinha banha crioula, não era azeite...

Neno: Dai tinha os porcos crioulo também que a gente engordava para comer né, tudo crioulo lá do mato lá e daí minha vida também eu lidei muito com Banco do Brasil, eu lidei 12 anos com o banco, fazendo empréstimo para a lavoura né, então fazia empréstimo por ano daí chegava no fim do ano eu pagava aquele ano no outro ano pegava de novo para fazer as roças né, fazia a base de cinco alqueires todo ano de roça, milho e feijão [...] Eu trabalhei também com pinus, fiz empreita de pinus, plantei e cortei pinheiro para vender, tudo para ajudar na...e...tocava baile no...tocava gaita nos bailes para ganhar dinheiro (risos)...ah! tenho até hoje a gaita tá com 55 anos, mas né, a gaita que eu tenho, comprei lá...<sup>157</sup>

---

<sup>157</sup> LUZ, Afonso Lopes da; Luz, Virginia. **Entrevista**. [jan. 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo mp3.

A história de suas festas e dessa tradição fazem parte de sua história de vida, e seu Neno se orgulha de realizá-las há 65 anos ininterruptos.

e a reza também quando meu pai morreu eu fiquei fazendo a reza, 65 anos que eu faço a festa, ele morreu quando tinha 17 eu estou com 82, 83 já vai ser agora, e daí fazia com café assim dava café com pão para o povo, depois foi dando almoço como carne de porco assim, e agora eu estou continuando fazendo com churrasco dado para o povo também, e tudo esse tempo fazia a festa todo ano nunca falhei sem fazer um ano a reza, já faz 65 anos que estou fazendo [...] isso foi do tempo do pai dele ainda, de geração né, que tinha do Senhor Divino né, porque o pai dele tinha daí morreu passou para ele daí depois que meu pai daí ele continuou fazendo a festa, tudo a vida, daí passou para mim daí que estou fazendo até agora depois que meu pai morreu nunca mais parei, nunca falhei de fazer...<sup>158</sup>

Para seu Neno essa tradição familiar significa muito, “*é que era a religião de meu pai né daí quando ele foi, antes de morrer ele falou para mim que queria que continuasse com a reza, não era para parar, ele pediu...*”<sup>159</sup>, a ponto de este ter tido um pequeno atrito com o frei responsável pela região, quando esse pediu que seu Neno levasse sua festa para a capela.<sup>160</sup> No trecho abaixo seu Neno conta como foi esse processo, e mostra como, segundo ele, a Igreja tentou fazer uma festa no mesmo dia em que a sua. A tentativa do frei foi frustrada, pois, ao perceberem que a comunidade participava mais da festa de seu Neno, a Igreja trocou o dia do seu evento. Seu Neno atribuía essa participação da comunidade ao fato de sua festa oferecer alimentação grátis, ao contrário da capela.

Ele foi na minha casa lá em baixo no outro terreno, Frei Jacinto, daí ele foi lá, eu digo não a minha reza não sai da minha casa porque meu pai me deixou pra fazer a festa lá e eu, já tinha feito a igreja, fiz a igreja já lá, não é para padre, pro povo né, festa, e se quiserem, eu faço no dia certo a reza, dia de Pentecostes, aí eu disse vocês querem fazer o de vocês na igreja lá pode fazerem eu faço a minha aqui, mesma coisa que eu não, que meu interesse não é no povo para ganhar dinheiro, o meu é pela religião né, daí eles fizeram um ano...Inventaram de fazer e ninguém foi lá né, vieram tudo na minha pois é...no mesmo dia, ele experimentou fazer no mesmo dia né, daí fez e não foi ninguém lá pois o povo, eu dava carne dado, um churrasco dado, lá era tudo vendido, então daí eles pararam daí, agora eles fazem lá na igreja, mas fazem mudada o dia, não fazem no dia da festa, e eu faço a minha no dia certo.<sup>161</sup>

No entanto, se para ele era importante que as festas continuassem em sua propriedade, permitindo que se pudesse continuar a tradição familiar, como católico também era imprescindível que tivesse o apoio da Igreja, sendo reconhecido como uma prática

<sup>158</sup> LUZ, Afonso Lopes da; Luz, Virginia. **Entrevista**. [jan. 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo mp3.

<sup>159</sup> Ibidem.

<sup>160</sup> Seu Neno não se recorda exatamente em que ano esse fato ocorreu, ao citar Frei Jacinto, que é uma figura recorrente nas narrativas de outros entrevistados, e também dos Livro Tombo, é provável que esta tensão tenha ocorrido entre as década de 1960 e 1970, período em que o frei viajava frequente até as comunidades e que a Igreja começou a solicitar a mudança das festas.

<sup>161</sup> LUZ, Afonso Lopes da; Luz, Virginia. **Entrevista**. [jan. 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo mp3.



legítima. Essa validação veio com Frei Atílio, que segundo ele, visitou sua capela e conversou a respeito de suas festas.

Depois, depois foi um padre lá em casa, daí ele foi lá e perguntou para mim, passado ano já...perguntou para mim se, como que era a reza, eu contei, daí digo – Mas pois é foi um padre lá em casa, na outra casa que eu morava lá embaixo, dizia para mim mudar a festa na igreja que eu não podia fazer a festa aqui porque tinha igreja ali – , daí ele disse: – Não, tá errado você tem que fazer, se você tá na sua casa pode continuar com a reza, as reza mais certa é as de casa, se ficou a religião para você fazer na casa, pode fazer, não tem nada com a igreja, a igreja pode fazer a dela e você cuide da tua, da tua religião na casa – Se ele falou para você, digo pois eles vieram aqui para mim mudar a minha pra lá, daí eu disse que não mudava porque era de meu pai deixou pra mim fazer na casa e vou fazer enquanto eu for vivo vou fazer lá mesmo, ele disse: – Não, não mude, assim se tudo mundo que tinha reza aí tivesse continuado fazendo nas casas, que essa é uma religião bonita fazer nas casa também –. Daí o padre ficou admirado, mas o senhor mata um boi tudo, eu matava boi todo ano, agora estou comprando carne pronta já...daí contei para ele, para o padre, então ele disse: – Mas o senhor tá fazendo uma penitência muito grande, porque dar de comer o povo é uma grande coisa, uma carne aí não é tudo mesmo que pode comprar como você tá contando, vai numa festa numa igreja ai tem gente que já nem vai porque não tem dinheiro e outros quando vai passa vontade lá não dão –, digo lá em casa tem a vontade a carne o dia inteiro corre lá come a vontade não fica ninguém, daí que ele me disse para continuar e quem tiver festa deste tipo pode continuar....<sup>162</sup>

Neste trecho percebe-se que a legitimação de que sua prática é tão válida quanto a da Igreja, e a autorização para que pudesse continuar fazendo sua festa sem ofender a Igreja, foi importante para o seu Neno, enquanto católico. Ele precisava de uma justificativa para continuar com suas práticas, mesmo que a Igreja tivesse solicitado a mudança.

No que diz respeito à festa, precisou-se adaptar às novas realidades da comunidade para que continuasse acontecendo da maneira que seu Neno gostaria que acontecesse. O festeiro lembrou que, na época em as festas eram práticas recorrentes na comunidade e todos os moradores participavam.

Sempre ia, sempre tinha, porque era o bairro né, agora que não vai mais, extraviou o povo...pessoas ficam em outro sistema, não é mais como era antigamente, dava graça quando chegava uma festa pra ir lá ver, divertir com o povo, ver, conversar e tirar prenda, era bonito as festinhas antigamente...lá que era lugar de achar as namoradas, porque outra coisa não tinha divertimento naquele tempo, só os baile de puxirão, o mais era as festinha daí. <sup>163</sup>

Vendo que a comunidade já não participava de suas festas e que as demandas eram outras, seu Neno procurou modificar alguns aspectos e direcioná-las para outro público, principalmente de moradores de Ponta Grossa e antigos moradores do distrito, que agora também viviam em Ponta Grossa. Para isso os filhos de seu Afonso, passaram a organizar

<sup>162</sup> LUZ, Afonso Lopes da; Luz, Virginia. **Entrevista**. [jan. 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo mp3.

<sup>163</sup>Ibidem.

excursões, convidando diferentes grupos de pessoas na cidade, e transformando a festa em uma atração turística, que atrai pessoas de diversas partes da cidade. A participação da comunidade agora é mínima, se restringindo, muitas vezes, à participação apenas no ajutório (e não na festa).

Essa mudança no foco da festa demonstra as estratégias que seu Neno buscou para continuar com sua tradição, e permanecer com a festa nos contornos que lembrava, com muitas pessoas, danças e divertimento. Diz que não vê mudança nas práticas de suas festas, que elas são as mesmas de quando começou, mas reconhece que há mais pessoas da cidade do que do campo, e que as pessoas de lá estão vivendo um outro sistema, que já não inclui estas festas dentro do modo de viver.

Para ele a festa é mais do que as experiências que ele viveu e vive, ela representa quem ele é, como se define e como é reconhecido pelos outros. A festa transpassa a esfera do viver, do experimentar e entra na esfera do “ser”. Para ele a festa é o que ele é, e está ligada intimamente a forma como ele se identifica. A permanência dessa tradição também parece a busca pelo retorno aquele antigo sistema de vida, que não sendo possível retornar, encontra nas festas uma válvula de escape.

Além da busca pelo retorno ao sistema, ao modo de vida e às experiências que ele viveu no espaço das festas, há dois anos seu Neno também experimenta a migração e, com isso, a busca por um retorno ao seu lar. Ele conta que não tinha planos de vir para Ponta Grossa, e procurou ao máximo adiar a vontade dos filhos, muitas vezes os enganando para poder continuar vivendo em Itaiacoca.

Nesse sentido, a festa também simboliza o retorno ao lar, período em que ele pode ficar mais tempo em sua antiga casa no distrito, cuidando de suas coisas. A festa se tornou o momento em que ele pode voltar para casa, o elo de ligação entre ele e o distrito, e a vontade de retornar e voltar para morar.

Essa ligação com a “religião de seus antepassados” está presente nas narrativas de muitos entrevistados. O vínculo com a tradição se transforma para muitos em uma forma de se manter ligado também à identidade de itaiacocano e ao distrito. Uma maneira de não se desligar por completo de todas as experiências vividas nesses espaços e no distrito. Para esses dois festeiros, a festa é isso, o vínculo com as memórias e experiências do passado, com o modo de vida que não pode ser recuperado e as experiências que não podem ser revividas. É a tentativa de reaver aquilo que hoje lhes faz falta.

As experiências de cada um desses indivíduos foi específica, de acordo suas trajetórias de vida e também das formas pelas quais se relacionaram a todos os processos que

chegaram a suas moradas. E os processos chegaram, e foram muitos: a industrialização da lavoura afetou profundamente o modo que esses itaiacocanos produziam e sustentavam suas propriedades agrícolas. A industrialização do distrito também foi crucial para as transformações em algumas famílias, as minas de calcário e o reflorestamento viraram para alguns um novo modo de viver e trabalhar.

A migração foi e ainda é experimentada por muitos moradores do distrito. O contato com a cidade, a perda das raízes e do lugar de origem, deixou marcas nesses indivíduos, principalmente questões identitárias e de pertencimento. A condição de migrante parece estabelecer a forma como esses indivíduos se relacionam ao distrito, a vontade de retornar, a impossibilidade de se manter no distrito, e também as dificuldades de morar no centro urbano e se adaptar à nova condição de vida e a uma nova profissão, parece afetar muito as memórias desses indivíduos.

E embora o trabalho na lavoura esteja distante alguns indivíduos não abandonam essa práticas, seja como passatempo ou atividade de lazer: continuam fazendo pequenas hortas, cuidando da terra e de hortaliças. Em muitas casas que visitei, principalmente entre os migrantes, havia lotes e quintais repletos de verde de pequenos cultivos, desde hortaliças até mesmo mandioca, milho e árvores frutíferas.

A urbanização do meio rural também afetou o modo de vida dos itaiacocanos que permaneceram nas comunidades, a chegada de avanços, como a luz elétrica, o transporte coletivo, as escolas, postos de saúde e agora também o telefone fixo e celular, fizeram com que o distrito se tornasse mais próximo da cidade, não apenas em questões geográficas, mas também em relação a cultura e ao modo de vida.

Os ambientes sociais, de trabalho e a dinâmica das comunidades mudaram. Também houve a inclusão de novos moradores das áreas urbanas que passaram a ter chácaras de lazer na região. Esses novos moradores passaram a trazer demandas diferentes para a comunidade, ao olharem para o campo de outro modo.

Quanto as festas de santo, penso que durante o período em que eram mais frequentes e comuns a rotina dos itaiacocanos, eram os espaços de expressão religiosa e principalmente, de maior integração social e cultural. Faziam parte do viver e ser itaiacocano, e estar incluso nessas práticas e costumes representava também pertencer a cultura do itaiacocano.

Em meio a tantos processos a festa, sendo uma prática dinâmica e feita por atores sociais, também passou a se transformar, tanto em suas formas e rituais, como nas maneiras pelas quais passaram a ser representadas e significadas.

O objetivo principal dessa pesquisa era justamente perceber de que formas essas festas foram significadas e que papéis tiveram na construção das identidades desses indivíduos. Ao estudar as entrevistas e as histórias desses sujeitos, percebi que a forma pela qual significam as festas diz muito a respeito de seu presente, e da forma como estão ligados ao distrito.

Em meio a diferentes trajetórias percebi que a ligação com o distrito permanece em todos os entrevistados, em graus e formas diferentes, esses sujeitos se sentem pertencentes a cultura itaiacocana. A vontade de retornar ao distrito ou a busca por um retorno ao lugar social que se viveu também parece integrar o presente de cada um dos entrevistados, que buscam de maneiras diferentes uma reaproximação ao modo vida que vivenciaram.

Para alguns, a festa é essa ferramenta de aproximação, que representa a reafirmação da identidade, uma reintegração à comunidade e também um reviver de tradições e costumes. A festa se torna o elo de ligação entre esses sujeitos, Itaiacoca e a cultura do itaiacocano. No entanto, para outros, embora as festas sejam reconhecidas como partes importantes daquele modo de vida, ficaram restritas ao passado, junto com um conjunto de relações sociais e culturais que não mais podem ser revividos, em meio a tantas transformações

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Creio que todo pesquisador, ao começar uma pesquisa não tenha ideia de que maneira vai concluir sua caminhada. Quando comecei a estudar essa temática, não fazia ideia da complexidade e da pluralidade de perspectivas com que iria me deparar. Houve momentos em que eu, com meus 1,55 m de altura, tinha certeza que afundaria nas tramas e emaranhados dos processos estudados.

Participar do processo de rememoração desses indivíduos, nas entrevistas, foi ao mesmo tempo maravilhoso e assustador. Enquanto descobria e conhecia Itaiacoca e seus atores sociais, percebia que estava navegando para um mar de possibilidades infinitas, e que precisaria de um farol para me guiar, ou então ficaria nadando a esmo, sem chegar a lugar nenhum. Ouso dizer que encontrei esse farol, e com ele atingi os objetivos propostos no início dessa longa jornada.

Uma das primeiras questões desse trabalho, como sempre me lembrava a minha querida orientadora, foi dar voz àqueles que normalmente não são ouvidos. Aqueles que ficam a margem das grandes histórias e dos grandes atos. As pessoas comuns, que se constroem nas tramas das grandes estruturas. Essa vontade movimentou minha pesquisa: dar voz àqueles que me são caros. Contar as histórias e as vivências daqueles que nunca tinham sido ouvidos, sobre como construíram suas vidas.

Essa também foi uma das razões pela qual houve tanto empenho em meio às tantas adversidades que surgiram (e foram muitas), para que este trabalho fosse realizado. E para que fosse o mais delicado possível, com as memórias dos meus entrevistados, retribuindo todo o respeito e carinho que me foram oferecidos em cada encontro e em cada conversa.

Apresentar Itaiacoca em sua complexidade e os múltiplos processos que ocorreram ao longo das décadas foi uma das diretrizes dessa pesquisa. O distrito se mostrou plural em muitos aspectos. A relação com a urbanidade e a industrialização deu outras características ao rural, me fazendo perceber que o rural tem que ser visto através dessa pluralidade, e dos contornos que tomou diante dessa relação. Esse espaço não pode mais ser definido em oposição ao urbano, já que, em alguns aspectos, esta diferença não existe, sendo o bairro semelhante a qualquer bairro urbano. O rural, dessa forma, tem que ser visto nas especificidades de sua construção.

A noção de pluriatividade faz parte do Itaiacoca hoje, o trabalho agrícola não define mais os moradores, que agora têm trabalhos diversos e uma perspectiva profissional mais

ligada ao desenvolvimento industrial do distrito. A pluriatividade tem que ser reconhecida não com um abandono ao campo e um ganho da urbanização, mas como estratégias desses moradores, para se manterem em suas propriedades e vivendo em um modo de vida semelhante ao que sempre se viveu.

Entender o processo de migração de muitos itaiacocanos para Ponta Grossa também se mostrou uma etapa importante deste trabalho. Perceber como esses indivíduos experimentaram a cidade e como foram construindo e reconstruindo suas identidades a partir do deslocamento, se tornou importante para perceber a relação destes sujeitos com Itaiacoca e com as festas.

Entre os migrantes, pude perceber como o retorno ou a busca por ele, aparece no cotidiano dessas pessoas, que buscam diferentes formas de voltar ao seu lugar de origem: geográfico, social ou culturalmente falando. No caso desses itaiacocanos, as experiências que tiveram no passado parecem ser rememoradas de uma maneira diferente, quando olham para o passado com grande saudosismo, buscando formas de reviver as experiências.

Nesse sentido as festas, tanto as de santo, quanto as organizadas pela capela da comunidade, servem como mecanismos para esse retorno. São espaços usados por esses migrantes para reviver experiências, e mesmo se reconectar ao distrito e à comunidade a que pertenciam.

Entre os moradores, a percepção de que a comunidade passou por diversas transformações, e que não é mais a mesma, faz com que percebam que as experiências proporcionadas pelas festas hoje, também não são as mesmas que eram. As relações sociais são diferentes e, inclusive, os grupos de pessoas participantes são distintos.

O que muitos dos moradores buscam nas festas, agora, é o retorno às relações sociais que tinham no passado, mesmo sabendo que não podem ser experimentadas de novo. Esses espaços não significam as mesmas coisas para os mais jovens, e para os mais velhos eles já não têm o mesmo significado, também. Não fazem mais parte de sua sociabilidade ou de sua relação com a religiosidade.

Hoje, as festas da capela da comunidade atraem os moradores mais jovens, principalmente por sua identidade religiosa, construída principalmente em torno da Igreja Católica. A sociabilização já não é o fator principal das festas, pois a maioria dessas pessoas frequenta outros espaços, inclusive na cidade. A relação com as festas da capela, não é mais o de uma tradição familiar ou cultural, a universalização dessas práticas dentro da Igreja faz que sua identificação seja o mesmo tipo de identificação que as paróquias urbanas, e fazem parte da religiosidade de seus participantes.

As múltiplas formas pelas quais cada indivíduo se relacionou e ainda se relaciona com as festas estão ligadas às formas pelas quais esses indivíduos se construíram frente aos diferentes processos, seja a migração ou a própria industrialização da comunidade. As maneiras como rememoram as suas experiências estão condicionadas ao presente desses indivíduos, bem como à perspectiva do seu futuro, especialmente naqueles que almejam um retorno para Itaiacoca.

A memória foi também uma das bases deste trabalho, sendo entendida como um processo em constante reconstrução, que faz parte da constituição do indivíduo. Utilizar as memórias e experiências como fontes de pesquisa, se mostrou o maior desafio dessa pesquisa. Adentrar no território da história oral foi desbravar o desconhecido.

Trabalhar com a história oral foi sem dúvida a parte mais difícil dessa pesquisa, pois embora soubesse o que não deveria fazer, não conseguia formular o que deveria ser feito para concretizar a pesquisa e também valorizar minhas fontes. Embora muitas leituras tenham sido feitas, o caminho para seguir no contexto da minha pesquisa só de mostrou nos últimos momentos do trabalho, e na constante ligação entre as fontes e as ferramentas teóricas, me mostrando o que já sabia, apenas nesse “fazer-se” é que conseguiria compreender minha pesquisa e concretizá-la.

Ainda que as histórias destes entrevistados tenham sido as principais fontes dessa pesquisa, sempre tive em mente que essas fontes são pessoas, atores sociais, que tem vida, sentimentos e são sujeitos ativos em suas trajetórias. E que por isso meu cuidado ao trabalhar com suas narrativas deveria ser ainda mais cuidadoso e respeitoso, com aqueles que tão gentilmente cederam suas histórias para que essa pesquisa pudesse ser realizada.

Embora singulares, percebi que as experiências desses sujeitos estão dentro de um campo de possibilidades, socialmente partilhado, que apontam para a direção de uma identidade relativamente compartilhada.

Essa pesquisa também atingiu um objetivo ainda menos esperado para esta pesquisadora: no momento em que passei a fazer as entrevistas e ouvir as trajetórias de vida, passei a me conhecer melhor, a perceber similaridades e uma identidade comum. Descobri fatos sobre minha história e trajetória de vida, histórias sobre pessoas queridas e também sobre desconhecidos.

Após todo esse processo, no qual a princípio me considerava neutra, por não ter uma identificação maior com o distrito em que nasci, passei a me sentir, mais do que nunca, integrante dessa comunidade, da cultura itaiacocana e de tudo que herdei nas memórias que ouvi e experimentei.

Conhecer a trajetória de outros, nos faz refletir sobre nossas próprias trajetórias, nossas memórias e também sobre nossas identidades. Ao final dessa pesquisa, me atrevo a dizer que me sinto uma itaiacocana, do que jamais pensei que me sentiria.



## 5. FONTES ORAIS

CONSTANTE, Domingas Maciel. **Entrevista.** [jan. 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo mp3.

LUZ, Afonso Lopes da; Luz, Virginia. **Entrevista.** [jan. 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo mp3.

LUZ, José Maria da. **Entrevista.** [jul.2014] Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo mp3.

MACIEL, José Silvestre. **Entrevista.** [mai.2015]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2015. 1 arquivo mp3.

RIBEIRO, Francisco; RIBEIRO, Maria Clara. **Entrevista.** [jan.2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo mp3.

RIBEIRO, Maria da Luz. **Entrevista.** [jan. 2016]. Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2016. 1 arquivo mp3.

SANTOS, Laura Maciel; SANTOS, Pedro Ribeiro. **Entrevista.** [set.2014] Entrevistadores: Angélica Nobre da Luz e Matheus Koslosky. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo mp3.

## 6. FONTES AUXILIARES

Chico Ferreira Reeleito. **Ultima Hora**. Curitiba, 10 de outubro de 1963. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/cache/20507006235516/I0018139-2Alt=001960Lar=001356LargOri=004312AltOri=006233.JPG>>. Acesso em: agosto de 2015.

Governo Provincial – Expediente da presidência do mês de Novembro. **Gazeta Paranaense**. Curitiba, 29 de novembro de 1885. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/cache/2285401627095/I0000920-2Alt=002242Lar=001356LargOri=004216AltOri=006971.JPG>>. Acesso em: agosto de 2015.

Itaiacoca abandonada pela prefeitura de Ponta Grossa. **Última Hora**. Curitiba, 23 de junho de 1963. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/cache/20507006235516/I0017280-2Alt=001921Lar=001356LargOri=004372AltOri=006194.JPG>>. Acesso em: agosto de 2015.

LANDES, G. A. Faltam provas. **Gazeta Paranaense**. Curitiba, 03 de junho de 1887. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/cache/2699605139902/I0001511-2Alt=002119Lar=001356LargOri=004902AltOri=007660.JPG>>. Acesso em: agosto de 2015.

**LIVRO TOMBO I da Paróquia do Senhor Bom Jesus**, Itaiacoca. Ponta Grossa – PR. 06 de fevereiro de 1966 – 13 de dezembro de 1987.

Motivos de ordem jurídica. **Correio do Paraná**. Curitiba, 05 de março de 1961. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/cache/575101857095/I0023121-2Alt=002016Lar=001356LargOri=004159AltOri=006181.JPG>>. Acesso em: agosto de 2015.

Pêrola, Angelo. Itayacoca. **Dezenove de Dezembro**, Curitiba, 28 de maio de 1887. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/cache/1735809387048/I0014970-2Alt=001907Lar=001356LargOri=004316AltOri=006071.JPG>>. Acesso em: agosto de 2015.

Ponta Grossa: Imposto para mineradores. **Ultima Hora**. Curitiba, 17 de dezembro de 1963. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/cache/20507006235516/I0018665-2Alt=001289Lar=001356LargOri=007432AltOri=007064.JPG>>. Acesso em: agosto de 2015.

Rodovia dos minérios: Obras em PG. **Diário do Paraná**. Curitiba, 20 de fevereiro de 1974. Disponível em: <[memoria.bn.br](http://memoria.bn.br)>. Acesso em: agosto de 2015.

Talco no Distrito de Itaiacoca considerado o melhor da América. **Ultima Hora**. Curitiba, 15 de setembro de 1962. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/cache/20507006235516/I0014967-2Alt=001950Lar=001356LargOri=004281AltOri=006157.JPG>>. Acesso em: agosto de 2015.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Martha. Cultua popular: um conceito e várias histórias. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.). **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa Palavra, 2003, p. 83 – 102.

ALBUQUERQUE JÚNIOR. Durval Muniz de. Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar. **Patrimônio e Memória**. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.7, n.1, jun. 2011, p. 134-150.

ANDRADE, Solange Ramos de. A Igreja Católica no Brasil após o Concílio Vaticano II. In: **O catolicismo Popular na Revista Eclesiástica Brasileira (1963 -1980)**. Maringá: Eduem, 2012.

ANDRADE, Solange Ramos de; VIANA, Roberto dos Santos. Manipulações populares do catolicismo em Maringá: o culto ao “santo” Lô. II ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES. 2009, Maringá. **Anais...Maringá: Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH**, 2009.

CANDAU, Joël. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Revista Memória em Rede**. Pelotas, vol.1, n.1, p. 43-58, dez/2009-mar/2010.

CARMO. Renato Miguel do. A construção sociológica do espaço rural: da oposição à apropriação. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 11, n.21, p. 252- 280, jan./jun. 2009.

CARVALHO, André Luis Piva de. Festa e Identidade Social. In: II COLÓQUIO FESTAS E SOCIABILIDADES, 2008, **Anais Eletrônicos**, 2008.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.

DITZEL. Carmencita de Holleben Mello. **Manifestações autoritárias - O integralismo nos Campos Gerais (1932 – 1955)**. 2004. Tese (Doutorado em História). 2004. 297 p. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

DUARTE. Aline do Nascimento. **A preservação da identidade sociocultural por meio de práticas discursivo-religiosas em contexto rurais**. 2008. 200 p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

FAZITO, Dimitri. Análise de redes sociais e migração. Dois aspectos fundamentais do “retorno”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, n. 72, p. 90 – 100, fev. 2010.

FAZITO, Dimitri. Dois aspectos fundamentais do “retorno”: símbolos e topologias dos processos de migração e sua circularidade. IN: Encontro Nacional Sobre Migrações, 4, 2005, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: CELEPAR, 2005, p. 1-16. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/4EncNacSobreMigracao/ST4-1.pdf>>. Acesso em: janeiro de 2016.

GONÇALVES. Maria Aparecida Cezar. **Estudo demográfico da Paróquia de Nossa Senhora Sant’Ana de Ponta Grossa. 1823 -1879**. Dissertação (Mestrado em História). 1979. 238 p. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1979.

LAVORATTI, Cleide. **Agricultura familiar: estratégias de reprodução social numa comunidade rural -estudo de caso em Itaiacoca-PR**; 1998; Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1998.

LIBÂNIO, João Batista. Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento. **Cadernos Teologia Pública**. Instituto Humanitas Unisinos, n.16, 2005.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. Cultura popular: um contínuo refazer de práticas e representações. IN: PATRIOTRA, Rosângela; RAMOS, Alcides Ferreira. **História e Cultura: espaços plurais**. Uberlândia: Aspectus, 2002, p.335 – 345. *Apud*. DUARTE, Aline do Nascimento. **A preservação da identidade sociocultural por meio de práticas discursivo-religiosas em contextos rurais**. 2008. 200 p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

MARCHI, Euclides. O mito do Brasil Católico: Dom Sebastião Leme e os contrapostos de um discurso. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 28, pp. 55 – 75, 1998.

MARIN. Jérri Roberto. História e Historiografia da romanização: reflexões provisórias. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, UFSC, n. 30, pp. 149 – 169, outubro de 2001.

MARONDOLA JR., Eduardo; Dal Gallo, Priscila Marchiori. Ser migrante: implicações territoriais e existências da migração. **Revista Brasileira de Estudos de População**. Rio de Janeiro, v.27, n. 2, pp. 407 – 424, 2010.

MONASTIRSKY, Leonel Brizolla. **Cidade e ferrovia: a mitificação do pátio central da RFFSA em Ponta Grossa**. 1997. Dissertação (Mestrado em Geografia). 190 p. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

NICOLAZZI, Fernando. A narrativa da experiência em Foucault e Thompson. **Anos 90**. Porto Alegre, v.11, n. 19/20, p.101 – 138, 2004.

PAULA, Maria Helena de. Considerações breves sobre cultura rural. **Revista OPSIS**, v. 08, n.11, p. 257 – 274. Outubro de 2008.

PERREIRA, Denise; ZULIAN, Rosângela Wosiack. Ponta Grossa: Rumo aos pressupostos da romanização. **Revista de História Regional**, v.11, pp. 71 – 92, 2006.

PETRUSKI, Maura Regina. **Julho chegou... E a festa também: Sant'Ana e suas comemorações na cidade de Ponta Grossa (1930-1961)**. 2008. 267 f. Tese (Doutorado em História) – UFPR, Curitiba, 2008.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 05, ano 10, p. 200 – 212.

SAMUEL, Raphael. Teatros da memória. **Projeto História**, São Paulo, v. 14, 1997.

SCHNEIDER, Sérgio. A pluriatividade como estratégia de reprodução social da agricultura familiar no Sul do Brasil. **Estudos Sociedade e Agricultura**. p.164-184. Abril de 2001.

SILVA, Antonio Wardison C.; TEIXEIRA, César. Eclesiologia do Concílio Vaticano Segundo. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**. vol.4, n. 6, pp. 17- 28, jun/dez 2010.

SILVA, Edson Armando. **Energia elétrica e desenvolvimento industrial em Ponta Grossa 1904 – 1973**. 1993.196 p. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1993.

SILVA, José Aparício da. **Fatores endógenos e exógenos que levaram à migração/resistência de pequenos produtores do distrito de Itaiacoca – Ponta Grossa – PR, na década de 1970**. 2008. 192 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2008.

SIMMEL, Georg. A sociabilidade (Exemplo de sociologia pura ou formal) In: **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2006.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, romarias, milagres: aspectos do catolicismo popular**. Natal: IFRN, 2013.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, p.14 -23. Set/Nov. 2005.

TEIXEIRA. Joaquim de Sousa. Festa e Identidade. **Comunicação & Cultura**. n. 10, p. 17 – 33, outubro de 2010.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária**. Rio de Janeiro: Paz e terra. 1987.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros. Uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zarár Editores. 1981.

THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: História Oral e estudos de migração. **Revista Brasileira de História**, v. 22, n. 44, São Paulo, pp. 341 – 364, 2002.

TUAN, Yi – Fu. **Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DÍEFEL, 1974.

ZULIAN, Rosângela Wosiack. **Entre o Aggiornamento e a solidão: práticas discursivas de D. Antonio Mazzaroto, primeiro bispo diocesano de Ponta Grossa – PR (1930 – 1965)**. 2009. 438 p. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.p. 35.